

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

Corpo e espírito: representações da homossexualidade no espiritismo

Fernando Augusto de Souza Guimarães

São Carlos – SP

Mai de 2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

Fernando Augusto de Souza Guimarães

Corpo e espírito: representações da homossexualidade no espiritismo

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) como parte dos requisitos a obtenção do título de Mestre em Sociologia, sob orientação do Prof. Dr. André Ricardo de Souza.

São Carlos – SP

Mai de 2018

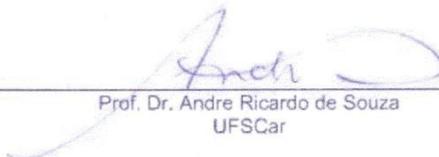


UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Sociologia

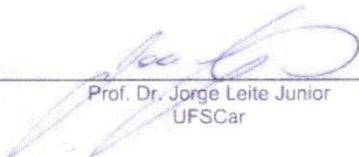
Folha de Aprovação

Assinaturas dos membros da comissão examinadora que avaliou e aprovou a Defesa de Dissertação de Mestrado do candidato Fernando Augusto de Souza Guimarães, realizada em 09/05/2018:



Prof. Dr. Andre Ricardo de Souza
UFSCar

Profa. Dra. Célia da Graça Arribas
UFJF



Prof. Dr. Jorge Leite Junior
UFSCar

Certifico que a defesa realizou-se com a participação à distância do(s) membro(s) Célia da Graça Arribas e, depois das arguições e deliberações realizadas, o(s) participante(s) à distância está(ao) de acordo com o conteúdo do parecer da banca examinadora redigido neste relatório de defesa.



Prof. Dr. Andre Ricardo de Souza

“Quando encontram um ser humano, a primeira distinção que fazem é ‘homem ou mulher?’ e os senhores estão habituados a fazer essa distinção com certeza total. A ciência anatômica compartilha dessa certeza dos senhores num ponto, não mais do que isso... De vez que, excetuando casos muitíssimos raros, apenas uma espécie de produto sexual – óvulos ou espermatozóides – está presente em numa pessoa, os senhores, contudo, não poderão senão ter dúvidas quanto à importância decisiva desses elementos e devem concluir que aquilo que constitui a masculinidade ou a feminilidade é uma característica desconhecida que foge do alcance da anatomia” – *Sigmund Freud* (1974).

Conferência XXXIII – Feminilidade 1933.

Agradecimentos

Todo conhecimento, em última instância, é fruto de trabalho coletivo, portanto, não seria diferente com a presente dissertação. Com essa perspectiva, gostaria de agradecer a todos que de algum modo se envolveram nessa empresa. Começo por Crislene de Oliveira Souza, minha amada e querida mãe, saiba que sou imensamente grato a você, por todo esforço e dedicação no papel de mãe, aliás, papel que desempenhou e ainda desempenha com maestria. Além disso, sou grato por me ensinar o prazer da leitura e o desejo de ser sempre alguém melhor. Agradeço também às minhas avós: Palmira e Maria, que sempre estiveram ao meu lado, cooperando no árduo trabalho de me educar. Junto dessas mulheres de fibra, acrescento minha querida irmã Mariana, a quem não poderia deixar de agradecer.

Devo meus sinceros agradecimentos ao professor e meu orientador, Dr. André Ricardo de Souza, por todo o apoio e suporte durante a elaboração da pesquisa aqui relatada, bem como pela paciência e conhecimentos dignos de um grande mestre. Meu muito obrigado André. Estendo meus agradecimentos aos professores: Dr^a. Célia da Graça Arribas, Dr. Richard Miskolci e Dr. Jorge Leite Jr., que foram fundamentais para lapidação desse texto.

Ainda é preciso agradecer àqueles que cooperaram por meio de diálogos e leituras do texto: Breno, Camila, Giulliano, Manduca, Natália e Sérgio – todos integrantes do Núcleo de Estudos de Religião, Economia e Política (NEREP) e amigos na pesquisa em sociologia da religião. Agradeço ainda meus queridos amigos que estiveram presentes em todas as etapas de execução da pesquisa: Tayla, Nathália, Maria Eugênia, Suni, Thalles, Mariselma, Sarah e Gláucia. Não poderia me esquecer de agradecer a todos os interlocutores que gentilmente contribuíram e me apoiaram durante a pesquisa: Allef Rocha, Ailton Costa, Carlos Luz, Edson Gesualdo, José Turini, Marcelo Saad, Suzana Simões e Wagner Paixão. Agradeço ao Prof. Dr. Pedro Simões que me colocou em contato com sua irmã Suzana e ao Prof. Dr. Flávio Hey de Carvalho. Sou também grato à FAPESP pela concessão da bolsa (Nº processo 2016/16272-8) que possibilitou a realização de todo esse trabalho.

A todos, minha eterna gratidão.

Dedicatória

Dedico este trabalho a todos aqueles que sofreram na vida ao pensar ser impossível a conciliação entre seu desejo e sua religiosidade, e que, por isso, se colocaram na difícil posição de ter de escolher entre viver sua sexualidade ou viver sua religiosidade. Para esses e aqueles que foram simbolicamente violentados em nome da vontade de Deus por não negarem seus desejos, mas antes vivenciá-los, espero lhes conferir forças por meio desse trabalho ao apresentar uma das muitas possibilidades de se conciliar religiosidade e sexualidade diferente. Religiosidade, definitivamente, não é sinônimo de preconceito, e escolher poder ou não viver uma religiosidade não implica na renúncia da dimensão afetivo-sexual de ninguém. Que o direito à religiosidade seja estendido a todos, sem suprimir nenhuma forma de amor.

Resumo

O objetivo dessa pesquisa foi analisar a maneira pela qual a doutrina espírita, por meio da crença na reencarnação e na imortalidade do espírito, explica a diversidade sexual. A análise teve por foco a especificidade pela qual a homossexualidade é compreendida e explicada. Para tanto, comparou-se as representações sobre a homossexualidade em duas dimensões do espiritismo: o institucional e a base religiosa. A consideração no plano institucional se deu a partir de algumas obras a respeito do tema e, sobretudo, nos argumentos de Andrei Moreira, presidente da Associação Médico-Espírita de Minas Gerais (AME-MG), em seu livro: *A Homossexualidade sob a ótica do espírito imortal*. Posteriormente, a pesquisa se voltou à maneira pela qual os membros de dois centros espíritas paulistas, Centro Espírita Amor e Caridade (CEAC) e Centro Espírita Casa do Caminho (CECC), situados respectivamente nas cidades de Bauru e São Carlos, lidam com a questão da sexualidade. Partindo da hipótese de que a maioria dos brasileiros, inclusive os espíritas, não é receptível a indivíduos LGBT (lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros), esta investigação tem como cerne a abordagem do contraste entre o discurso de tolerância no plano institucional e a aceitação dessas sexualidades no contexto espírita do interior paulista. Amparada nas contribuições de Michel Foucault e nas propostas dos estudos *queer*, tomou-se por base da explicação espírita sobre a sexualidade, além do livro de Andrei Moreira, as seguintes obras: *Homossexualidade, reencarnação e vida mental*, de Walter Barcelos; *Vida e Sexo*, de Francisco Cândido Xavier ditado pelo espírito Emanuel, *Sexo e destino*, também de Francisco Xavier ditado pelo espírito de André Luiz, *Além do azul e do rosa: recortes terapêuticos sobre a homossexualidade à luz da doutrina espírita*, escrito por Gibson Bastos e *Sexo e consciência*, de Divaldo Franco, *Encontro com a paz e a saúde e Constelação familiar*, psicografados por Divaldo Franco e ditados pelo espírito Joanna Ângelis e *Sexo e sexualidade* de Regis de Moraes. Posteriormente, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com algumas lideranças espíritas em plano nacional e internacional. Tais dados foram cruzados com os obtidos por meio de entrevistas semi-estruturadas com representantes de ambos os centros junto dos dados obtidos em trabalho de campo. Por fim, em termos de conclusão, o trabalho apresenta a maneira pela qual as crenças na reencarnação e na imortalidade do espírito possibilitam a compreensão da homossexualidade como normal e natural, ademais foi possível contribuir para maior compreensão da dinâmica de funcionamento do movimento espírita.

Palavras-chave: espiritismo, sexualidade, corpo, homossexualidade.

Abstract

The aim of this research was analyzed the way which spiritist theory, by the belief in reincarnation and immortality of the spirit, explain a sexual diversity. The analysis took by goal the specificity which the homosexuality is understood. Therefore, it was compared the representations on the homosexuality in two dimensions of the spiritism: institutional level and the religious base. The consideration on institutional dimension it was from some literary works concerned with this topic and, mainly, at the discourse of Andrei Moreira, ex-president of the Associação Médico-Espírita de Minas Gerais (AME-MG), in his book: *A homossexualidade sob a ótica do espírito imortal*. Subsequently, the research became turned to the way which members of two spiritist centers in the state of São Paulo, Centro Espírita Amor e Caridade e Centro Espírita Casa do Caminho, precisely in the cities of Bauru and São Carlos, deal with the question about sexuality. Starting from the hypothesis of great majority of brasilians, including spiritists, aren't receptive to individuals LGBT (lesbians, gays, bisexuals and transgenders), this research has as its core the approach the contrast between the acceptance discourse in the institutional level which the limited degree of real acceptance of this sexualities in the context of the interior state of São Paulo. Based on the foundations of Michel Foucault and the proposals of queer studies, were taken as a basis of spiritist discourse about sexuality, further then Andrei Moreira's book, the following ones: *Homossexualidade, reencarnação e vida mental* by Walter Barcelos; *Vida e Sexo* by Francisco Cândido Xavier saying by Emanuel spirit and *Além do azul e do rosa – recortes terapêuticos sobre a homossexualidade à luz da doutrina espírita*, wrote by Gibson Bastos and *Sexo e Consciência*, wrote by Divaldo Franco, *Encontro com a paz e a saúde e Constelação familiar*, by Divaldo Franco saying by Joanna Ângelis spirit, and last *Sexo e sexualidade* de Regis de Moraes. After that, semi-structured interviews were conduct with some national and international spiritist leaders. This data were cross-referenced with the results through semi-structured interviews with representatives of both centers with data collected in field work. Finally, in terms of conclusion, this work introduce the way which the believes in reincarnation and immortality of spirit enable the comprehension of homosexuality as natural and normal, in addition it was possible contribute which a greater understanding of the dynamics of functioning of the spiritist movement.

Key-words: spiritism, sexuality, body, homosexuality.

Lista de Siglas

ABrape – Associação Brasileira de Psicólogos Espíritas

AJE – Associação de Juristas Espíritas

AME-MG – Associação Médico Espírita de Minas Gerais

AME-SP – Associação Médico Espírita de São Paulo

AME-Brasil – Associação Médico Espírita do Brasil

AME-Internacional – Associação Médico Espírita Internacional

CEAC – Centro Espírita Amor e Caridade

CECC – Centro Espírita Casa do Caminho

CETAS – Centro de Terapia e Assistência Espiritual

CID – Código Internacional de Doenças

GLBT – Gay, lésbicas, bissexuais e travestis

GLS – Gays, lésbicas e simpatizantes

HEAL – Hospital Espírita André Luiz

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

ICEB – Instituto de Cultura Espírita Brasileiro

ICM – Igreja da Comunidade Metropolitana

IURD – Igreja Universal do Reino de Deus

LGBT – Lésbicas, gays, bissexuais e transexuais

LGBTT – Lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transgêneros

LGBTTIQ – Lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transgêneros, *intersex* e *queer*

OMS – Organização Mundial da Saúde

SUMÁRIO

Introdução.....	12
Relações controversas: homossexualidade e religião.....	12
Religião e Sexualidade: um panorama.....	14
Balizas metodológicas.....	18
 PARTE 1	
 Dois caminhos: um só destino da gênese e desenvolvimento dos movimentos LGBT e espírita.....	22
 Capítulo 1 – A estrada larga: uma breve história da homossexualidade.....	23
Pressupostos teóricos.....	24
Enfim a história.....	28
 Capítulo 2 – O caminho estreito é revelado.....	34
 PARTE 2	
 Diversidade sexual e homossexualidade segundo o espiritismo.....	38
 Capítulo 3 – A pedra angular.....	39
 Capítulo 4 – A explicação moderna.....	49
Além do azul e do rosa.....	60
 PARTE 3	
 Do nível institucional à base religiosa.....	71
 Capítulo 5 – Das lideranças espíritas.....	72

Lideranças reconhecidas pela difusão da explicação sobre a homossexualidade.....	74
Capítulo 6 – A base do movimento em foco.....	80
Centro Espírita Amor e Caridade.....	80
Centro Espírita Casa do Caminho.....	93
Desafios do trabalho de campo.....	95
Conclusões.....	97
Referências bibliográficas.....	103
Referências Espíritas.....	112
Vídeos Assistidos.....	113
Anexo I.....	114
Anexo II.....	115

Introdução

As religiões prosseguem com importância significativa no processo de configuração da realidade social e também das subjetividades individuais. Quanto a questões da moral sexual em grupos religiosos, verifica-se o crescimento de sua dimensão, tanto conservadora quanto política (MACHADO, 2013, GIUMBELLI, 2005). Nas eleições presidenciais de 2010, foi possível observar o grau de influência que líderes religiosos têm no campo político, principalmente em relação aos temas que envolvem aborto e homossexualidade¹.

Partindo desse pressuposto, essa dissertação discorre sobre o modo pela qual o espiritismo², por meio da crença nos princípios da reencarnação e da imortalidade do espírito em convergência com as mudanças no discurso médico atual de despatologização da homossexualidade, normaliza e naturaliza essa expressão sexual. Arelada à análise da explicação espírita quanto à sexualidade, o texto ainda discute a maneira pela qual o corpo perde preponderância na definição do sexo e da sexualidade, bem como algumas características da dinâmica do movimento espírita, ampliando o conhecimento sociológico sobre essa tradição religiosa.

Relação controversa: homossexualidade e religião

Nos últimos anos, ao se considerar o contexto da sociedade brasileira em face dos movimentos que reivindicam promoção dos direitos sexuais (SIMÕES, et al. 2009) nota-se o embate travado no espaço público entre ativistas laicistas e líderes de organizações religiosas. A título de ilustração pode-se mencionar a 19ª Parada LGBT de São Paulo, realizada em 2015, que contou com a aparição de Viviany Beleboni crucificada em trio elétrico durante o evento³. A atuação da atriz transexual teve

¹ Sobre a influência política de lideranças religiosas, consultar: MACHADO, 2012a e 2012b; AVILA, PORTELLA e FERREIRA, 2005; DUARTE *et al*, 2009. Entretanto, convém mencionar a repercussão, positiva neste caso, que teve a declaração de Jorge Mario Bergoglio, o papa Francisco, em julho de 2013: “Se uma pessoa é gay, busca a deus e tem boa vontade, quem sou eu para julgá-la?”. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/poder/2013/07/1318313-se-uma-pessoa-e-gay-e-busca-deus-quem-sou-eu-para-julga-lo-diz-papa.shtml> Acesso: 22 de junho de 2017.

² Embora o termo “espiritismo kardecista” seja usado nas ciências sociais da religião em contraposição ao chamado “espiritismo de umbanda” (CAMARGO, 1961; PRANDI, 2012), optei pela supressão do adjetivo kardecista, devido ao fato de haverem duas vertentes religiosas distintas: o espiritismo e a umbanda.

³ Viviany justificou sua performance como uma tentativa de usar as marcas e o sofrimento de Jesus Cristo para representar as agressões sofridas pelas pessoas LGBT em seu cotidiano. Após esse episódio, a atriz

repercussão nos veículos midiáticos brasileiros, levando à reação de lideranças católicas e evangélicas que a acusaram de profanar símbolos religiosos.

Dois anos depois, em sua 21ª edição, a parada LGBT paulistana teve como tema: Estado laico. Sob essa égide, o evento contou com o lema: “Independente de nossas crenças, nenhuma religião é lei! Todos e todas por um Estado laico”⁴. A justificativa para tal escolha foi de que

A laicidade do Estado democrático garante respeito à diversidade religiosa, humana e cultural. O Estado deve assegurar todos os direitos humanos, tais como a liberdade religiosa, o direito de cada cidadão a exercer ou não a religiosidade que quiser, mas deve ser garantida a não discriminação. Além disso, é necessária a autonomia do Estado frente às Igrejas, garantindo sua imparcialidade.

Os organizadores da Parada LGBT ainda ressaltaram os retrocessos havidos nos anos de 2015 e 2016 quanto à promoção da igualdade de gênero, em face dos planos educacionais. Questionou-se também o estatuto da família, ao expor o fundo religioso no qual este se alicerça ao definir família como arranjo ancorado na relação entre homem e mulher, além da exclusão de vários arranjos familiares distintos que essa definição acarreta. Outra questão levantada pela organização do evento foi com relação ao direito das pessoas LGBT⁵ de escolher ou não uma religião. Frisaram ainda que a maioria das religiões não aceita a comunidade LGBT, chegando inclusive a atacar as religiões “majoritariamente inclusivas”, como as de matriz africana, de modo a prejudicar a vivência religiosa de tais pessoas.

De fato, a relação entre religião e sexualidade tem gerado discussões polêmicas na sociedade brasileira. A interface entre religião e sexualidade, além de atual, possui importância sociológica devido às suas implicações políticas. Por conseguinte, se faz necessário uma breve consideração acerca das diversas considerações religiosas sobre a homossexualidade, para compreensão do cenário no qual emerge a explicação espírita, destacando o caráter inusitado desta, em face de outras vertentes religiosas.

relatou ter sido hostilizada e até sofrido ameaças de morte. Disponível em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2015/06/veja-transexual-crucificada-e-outras-polemicas-com-simbolos-cristaos.html> Acesso: 23 de junho de 2017.

⁴ Para maiores informações consultar o endereço mantido pela organização do evento em: <http://paradasp.org.br/tag/parada-lgbt-2017/> Acesso: 22 de junho de 2017.

⁵ A sigla LGBT foi utilizada pela organização do evento e também nesta dissertação. Contudo, se reconhece a existência de outras identidades não englobadas por ela: *queer*, interssex e assexual, bem como suas respectivas reivindicações políticas.

Religião e homossexualidade: um panorama

Entre as religiões cristãs, o discurso hegemônico embasado no texto bíblico de Gênesis⁶ – de que Deus criou homem e mulher para que tivessem filhos e povoassem a Terra – e posteriormente em Levítico⁷ – de que as relações sexuais entre homens são abomináveis – aponta a homossexualidade como um pecado contra a natureza humana (TORRES, 2006). De maneira geral, a consideração da homossexualidade como tal é uma característica do catolicismo, mas ainda mais do protestantismo pentecostal (NATIVIDADE e OLIVEIRA, 2009). No que tange a religiões monoteístas, tanto o judaísmo quanto o islã também consideram a homossexualidade como pecado (MACHADO; LINS DE BARROS & PICCOLO, 2010).

Ainda no âmbito dessas religiões, o sexo é visto, em boa medida, como algo voltado exclusivamente à procriação e restrito ao ambiente matrimonial (BUSIN, 2011). Embora o discurso religioso cristão tenha tido um papel importante na consolidação do pensamento de reprovação e interdição das não-heterossexualidades e práticas sexuais associadas a estas, há várias afirmações quanto à origem da norma que preza pela monogamia heterossexual em que o sexo só é praticado dentro do casamento. Entretanto, o fato a ser considerado é que na sociedade ocidental, a monogamia, a redução do sexo à reprodução e a consideração do prazer como maléfico – ou negatividade sexual nas palavras de Gayle Rubin (RUBIN, 2003) – são princípios morais que remontam a tempos anteriores à consolidação do cristianismo (FOUCAULT, 2012).

A religião possui um papel importante na manutenção do caráter pecaminoso do sexo. Tal qual destaca Rubin (2003), o discurso difundido entre as sociedades ocidentais de que o sexo é perigoso, destrutivo e ruim, devendo ser controlado ou até mesmo evitado, se sustenta na tradição cristã, sobremaneira, pela consideração das

⁶ Capítulo 1, versículos 27 e 28: “E deus criou o homem à sua imagem, à imagem de deus o criou; homem e mulher os criou. Além disso, deus os abençoou e deus lhes disse: ‘Tenham filhos e tornem-se muitos; encham a terra, tenham domínio sobre os peixes do mar, sobre as criaturas voadoras do céu e sobre toda criatura vivente que se move sobre a terra’”. Posteriormente, o capítulo 19 do mesmo livro se tornou referência no discurso de condenação de práticas homossexuais devido aos relatos envolvendo a destruição das cidades de Sodoma e Gomorra.

⁷ Onde constam duas citações sobre práticas homossexuais, a primeira no capítulo 18, versículo 22: “Não tenhas relações sexuais com um homem, assim como se costuma ter com uma mulher. É um ato detestável”. Sendo a segunda citação no capítulo 20, versículo 13: “Se um homem tem relações sexuais com outro homem, assim como se tem relações com uma mulher, ambos fazem algo detestável. Sem falta devem ser mortos. O próprio sangue deles está sobre eles”.

palavras do apóstolo Paulo de Tarso⁸. Entre a maioria dos adeptos das igrejas cristãs, o discurso hegemônico é o de que a homossexualidade não pode ser aceita nem praticada, sendo ela tida como “uma fase”⁹; interferência espiritual¹⁰, ou como condição que não pode ser mudada, tampouco praticada. Assim, se sugere que a pessoa com tais tendências se torne parte do clero, “santificando-se” através do voto de castidade e evitando o pecado da homossexualidade. Nessa perspectiva, “ser” gay em si não constitui pecado, pois este reside antes no coito com pessoas do mesmo sexo¹¹.

Entretanto, não é possível fazer generalizações sobre a atual postura dessas religiões frente à homossexualidade. Isso por que: 1) embora a homossexualidade seja vista – majoritariamente ainda – como pecado, cada religião tem sua maneira de lidar com o pecador visando sua recuperação; 2) pela existência de discursos contra-hegemônicos dentro dessas religiões.

No que diz respeito aos discursos contra-hegemônicos, pode-se mencionar, quanto ao catolicismo, o movimento leigo Diversidade Católica¹². Fundado em 2003 e sediado no Rio de Janeiro, é um grupo constituído por leigos que defendem e propalam a confluência de duas identidades: católica e gay. O grupo afirma usar o termo gay em sentido amplo, englobando as diferentes identidades sexuais existentes na população LGBT. Essa organização, além de agrupar e dar visibilidade a gays católicos, também busca fazer abordagem teológica favorável à homossexualidade. Outro grupo católico

⁸ Ele cita e condena relações homossexuais, sendo inclusive o único a mencionar as relações homossexuais entre mulheres. Tais citações se encontram em algumas de suas epístolas, sobretudo na Primeira aos Coríntios. Por outro lado, apurada pesquisa acadêmica já apontou erros na tradução de tais documentos que acabaram denotando machismo (BAUMERT, 1999).

⁹ No caso das Testemunhas de Jeová, em livro voltado ao esclarecimento de questões religiosas consideradas de interesse dos jovens e intitulado: *Os Jovens Perguntam*; a questão: “Sinto atração por pessoas do mesmo sexo – será que sou gay?” É respondida com enfático: NÃO. Segundo o livro é fato que em muitos casos, a atração por pessoas do mesmo sexo é só uma fase. Para maiores informações consultar página mantida pelo grupo:

[https://www.jw.org/pt/ensinos-biblicos/familia/adolescentes/pergunta/pressao-para-ser-gay/#?insight\[search_id\]=eb57c6ad-47f1-4e64-85c8-b8fddb870e4e&insight\[search_result_index\]=3](https://www.jw.org/pt/ensinos-biblicos/familia/adolescentes/pergunta/pressao-para-ser-gay/#?insight[search_id]=eb57c6ad-47f1-4e64-85c8-b8fddb870e4e&insight[search_result_index]=3)

Acesso: 10 de julho de 2017.

¹⁰ Um episódio polêmico envolvendo Edir Macedo, representante da IURD, foi exibido em um programa televisivo em que houve o exorcismo de um demônio responsável pela inclinação homossexual de um rapaz. O vídeo pode ser conferido no Youtube:

<https://www.youtube.com/watch?v=PN6AXJxJnSs> Acesso: 05 de julho de 2017.

¹¹ Em se tratando da Igreja Católica, tal postura pode ser conferida na cartilha intitulada: *Instrução sobre os critérios de discernimento vocacional acerca das pessoas com tendências homossexuais e da sua admissão ao seminário e às ordens sacras*. Disponível em:

http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc_con_ccatheduc_doc_20051104_istruzione_po.html Acesso: 31 de janeiro de 2018. Já com relação à postura análoga mantida pelas igrejas pentecostais ver: NATIVIDADE e OLIVEIRA, 2009.

¹² Para maiores informações consultar:

<http://www.diversidadecatolica.com.br/> Acesso: 24 de junho de 2017.

com feições parecidas é denominado Rumos Novos¹³. Este consiste numa associação de homossexuais católicos que promovem reuniões mensais para divulgar temas importantes da pauta LGBT. Vale lembrar que, nestes dois casos, os movimentos são compostos por leigos que defendem um discurso contra-hegemônico no âmbito da Igreja Católica e que em nenhum momento há referência à participação ou apoio de membros do clero católico.

A despeito do posicionamento progressista do papa Francisco, os resultados do Sínodo sobre a Família, realizado em 2015, mostram quão difíceis são mudanças doutrinárias na igreja, já que o Sínodo concluiu que a família, considerada base fundamental da sociedade, começa no matrimônio entre um homem e uma mulher. Assim, a posição institucional católica em relação à homossexualidade se mantém estática, pois o relatório afirma que a igreja é contrária ao casamento de pessoas do mesmo sexo. Embora ressalte a necessidade de se interditar a discriminação de homossexuais, não houve efetivamente nenhuma mudança doutrinária nem de postura da igreja com relação ao tópico.

Ainda no âmbito do cristianismo, cabe mencionar os movimentos que difundem um discurso protestante contra-hegemônico desde o final dos anos 1960 nos Estados Unidos e dos 1990 no Brasil. Estas são as igrejas inclusivas, denominações pentecostais em sua maioria, que não só aceitam, mas também valorizam a homossexualidade, considerando-a como um fenômeno humano natural (NATIVIDADE, 2010). Além disso, parte dessas denominações tem por lideranças ativistas assumidos do movimento LGBT¹⁴. Sendo outra de suas características a reinterpretação de trechos bíblicos sobre a homossexualidade, de modo a refutar condenações e cultivar uma teologia que de fato acolha esses indivíduos (MUSSKOPF, 2003; COELHO JUNIOR, 2012).

¹³ Informações podem ser encontradas no site mantido pelo grupo no endereço: <http://rumosnovos-ghc.blogs.sapo.pt/>. Acesso em: 24 de junho de 2017.

¹⁴ Um caso conhecido, através da mídia nacional, é o do pastor Marcos Lord, também conhecido como Luandha Peron (personagem que interpreta em suas performances como *drag queen*). Membro da Igreja da Comunidade Metropolitana (ICM), no Rio de Janeiro, ele prega montado como tal e participa ativamente do movimento LGBTT.

Também têm destaque no cenário religioso brasileiro, as religiões mediúnicas, sobremaneira: candomblé e umbanda¹⁵. Em se tratando da primeira, a existência de inúmeros pais e mães de santo homossexuais, motivou várias pesquisas sobre o papel que indivíduos LGBT ocupam em tais grupos religiosos. A expressiva bibliografia existente sobre o assunto indica que nesses grupos religiosos a homossexualidade não só é aceita, mas também valorizada. As explicações para tal fenômeno são variadas e englobam desde a identificação dos homossexuais com as mulheres (LANDES, 1967); a consideração de que situações de marginalidade e desvio social aumentam a qualificação religiosa (FRY, 1982 e 1986; FRY e MACRAE, 1983), ou de que certos tipos de homossexualidade resultariam da confluência das lógicas sociais e espirituais historicamente condicionadas (MATORY, 1988). De fato, a relação entre atividade sacerdotal e a homossexualidade no candomblé tem sido objeto de significativa investigação sociológica (BASTIDE, 1961; BIRMAN, 2005; SANTOS, 2008).

Com relação à umbanda, o nível de aceitação da homossexualidade é menor que nos terreiros de candomblé. Constitutivas de um *continuum* mediúnico composto pelo candomblé, seguido pela umbanda e posteriormente do espiritismo, ao se levar em conta a questão da mediunidade como características dessas religiões, sublinha-se a natureza de seus cultos, que se diferenciam (CAMARGO, 1961). Daí as diversas percepções com relação à homossexualidade (BIRMAN, 1995). Tal diferença em grau de aceitação está relacionada ao fato de não existir na umbanda “linhas” específicas, de alguma maneira, afeitas à homossexualidade. Pode haver, portanto, exus homossexuais, pombas giras lésbicas, ciganos homossexuais, mas sempre individualmente, pois as linhas não se relacionam com identidades sexuais (BARROS, 2013). Essa característica da umbanda mantém a sexualidade dentro da esfera do privado, empurrando a homossexualidade a um regime de silêncio e invisibilidade.

Os estudos que exploram a sexualidade nas religiões afro-brasileiras tenderam sempre a traçar comparações entre as diferenças existentes no candomblé e na umbanda. Entretanto, a homossexualidade vista sob a perspectiva do espiritismo foi escolhida para essa pesquisa por não ter sido explorada no âmbito das ciências sociais da religião. Esse é o intento deste trabalho. De modo que a exposição acima não visa comparação entre a

¹⁵ Embora aqui considerada religião mediúnica, esta também pode ser vista como integrante do pluralismo cristão brasileiro devido à consideração da figura de Jesus Cristo por meio do sincretismo com Oxalá, bem como por sua ênfase na caridade (SOUZA, 2017).

maneira como o espiritismo entende a homossexualidade com outras tradições religiosas, antes visa apenas situar o espiritismo num panorama mais amplo sobre o assunto, ressaltando seu caráter inédito.

Balizas metodológicas

Como dito, a realidade brasileira aponta a relevância da investigação sociológica sobre a relação entre religião e sexualidade. Principalmente em se tratando do espiritismo, a pouca produção acadêmica sobre o tema aliada ao fato desta ser a terceira maior filiação religiosa do país¹⁶, com tendência de crescimento (LEWGOY, 2013) e possível subestimação do número real de adeptos (PRANDI, 2013).

Isto posto, o objetivo geral do presente trabalho foi investigar o discurso institucional espírita sobre a homossexualidade em contraposição à realidade cotidiana de sua base religiosa. Explorando assim, as ambiguidades presentes nos discursos sobre a sexualidade humana construídas pelos espíritas em dois níveis de religiosidade: o institucional e o individual.

Como objetivos secundários se estabeleceram: 1) contribuir para a compreensão e análise da maneira pela qual o espiritismo representa a homossexualidade com base nas crenças da reencarnação e imortalidade do espírito. 2) Determinar as aproximações e distanciamentos existentes na perspectiva espírita em relação à visão geral proposta no cristianismo. 3) Delimitar a maneira pela qual os dirigentes de centros espíritas avaliam e encaram a homossexualidade no cotidiano de suas instituições, para verificar se, de fato, há ausência de tratamentos espirituais para a chamada cura da homossexualidade. 4) Ampliar a compreensão sociológica sobre a dinâmica de funcionamento do espiritismo.

A investigação do discurso institucional teve por referência o texto do homeopata Andrei Moreira no âmbito da Associação Médico Espírita de Minas Gerais (AME-MG)¹⁷. Os dados apresentados possibilitam compreender a maneira como a

¹⁶ Conforme o censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2010, as três maiores tradições religiosas são, respectivamente: católica (64%), evangélica (22%) e espírita (2%). Para panorama do cenário religioso brasileiro a partir do censo de 2010, ver: TEIXEIRA e MENEZES, 2013.

¹⁷ Fundada em 1986, a AME-MG tem por objetivo integrar profissionais da saúde no estudo e prática da saúde e espiritualidade através do ensino da doutrina espírita. Junto da Associação Médica Espírita de São

diversidade sexual é explicada através da relação do espírito com o corpo que anima ao se considerar a reencarnação e a imortalidade do espírito. Em outras palavras, compreender a maneira pela qual os princípios doutrinários característicos do espiritismo – reencarnação e imortalidade do espírito – são manipulados na compreensão da sexualidade humana. Ou seja, como a dimensão espiritual se torna relevante à compreensão do desejo.

Posteriormente, para comparação do discurso no âmbito institucional com as percepções da base dessa religião, foram selecionados dois centros espíritas: Amor e Caridade¹⁸ e Casa do Caminho¹⁹, onde houve trabalho de campo envolvendo participação de eventos e palestras, bem como entrevistas com seus dirigentes, onde foi estabelecida as características dos discursos destes sobre o tema. É preciso salientar que estes dois centros são antigos em ambas as cidades e contam com um número significativo de frequentadores. A justificativa para escolha desses municípios se deu pelo percentual de espíritas próximo a média do estado de São Paulo. Na população paulista o contingente espírita é de 3,3%, sendo que os percentuais em Bauru e São Carlos correspondem, respectivamente, a 3,70% e 3,69%. Outra justificativa foi em função dos contatos prévios já estabelecidos com alguns médiuns e frequentadores desses dois centros.

Visando cumprir este objetivo, o texto é composto de seis capítulos divididos em três partes, e uma conclusão. A primeira parte é dedicada à consideração histórica dos significados atribuídos a homossexualidade, destacando o período de surgimento e desenvolvimento dos movimentos homossexuais, bem como o processo de formação e consolidação do espiritismo no Brasil. Para tanto, esta parte conta com dois capítulos, havendo no primeiro, a construção do cenário geral do processo em que há o traslado

Paulo (fundada em 1968, a AME-SP é a entidade pioneira desse tipo, seguida pela AME-MG), foi responsável pelos encontros nacionais bienais de médicos espíritas e, posteriormente, pela fundação da Associação Médico Espírita do Brasil (AME-Brasil) em 1995. Atualmente, no Brasil, existem 62 associações, entre estaduais e regionais. Cabe mencionar a existência da Associação Médica Espírita Internacional que está presente em mais de 5 países.

¹⁸Fundado e situado no centro da cidade de Bauru no ano de 1919 e atualmente presidido por José Silvio Turini, junto dos vice-presidentes Mauro Sebastião Pompílio e Richard Simonetti, renomado escritor espírita natural da cidade. O centro possui vários projetos filantrópicos: Crianças em Ação, Seara da Luz, Creche Nova Esperança, Girrasol, Crescer, Colmeia e Núcleo Nova Esperança, todos voltados ao cuidado, formação e assistência às crianças de comunidades carentes. E ainda coordena o albergue noturno da cidade: a Casa de Passagem.

¹⁹Fundado em 1967, esse centro conta com várias iniciativas assistenciais aos moradores do bairro Tijuco Preto em São Carlos, sendo a mais significativa a Creche Meimei – que sem fins lucrativos atende a 70 crianças da comunidade entre a faixa etária de 2 a 6 anos de idade.

da consideração da sexualidade da moral religiosa ao médico-científico (LOURO, 1999) se insere, bem como as implicações desse no surgimento e na pauta defendida no âmbito dos movimentos homossexuais. O segundo capítulo aborda, sucintamente, a chegada, o desenvolvimento e a consolidação do espiritismo no Brasil, expondo seus aspectos: religioso, científico e filosófico. Ao final dessa parte se busca relacionar a maneira como a explicação espírita pode ser compreendida como parte de um processo histórico marcado pelo surgimento de novas compreensões acerca da homossexualidade, resultado do traslado dessa do campo da moral ao científico, no contexto de avanço de movimentos sociais correlacionados.

A segunda parte, também subdividida em dois capítulos, se dedica à descrição, compreensão e análise da explicação espírita da sexualidade, mais especificamente a homossexualidade. Tal empresa se dá por meio da análise de livros espíritas doutrinários, considerados essenciais à compreensão do tema (AUBRÉE, 2012). Especificamente, o terceiro capítulo foi dedicado à abordagem das referências consideradas fundamentais ao entendimento de tal explicação, por meio das obras de Allan Kardec, Francisco Candido Xavier e Divaldo Franco²⁰. Já o quarto capítulo, se volta à consideração de obras mais recentes que se debruçaram sobre as primeiras, e envolvem os livros de Andrei Moreira, Gibson Bastos, Regis de Moraes, Walter Barcelos e Divaldo Franco.

Por fim, a terceira e última parte desse trabalho se dedica à análise dos efeitos de tais discursos no movimento espírita. Esta conta com outros dois capítulos e a conclusão. No quinto capítulo, é contemplada a atuação de lideranças espíritas dentro do movimento mediante os relatos colhidos na entrevista de algumas delas: Suzana Simões, Walter Paixão e Marcelo Saad. Já o sexto capítulo apresenta as entrevistas com os líderes dos centros espíritas mencionados, comparando-as com as entrevistas apresentadas no capítulo anterior, junto dos resultados obtidos através do trabalho de campo, demarcando os desafios e obstáculos enfrentados na sua execução.

²⁰ Embora se mencione a análise dos livros de Divaldo Franco nos capítulos III e IV, existe uma distinção essencial entre eles, qual seja de que no capítulo III será abordada bibliografia psicografada pelo autor que dedica sua autoria ao espírito Joana de Angelis, e no capítulo subsequente, um livro de sua própria autoria.

Por fim, a conclusão sugere as possibilidades e limites da explicação espírita sobre homossexualidade, explorando os diferentes níveis institucionais do movimento espírita, bem como sua lógica e dinâmica de funcionamento.

PARTE 1

Dois caminhos, um só destino: da gênese e desenvolvimento dos movimentos LGBT e espírita

Levando-se em conta a justificativa de Andrei Moreira, de que o espiritismo precisa ter em consideração as mudanças ocorridas no campo médico – especificamente em relação à psiquiatria e à psicologia – a saber, o fato de que a homossexualidade não é mais considerada doença nem patologia. Bem como o objetivo que autor estabelece para sua obra:

Promover o desenvolvimento da ideologia cristã de acolhimento integral, aceitação incondicional e amor ao próximo, regras áureas do Evangelho de Jesus, base da Doutrina Espírita. Para isso, aliam-se nesta obra conhecimentos científicos e reflexões doutrinárias, objetivando o incentivo ao desenvolvimento de uma cultura inclusiva e amorosa em que se conjuguem valor e ação na prática espírita e na vida dos cristãos (MOREIRA, 2015, p. 29).

Esta parte, dividida em dois capítulos, apresenta a constituição histórica do termo homossexualidade (enquanto categoria médica e identidade utilizada na promoção da equidade sexual) e a consolidação do espiritismo no Brasil. Ou seja, serão considerados os trajetos históricos desses dois movimentos para se compreender a convergência dos discursos: médico e espírita, na explicação da homossexualidade. É apresentada análise diacrônica desses movimentos durante o século XX, visando situar o leitor no processo histórico em que ambos se inserem.

Capítulo 1

A estrada larga: uma breve história da homossexualidade.

Partindo do fato de que enquanto manifestação de uma sexualidade, a homossexualidade fora significada de distintas maneiras por discursos variados, se deslocando, inicialmente, do campo da moral religiosa ao médico científico (LOURO, 2012). Este capítulo visa apresentar alguns marcos do movimento LGBT no que diz respeito às demandas pela desconsideração da homossexualidade como transtorno e patologia.

Para tanto, é preciso antes, abordar o processo geral no qual se insere o traslado da sexualidade do campo da moral religiosa ao científico. Tal acontecimento se relaciona ao processo de secularização da sociedade ocidental e constituição do Estado laico, onde a religião passa do espaço público ao privado, se tornando um referencial ligado mais às decisões individuais que as coletivas.

As considerações de Max Weber (1982) a respeito das esferas da vida social e o papel da secularização na sociedade ocidental explicam esse processo geral. Segundo o sociólogo alemão, o processo de racionalização vivido pelas sociedades ocidentais é parte do que ele designou desencantamento do mundo. Weber expõe a maneira pela qual a magia, durante esse processo, foi perdendo a capacidade explicativa dos fenômenos da vida material, o que em outras palavras, pode ser entendido como a diminuição do poder explicativo da vida e do mundo por parte da religião. Desta maneira, a religião que antes compunha a totalidade da vida social passou a se constituir em apenas uma de suas esferas, disputando espaço com as outras²¹. Em suma, a religião era responsável por atribuir significado aos fenômenos naturais, bem como por orientar a conduta das pessoas. Contudo, no processo de racionalização ocidental, ela foi se tornando assunto da esfera privada e tendo que disputar sua capacidade de conferir inteligibilidade à vida com os discursos produzidos por outras esferas.

A compreensão do processo no qual a sexualidade deixa de ser explicada exclusivamente pela religião, sendo também abordada pela ciência, envolve conhecimento da maneira pela qual os discursos médicos se constituíram e clamaram autonomia explicativa sobre tal tema. Importante salientar que a secularização e a

²¹ Além da religião, Weber identifica outras cinco esferas da vida: econômica, política, estética, erótica e intelectual. Sendo que a ética nunca se constituiu em esfera e encontra-se dissolvida entre elas (WEBER, 1991; SELL, 2012; COHN, 2008).

racionalização mencionadas por Weber são processos e, enquanto tais, não se findaram, estando em curso nas sociedades ocidentais modernas²². Contudo, as religiões ainda seguem como fonte de orientação, no caso do Brasil, à maioria da população²³.

Se acrescentarmos a consideração de Weber às análises e teorias propostas por Pierre Bourdieu (2007), principalmente por meio dos conceitos de campo e bens simbólicos, é possível compreender o campo religioso por meio da disputa pela legitimidade estabelecida dentro de uma mesma tradição religiosa e desta com outras. Segundo o sociólogo, campo é composto por produtores e consumidores de bens simbólicos, sendo autônomo em relação a outros, mas estando em constante disputa para defender sua legitimidade sobre determinados assuntos. De maneira sucinta, pode-se considerar que não apenas a religião, como também a medicina se constituem em dois campos distintos que lutam por legitimidade para explicarem o funcionamento da sexualidade humana. As explicações religiosas e científicas sobre a sexualidade embora disputem legitimidade, não precisam necessariamente estar em discordância.

Dessa forma, a abordagem da sexualidade por diversos discursos tem por plano de fundo o processo de racionalização da sociedade ocidental, o que permitiu que esse tema fosse apropriado por outros campos, rompendo o domínio da religião sobre essa questão.

Pressupostos teóricos

Ao se considerar a história da homossexualidade, é preciso, sublinhar que este é um termo que engloba inúmeros significados sobre uma mesma prática (FRY e MACRAE, 1983). Assim, seus significados variam de acordo com o lugar e a época considerada. No que diz respeito especificamente à palavra, o uso do termo para se referir a contextos anteriores a 1869 consistiria em anacronismo, já que o próprio vocábulo homossexual surgiu apenas nesse ano, quando o médico húngaro Karoly Maria Benkert utilizou o termo em uma carta-protesto contra a criminalização das relações sexuais entre homens na Alemanha (MISKOLCI, 2007). Portanto, antes desse

²² Segundo Weber (1991), o processo de racionalização da vida ocidental tem sua gênese associada à constituição da monoteísta religião judaica.

²³ Os dados do censo do IBGE de 2010 indicam que ateus e agnósticos somam apenas 0,39% da população.

marco histórico será utilizado o termo práticas homossexuais para se referir a esta forma de sexualidade.

Outra consideração com relação à sexualidade consiste em evidenciar seu caráter social. Entretanto, há que se destacar o fato desta não poder ser reduzida apenas à dimensão do social, antes, porém, ressalta-se o valor explicativo pela qual as relações de poder, evidentes em vários discursos (religioso, científico, jurídico) significam essa dimensão da existência humana, atribuindo-lhe caráter simbólico.

Feito tais considerações, as reflexões teóricas propostas se pautaram nas obras de Michel Foucault (2014a), principalmente, no primeiro volume de a *História da sexualidade*. Acrescentando-se as contribuições de Foucault aos estudos *queer*, se aprofundou a discussão da sexualidade no âmbito do espiritismo, com foco no entendimento da maneira como o discurso sobre a homossexualidade é construído no âmbito dessa vertente religiosa.

Dentre as contribuições da obra de Foucault, destaque-se ao escopo da análise a proposição de que a sexualidade é um regime discursivo construído a partir de um poder-saber-prazer, instaurando regimes de verdade pautados no estabelecimento do normal e do patológico. Na concepção do autor, a sexualidade passa a ser considerada uma construção social que se encontra à disposição das instituições sociais, inclusive do Estado, para regular os corpos individuais e populações por meio do biopoder (FOUCAULT, 1979). Segundo ele, existem duas maneiras pelas quais se produzem as verdades do sexo: *ars erotica* e *scientia sexualis* (FOUCAULT 2014a). No caso da sociedade ocidental, os discursos sobre o sexo foram produzidos a partir da *scientia sexualis*, sendo a confissão o instrumento consagrado ao método. A confissão, apesar de sacramentada pelo Concílio de Trento, se secularizou ao longo dos séculos XVIII e XIX, passando a ser incorporada enquanto método pelas ciências que se estruturaram ao redor do sexo: as ciências médicas, sobretudo a psiquiatria e a psicologia. Desse modo, a sexualidade se relacionou aos dispositivos de poder que transformaram o corpo em objeto de saber.

O traslado da sexualidade do campo moral para o científico, não apenas produziu novas verdades sobre o corpo e o sexo, como também novas categorias ou espécies de sujeito. Tais como os homossexuais, os pervertidos, os loucos e os anormais, bem como os respectivos tratamentos para cada um desses desvios. Embora o

senso comum tenda a vincular o sexo às características biológicas, Foucault já havia comprovado a maneira como o sexo está submetido ao dispositivo da sexualidade. A naturalização do sexo se dá pela sua capacidade em organizar toda materialidade do corpo, ao atribuir significado as características biológicas e impor, a partir delas, condutas de comportamento sexual. Assim, a noção de sexo permitiu agrupar numa unidade artificial, elementos anatômicos, funções biológicas, conduta, sensações e prazeres. Sendo o sexo o princípio causal dessa unidade ficcional, ele se tornou significante único e significado universal (FOUCAULT, 2014a:168).

À vista disso, ao se considerar a sexualidade como regime discursivo produzido socialmente, duas formulações de Foucault se fazem necessárias: 1) de que todo discurso instaura uma relação de poder, que transcende a ideia de discursos dominado e dominante, já que o discurso é composto por múltiplos elementos. Sendo necessário que se leve em conta quem está habilitado a falar e quem não possui direito a fala, o que pode ser dito e o que não se deve dizer, além dos silêncios produzidos dentro desse regime, já que todos esses elementos compõem o mesmo discurso. 2) Sendo um regime discursivo, a sexualidade produz a verdade sobre o sexo a partir da linguagem, o que implica na necessidade de se enunciar, de se falar. A regra é feita na fala, bem como sua manutenção. Sendo justamente aí que reside a capacidade de resistência às regras impostas pela sexualidade. Já que a repetição discursiva é necessária à reprodução desse discurso, é através dele que se abre a possibilidade de sua negação.

Embora o objetivo de Foucault no compêndio *História da Sexualidade* não tenha sido o de “reconstruir uma história das condutas e das práticas sexuais de acordo com suas formas sucessivas, sua evolução e sua difusão” (FOUCAULT, 2014b:7), seu trabalho aqui abordado se dá mais pelo caráter histórico de sua exposição que pelas implicações teóricas e políticas do seu pensamento. Como o próprio autor reconheceu

Os estudos que se seguem, assim como outros que anteriormente empreendi, são estudos de “história” pelos campos que tratam e pelas referências que assumem, mas não são trabalhos de historiador. O que não quer dizer que eles resumam ou sintetizem o trabalho feito por outros; eles são – se quisermos encará-los do ponto de vista de sua “pragmática” – o protocolo de um exercício que foi longo, hesitante, e que frequentemente precisou se retomar e se corrigir (FOUCAULT, 2014b:14)

A opção pela consideração do trabalho de Foucault por meio de suas considerações históricas se deve ao alinhamento teórico desse trabalho aos pressupostos

dos estudos *queer*. Assim, as suposições e implicações do pensamento de Foucault convergentes com as considerações propostas pelo *queer* são válidas – como, por exemplo, o caráter social da sexualidade, suas diversas significações por meio de distintos discursos; contudo, se opta pela consideração das propostas do *queer* sobre a existência de um regime social heteronormativo.

Esta opção teórica nega a consideração de Foucault de que o desejo é elemento assujeitador às normas e identidades sexuais. Segundo o autor, o dispositivo da sexualidade tem por princípio de funcionamento o desejo que o sexo incita: “o desejo de tê-lo, de aceder a ele, de descobri-lo, liberá-lo, articulá-lo em discurso, formulá-lo em verdade. Ele (o dispositivo da sexualidade) constituiu o sexo como desejável” (FOUCAULT, 2014a:170). Em seu pensamento, o desejo é visto como produto da sexualidade que se estabelece por meio do princípio do sexo, que aliado a hipótese repressiva, leva os sujeitos a consideração de seus desejos como libertadores, quando na verdade, os assujeita ao dispositivo da sexualidade, obrigando-os a confessarem suas identidades sexuais. Se levado a cabo tal preposição, a ação política visando ampliação de direitos ocorreria acompanhada da recusa da sexualidade. Postura distinta da defendida nos estudos *queer*, que considera possível a desnaturalização do desejo, tornando capaz o reconhecimento de seu caráter socialmente condicionado sem abrir mão do exercício de sua sexualidade, ou mesmo, da importância que esta possui na atualidade para acesso a direitos civis (MISKOLCI, 2017).

Assim, as contribuições de Foucault são utilizadas para ilustrar o processo histórico de abordagem da sexualidade por discursos além do religioso, sendo os estudos *queer* utilizados enquanto instrumentos para análise da explicação espírita sobre a homossexualidade.

Antes, porém, se evoca o significado da palavra *queer* e seu objetivo. O termo inglês é utilizado para denominar o incomum, o bizarro, sendo também uma expressão pejorativa atribuída ao indivíduo não heterossexual. Em português é análogo às expressões como “bicha” e “veado”. Guacira Louro (2001) afirma que esse insulto passou por um processo de ressignificação, nas mãos de militantes estudiosos, designando homens e mulheres que reiteram sua disposição de viver a diferença ou viver na diferença. Os termos designam homens e mulheres que recusam a normalização e a integração condescendente. De fato, o objetivo do *queer* é se mostrar

enquanto um pensamento crítico que visa desafiar identidades e promover uma revisão teórica e política acerca de gênero e sexualidade (MISKOLCI, 2009), questionando a ordem social e cultural que classifica a identidade dos sujeitos em normais e aceitáveis ou abjetas e patológicas (PELÚCIO, 2014). O pressuposto básico do *queer* consiste na centralidade que a heterossexualidade tem no arranjo social, em outras palavras, do caráter heteronormativo das sociedades ocidentais, que pressupõe o desejo como sempre heterossexual e estabelece um padrão (heterossexual) às relações afetivo-sexuais daqueles que se relacionam com pessoas do mesmo gênero (MISKOLCI, 2014). Mais que isso, a própria heterossexualidade²⁴ é vista como produto da homossexualidade, já que aquela se constrói na oposição com esta, sendo ambas constituintes de um mesmo arranjo social: o heteronormativo, pois ambas compõem a mesma rede de significados (SPARGO, 2017). Ou seja, o caráter de invisibilidade conferida à homossexualidade por meio do armário, é um mecanismo constitutivo da heteronormatividade, sujeitando a homossexualidade à heterossexualidade por meio de uma relação de poder desigual entre elas (SEDGWICK, 2007).

Enfim, a história

Sendo, então, a sexualidade uma construção social, compreende-se a razão pela qual diferentes sociedades a significaram de diversas maneiras. O mesmo aconteceu com as práticas homossexuais, que podiam ou não ser aceitas, dependendo das pessoas, práticas ou classe social envolvida. Como no caso da sociedade grega, que aceitava relações entre dois homens, desde que os seus praticantes não fossem indivíduos de um mesmo estrato social. As relações entre indivíduos do mesmo estrato social eram proibidas, já que implicaria em relação desigual entre indivíduos considerados politicamente iguais. Assim, para os gregos, as práticas homossexuais deveriam refletir a posição dos sujeitos dentro da organização social e política dos indivíduos, o sexo era um reflexo da organização social (LAQUEUR, 2001). Aos romanos as práticas homossexuais eram menos aceitas se comparados aos gregos, mesmo assim, existem episódios como o de Antínoo, que devido a suas relações com o Imperador Adriano foi

²⁴ Argumento que comprova tal afirmação consiste na criação do termo heterossexual, embora tenha sido utilizado por Karl Maria Kerteny, sua primeira publicação se deu apenas em 1880 quando Gustav Jager utilizou o termo cunhado por Kerteny. Posteriormente, em 1889, Richard Von Krafft-Ebing incluiu tal vocábulo em seu catálogo *Psicopatia Sexualis* (MARTINS et al, 2014).

declarado deus após morrer afogado no Nilo, em 130 a.C. (ENDSJO, 2014). Dag Endsjo (2014) cita várias religiões que consideravam de maneira positiva as práticas homossexuais, como o budismo e o xintoísmo. Estas duas tratavam essas práticas de modo similar aos dos gregos, aceitando-as sob algumas condições: de que os homens em questão não fossem da mesma idade nem classe social. Mas tal qual salienta Endsjo, a aceitação dessas práticas por parte dessas religiões envolvia apenas práticas homossexuais entre homens, não se estendo a práticas entre mulheres.

Na sociedade ocidental, as práticas homossexuais foram consideradas como pecado por parte da Igreja Medieval. Reflexo da própria constituição do judaísmo – que, como dito, já as proibia no velho testamento. Tais práticas ficaram conhecidas como pecado da sodomia, termo também utilizado para designar relações heterossexuais que envolvessem o coito anal. No caso brasileiro, na época colonial, essas práticas eram denominadas pecado nefando, e punidas, tal qual se fazia em Portugal²⁵.

Tais práticas foram ressignificadas ao longo dos séculos, passando a ser consideradas: crime, doença e indício de degeneração da espécie humana. Contudo, a negação e a interdição da homossexualidade não se deram apenas no campo religioso, uma vez que ela foi significada por saberes médico-legais em finais do século XIX. Como já dito, só a partir do ano de 1869 que o termo homossexual entra no vocabulário médico, em outras palavras é inventada (CECCARELLI, 2008). E a partir de então, uma vasta produção se desenvolveu com base nessa sexualidade “invertida”²⁶ visando à cura ou a reabilitação desses indivíduos. Embora o início do tratamento da homossexualidade como caso médico esteja relacionado à publicação de Karoly Maria Benkert, este representou de certa maneira uma conquista no que tange aos direitos dos homossexuais, pois muitos países puniam judicialmente, inclusive com pena de morte, os acusados de sodomia. De forma que quando o próprio Benkert utilizou o termo homossexual, esse se deu na justificativa do fim da criminalização dessas práticas. Portanto, antes do traslado do campo da religião ao médico, a homossexualidade foi também tema de discursos jurídicos.

²⁵ Maiores detalhes podem ser encontrados em: TREVISAM, 2007; GREEN, 2000; PRESTES e VIANNA, 2008.

²⁶ Denominação do psiquiatra alemão Carl Westphal em seu livro *As sensações sexuais invertidas*, publicado em 1870.

No caso brasileiro, durante as décadas de 1930 e 1940, principalmente, houve produção médica vasta acerca do tópico, devido ao surgimento de um novo campo de conhecimento: a sexologia. Disciplina marginalizada que mesclava os saberes considerados científicos de diferentes disciplinas com conceitos e noções populares sobre corpo e sexo (OLIVEIRA, 2004).

Em tempos mais recentes a homossexualidade²⁷ continuou a ser considerada doença, quando em 1948 foi enquadrada no CID (Código Internacional de Doenças) como personalidade patológica, mais precisamente como desvio sexual. De modo que na segunda metade do século XX novos tratamentos psicológicos e psiquiátricos surgiram para recuperação desses indivíduos. Entretanto, no ano de 1973, a Associação Americana de Psiquiatria deixa de considerar a homossexualidade como doença, dois anos depois a Associação Americana de Psicologia adota a mesma postura, e no caso brasileiro, o Conselho Federal de Psicologia fez o mesmo na década de 1980 (MARTINS *et al*, 2014).

Essa mudança quanto à classificação da homossexualidade enquanto doença, embora pareça um grande avanço com relação aos direitos LGBT não deve ser considerada como um acontecimento espontâneo, porque durante os anos de 1960, ocorreram inúmeras reivindicações de diversos grupos e movimentos sociais. Por isso, convém dar destaque a esta década, uma vez que as mudanças ocorridas nos anos seguintes se devem em muito aos acontecimentos que marcaram o pós-guerra.

Segundo Eric Hobsbawm (1995), o período compreendido entre os anos de 1947 a 1973 pode ser denominado de a Era de Ouro. Período caracterizado por sua prosperidade e “paz”²⁸ no qual novas relações sociais surgiram, e junto dessas, novos atores e diferentes maneiras de se compreender o mundo. Durante esse momento, houve no centro capitalista a passagem de um modelo de sociedade de produção para uma de consumo, acompanhado das revoluções tecnológicas e do novo poder da mídia nas constituições das subjetividades e da cultura (ADELMAN, 2009). Nesses anos, segundo Miriam Adelman (ADELMAN, 2009:24), houve reivindicação por parte de diversos

²⁷ Importante salientar que embora a palavra homossexualismo tenha sido associada à doença e condição patológica, o sufixo *-ismo* significa: *referente à* e não a doença. Mas a palavra, devido ao seu uso, se tornou associada à doença.

²⁸ Embora a Segunda Grande Guerra tenha acabado no ano de 1945, o período entre os anos de 1947 e 1991 foram marcadas pelas tensões políticas da guerra fria, ou seja, existia uma suposta paz no mundo.

grupos sociais marginalizados e invisibilizados para terem o direito de fala e de serem ouvidos. Dessa forma, à década de 60 pode ser considerada como

um momento de extraordinária contestação que se espalhou pelo globo, rompendo com a rigidez social e política da ordem da guerra fria e produzindo uma “desordem social” no *melhor* sentido do termo – desestabilizaram-se e não se respeitaram mais as fronteiras culturais, sociais, sexuais estabelecidos (ADELMAN, 2009:28 – grifo no original).

Dentre os vários movimentos que marcaram a década supracitada, destacam-se os *beats*²⁹, movimento negro contra o *apartheid*, movimentos anticolonialistas, a nova esquerda, o movimento feminista e principalmente, o movimento homossexual. Este último teve seu marco com a rebelião do *Stonewall* em 1969. *Stonewall Inn* era o nome de um bar frequentado pela comunidade LGBT de Nova Iorque, que vinha sofrendo assédios por parte da polícia (nos anos 50 e 60 existia um sistema jurídico anti-homossexuais nos Estados Unidos que justificava a ação policial contra esses), de modo que na madrugada de 28 de junho de 69, os clientes da noite anterior reagiram à polícia e começaram um motim (RIBEIRO, 2011). Desde então, esse tem sido o marco do início das lutas do movimento homossexual e por direitos da população LGBT.

A título de compreensão do movimento pode-se considerar as siglas pelas quais ficou conhecido: GLBT (gays, lésbicas, bissexuais e travestis), LGBT (lésbicas, gays, bissexuais, travestis), LGBTT (lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transgêneros), LGBTTIQ (lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transgêneros, intersexuais, queer). As diferentes siglas usadas nessa luta exprimem as mudanças na compreensão de seus membros sobre suas identidades e do movimento em sua generalidade, mais que isso, evidencia o processo de fragmentação de identidades outras a partir da consideração da homossexualidade³⁰.

Desde então, as mudanças ocorridas com relação à consideração da homossexualidade enquanto doença teve a pressão por parte dos membros de diversos grupos em prol do reconhecimento de suas identidades sexuais e de gênero. Entretanto, não se deve cair na falácia de considerar que desde o ano de 1969 esses sujeitos, por

²⁹ Os *beats* atacavam o conformismo da época, desafiando a normatização da sociedade em seus parâmetros morais e patrióticos. De fato, ao ridicularizarem a sociedade da década de 50, eles abriam a possibilidade de contestação e rejeição daquela modelo de organização social (ADELMAN, 2009).

³⁰ Maiores informações consultar: CARRARA e SIMÕES, 2007; FACCHINI, 2003; 2005, 2009; FACCHINI e FRANÇA, 2009; GREEN, 2000; LOURO, 2001; TREVISAN, 2000.

meio de seus movimentos organizados, ganharam cada vez mais reconhecimento e direitos. Por dois motivos: 1) a ressignificação da homossexualidade devido à associação que houve na década de 1980 entre a infecção do HIV e a população homossexual, de tal modo que a infecção chegou a ser denominada de a peste gay (PAULA E LAGO, 2013; DANIEL e PARKER, 1991). Os efeitos da associação entre a infecção e indivíduos homossexuais, continua até hoje no imaginário popular, que considera AIDS como sinônimo de homossexualidade, mortalidade e degeneração moral. 2) Como salientam Berenice Bento e Larissa Pelúcio (2012), embora tenha sido eliminado o homossexualismo da lista de doenças psiquiátricas no ano de 1973, o que ocorreu desde então

foi uma verdadeira proliferação de novas categorias médicas que seguem patologizando comportamentos a partir do pressuposto heteronormativo, que exige uma linearidade sem fissuras entre sexo genital, gênero, desejo e práticas sexuais (BENTO e PELÚCIO, 2012:572).

Se por um lado os homossexuais deixaram de ser diagnosticados como doentes, por outro, indivíduos identificados por outras identidades de gênero, como travestis e transgêneros, passaram a fazer parte do rol dos chamados transtornos de gênero. Diagnosticadas como detentoras de disforia de gênero, essas identidades continuam sendo patologizadas, sendo necessária, segundo Bento e Pelúcio, a politização dessas identidades tidas como abjetas para superação dessa realidade (BENTO e PELÚCIO, 2012:573).

Portanto, a mudança na concepção das ciências, sobretudo as médicas acerca da homossexualidade esteve ligada ao papel dos movimentos sociais e aos novos saberes que questionavam a centralidade da heteronormatividade nas ciências.

A disputa começou há décadas e vale lembrar como o então **emergente movimento homossexual desafiou frontalmente o saber psiquiátrico no início da década de 1970**, fato sem o qual a homossexualidade não teria sido retirada do manual de diagnósticos de doenças mentais (MISKOLCI, 2014 – grifo nosso).

Em suma, conclui-se que as primeiras significações sobre a homossexualidade estiveram ligadas a concepções religiosas, devido ao papel central da religião no processo de significação da vida. Contudo, com o processo de racionalização e surgimento dos campos sociais, a religião passou a competir com outras explicações acerca da homossexualidade, sobretudo com os discursos científicos e médicos. O

translado da homossexualidade do campo religioso ao científico, envolveu sua apropriação pelo discurso jurídico, e assim, ela foi considerada santa (por algumas religiões e em determinadas condições), pecado, crime e doença. O papel da luta homossexual foi inegável para a revogação do crime de sodomia, pondo fim a apropriação desta por discursos jurídicos. Finalmente, apenas nos últimos anos do século XX, impulsionado pelas demandas dos movimentos LGBT e os conflitos entre seus membros e organizações médicas, que esta sexualidade deixa de ser considerada doença. Desse modo, quando a explicação espírita sobre a homossexualidade cita os discursos médicos, é preciso se ter em mente, que estes a patologizaram, considerando-a doença, cedendo, posteriormente, as demandas da luta LGBT a revogação de tal afirmativa. Contudo, ainda hoje, alguns traços de violência contra LGBT e preconceitos são justificados com base nessa antiga afirmação das ciências médicas ao diagnosticar a homossexualidade como doença.

CAPÍTULO 2

O caminho estreito é revelado

No que diz respeito à história do espiritismo, a exposição a seguir, tem por objetivo discutir brevemente a chegada deste ao Brasil, mais especificamente o modo como se legitimou pela defesa de seu caráter religioso, e como seu processo de legitimação pode ser entendido como estratégia frente o discurso médico e jurídico que tenderam a associar a faculdade mediúnica a transtornos psiquiátricos e as obras assistenciais a charlatanismo. Essa consideração histórica amplia a compreensão do papel do discurso médico na explicação espírita sobre a homossexualidade.

O espiritismo surgiu no século XIX, na França, sob a liderança de Hippolyte Léon Denizard Rivail, pedagogo que adotou o nome pelo qual ficou conhecido posteriormente: Allan Kardec. Kardec inaugurou a base teórico-doutrinária do espiritismo ao decodificar a mensagem de espíritos em cinco obras básicas: *O livro dos espíritos*, *O livro dos médiuns*, *Evangelho segundo o espiritismo*, *Gênese* e, por fim, *Céu e Inferno* (AUBRÉE e LAPLANTINE, 2009).

A data de publicação de *O livro dos espíritos*, 18 de abril de 1857, é considerada o marco do nascimento do espiritismo. Vale lembrar que em meio à onda espiritualista da época, marcada principalmente pelas figuras das irmãs Fox nos Estados Unidos, Kardec (1999) propõe distinção entre os termos espiritualista e espírita. Já no prefácio de *O Livro dos espíritos*, o autor salienta a necessidade de tal distinção devido à polissemia do termo espiritualista. A nova doutrina se denomina espiritismo e seus adeptos espíritas, já que este se constitui num movimento autônomo e distinto de outros. A proposta dessa doutrina buscava a compreensão do mundo e da sua relação com o além, mas “de uma forma bastante inusitada, já que se definia como sendo, ao mesmo tempo, uma doutrina filosófica, científica e religiosa” (ARRIBAS, 2011).

Embora iniciado em solo francês, este logo cruzou o Atlântico, desembarcando em terras brasileiras. Tal qual nascera na França, manteve sua característica múltipla, enquanto: ciência, religião e filosofia. Contudo, devido ao forte catolicismo brasileiro, o espiritismo fora condenado enquanto crença, sendo considerado pecado³¹. Em resultado

³¹ A justificativa utilizada pelo clero católico à época diz respeito principalmente à comunicação com os mortos. Se pautando no Deuteronômio capítulo 18 e versículos de 10-12: “Entre ti não se acharás quem faça passar pelo fogo a seu filho ou a sua filha, nem adivinhador, nem prognosticador, nem agoureiro,

da disputa no campo religioso entre o clero católico com Adolfo Bezerra de Menezes, maior expoente espírita desses embates, houve o estabelecimento desse movimento através de sua feição religiosa (ARRIBAS, 2010). Essa disputa aliada a consideração da postura de Kardec, que via no espiritismo as bases racionais e empíricas capazes de fornecer ao pensamento religioso a possibilidade de testar suas verdades por meio da razão (SIGNATES, 2014), possibilitaram a afirmação por parte de alguns intelectuais orgânicos de que o espiritismo não era concorrente ao catolicismo, mas antes, sua atualização (ARRIBAS, 2013). Reafirmando assim, seu caráter religioso frente ao científico e o filosófico.

Interessante notar que tal disputa travada no campo religioso brasileiro foi possível em grande medida devido à classe social que se identificou com a doutrina de Kardec. O primeiro grupo a considerar o espiritismo no Brasil foi composto por professores, jornalistas e comerciantes relacionados à colônia francesa no Rio de Janeiro. Estes primeiros adeptos do espiritismo não o reconheciam como religião, mas antes como tendência política e filosófica associadas ao socialismo (ARRIBAS, 2011). A partir daí se difundiu pela elite brasileira³², que divergia quanto à classificação deste enquanto ciência ou religião. De modo que a figura de Bezerra de Menezes, como já mencionado, foi fundamental a consolidação do traço religioso do espiritismo frente outras vertentes religiosas, mas também dentro do próprio movimento espírita. Diante da disputa entre aqueles que se denominavam religiosos com os cientificistas, Bezerra de Menezes, no papel de presidente da Federação Espírita Brasileira – FEB, conseguiu apaziguar a luta intra-espíritas através de sua consideração deste como religião.

Vale lembrar que a FEB, fundada em 1884, tinha por objetivo regular as ideias espíritas, representando todas as agremiações e associações no âmbito do movimento³³, além de ser a instituição oficial de divulgação do espiritismo (ARRIBAS, 2010).

nem feiticeiro, nem encantador, nem quem consulte a um espírito adivinhador, nem mágico, **nem quem consulte os mortos**. Pois todo aquele que faz tal coisa é abominação ao Senhor, e por estas abominações o Senhor teu Deus os lança fora de diante de ti” – grifo nosso. Em nome da defesa de tal lei divina, o clero católico no século XIX condenou o pensamento espírita.

³² Os dados do censo do IBGE de 2010 indicam que a população espírita mantém os melhores indicadores de educação, com maior proporção de pessoas com nível superior completo (31,5%) e o menor percentual de indivíduos sem instrução (1,8%).

³³ O movimento espírita conta com várias organizações e instituições, que vão desde os próprios centros espíritas, Associações Médico-Espírita (AME), Associação Brasileira de Psicólogos Espíritas (Abrape), Associação de Juristas Espíritas (AJE), até escolas, creches, albergues e hospitais.

Contudo, no século XX, o espiritismo passa a ser considerado não mais questão apenas da religião, mas também da ciência. De modo que as atividades mediúnicas eram tidas como episódios de doença mental ou mesmo charlatanismo (GIUMBELLI, 1997a, 1997b). Sendo inclusive previsto no código penal de 1891 a prática do “espiritismo” (ARRIBAS, 2011). Tal configuração social decantou o papel da FEB em consolidar o espiritismo enquanto religião. No contexto republicano inaugurado em 1890, a defesa do movimento enquanto religião se deu por três motivos:

Primeiro porque o grupo dos religiosos começava a ter mais forças dentro do movimento espírita, presidindo durante muito tempo a FEB; segundo, porque agora o Espiritismo poderia existir legalmente enquanto uma religião em um país que permitia, segundo a sua mais nova Constituição, a liberdade de culto; e terceiro, porque era necessário defendê-lo diante do recém aprovado Código Penal Brasileiro (ARRIBAS, 2011:6).

Interessante que tal qual a homossexualidade, o espiritismo foi significado pelos discursos: religioso (considerado pecado, por meio da conversa com os mortos), jurídico (enquadrado no Código Penal de 1890 como charlatanismo e espiritismo – concepção próxima a católica) e no discurso médico (como transtorno psiquiátrico). De fato, tal processo pode ser compreendido e explicado ao se levar em conta o contexto geral no qual ocorreu, o já mencionado, processo de racionalização do mundo. Interessante notar o papel que os discursos jurídicos exercem durante essa transição: quando a diminuição do poder da religião se dá, esta se ancora nos âmbitos legais para reafirmar suas condenações, até que o discurso científico roga para si a capacidade explicativa dos fenômenos considerados³⁴. Entretanto é preciso algumas observações: 1) o processo de significação por esses três tipos de discurso não é linear, ou seja, essas significações muitas vezes ocorreram concomitantemente, e não subsequentemente. 2) A desconsideração de uma postura, como por exemplo, de que o espiritismo seja transtorno psiquiátrico, não implica na mudança de concepção das pessoas, pois tais afirmações ficam gravadas no inconsciente coletivo e podem ser acionadas em momentos futuros.

Em suma, conclui-se que embora o espiritismo brasileiro se apresente como componente do campo religioso, não implica que alguns de seus adeptos o considerem como ciência ou filosofia. Embora os espíritas religiosos tenham conseguido

³⁴ O momento em que o espiritismo é abordado pelo discurso médico coincide com o momento em que a homossexualidade também o é. E esses, no caso brasileiro, refletem também o processo de autonomização e legitimação do campo médico no Brasil.

legitimidade dentro do campo espírita ganhando a disputa acerca do que é o espiritismo, às circunstâncias atuais do contexto político-social são distintas: não há condenação penal do espiritismo, bem como há maior tolerância do campo médico na consideração dos episódios mediúnicos. Ou seja, existe a possibilidade de se encontrar disputas dentro do campo, principalmente, ao se considerar contextos regionais e locais do movimento, como centros espíritas específicos. Além disso, o mecanismo de acionamento dos discursos científicos e médicos para justificar a normalidade ou atribuir maior legitimidade a explicação da diversidade sexual a partir da doutrina, evidencia traços do espiritismo que remontam a sua gênese, mais especificamente, sua dimensão trina: ciência, filosofia e religião.

PARTE 2

Diversidade sexual e homossexualidade segundo o espiritismo

A presente parte aborda a explicação espírita da diversidade sexual, visando compreender como a homossexualidade, a partir da consideração da reencarnação e da imortalidade do espírito, passa a ser normal e natural. Para tanto, tal parte é composta por dois capítulos em que são apresentadas as primeiras considerações sobre o tema no âmbito do espiritismo e, posteriormente, as explicações mais recentes a respeito.

Capítulo 3

A pedra angular

Ao longo deste capítulo serão considerados os livros doutrinários básicos, tidos como referências ao entendimento do tema. Os títulos abordados são: *O livro dos espíritos*, de Allan Kardec (1999), *Vida e Sexo*³⁵, de Francisco Cândido Xavier (2015) ditado pelo espírito Emmanuel³⁶, *Sexo e destino*³⁷, também de Xavier em parceria de Waldo Vieira (2013), ditado pelo espírito André Luiz³⁸; *Constelação Familiar*³⁹ e *Encontro com a paz e a saúde*⁴⁰, ambos de Divaldo Franco, ditados pelo espírito Joanna Ângelis⁴¹. Essas obras serão abordadas em separado e primeiramente, por: 1) questão cronológica, pois suas primeiras edições se deram antes da publicação dos livros que serão considerados posteriormente. 2) Em razão de terem sua autoria atribuída a espíritos, sendo então não fruto da reflexão de seus autores, mas antes revelação de espíritos elevados⁴². 3) Porque esses livros se tornaram referência, ou se constituíram de certo modo, a base das novas representações do espiritismo sobre a homossexualidade. Já que os autores espíritas atuais que tratam desse tema se referenciam de algum modo, nessas obras, eles serão considerados no próximo capítulo.

A primeira obra considerada, *O Livro dos espíritos* de Allan Kardec, é tida como referência doutrinária do espiritismo, tendo ela inaugurado o espiritismo na França em 1857, compondo a base sobre a qual toda a doutrina se alicerça (AUBRÉE,

³⁵ Primeira edição de 1970.

³⁶ Alguns espíritos podem ser considerados mentores ou protetores de médiuns (AUBRÉE, 2012), sendo Emmanuel o mentor de Chico Xavier.

³⁷ Primeira Edição de 1963.

³⁸ Outro espírito guia de Chico Xavier e notadamente reconhecido no meio espírita.

³⁹ Primeira edição de 2008.

⁴⁰ Publicação original de 2014.

⁴¹ Espírito guia de Divaldo Franco e conhecido por sua escrita envolvendo a psicologia, principalmente as concepções junguianas e transpessoal.

⁴² Em se tratando de Emmanuel, alguns sugerem que ele e Chico Xavier já tiveram relação de parentesco, sendo o primeiro pai e o segundo, sua filha, em reencarnações anteriores. Também sugerem que uma das reencarnações de Emmanuel se deu na época de Jesus, onde este teria sido um senador romano. Com relação ao espírito André Luiz, em suas palavras a Xavier, ele foi médico sanitário e viveu no Rio de Janeiro antes de se tornar um dos espíritos a ditar livros ao médium mineiro. E no caso de Joanna de Ângelis, atribui-se a ela ao menos três distintas personalidades: Joana de Cusa (uma das mulheres que acompanharam Jesus no momento de sua execução), Juana Inés de La Cruz (pseudônimo religioso da poetisa mexicana Juana de Asbaje) e também a freira baiana Joanna Angélica de Jesus. Toda a história biográfica atribuída aos espíritos é usada na construção de sua legitimidade e acionada para lhes atribuir autoridade.

2009). Sua elaboração por Kardec consistiu na codificação das mensagens dos espíritos transmitidas através de diferentes médiuns, de modo que este fazia perguntas e os espíritos lhe respondiam. Dessa maneira, *O Livro dos Espíritos* se apresenta dividido em várias seções, de acordo com os tópicos considerados, apresentando seu conteúdo por meio de perguntas e suas respectivas respostas. No que tange ao tema sexo, é considerada a afirmação presente nas questões 200, 201 e 202 como proposições básicas ao entendimento deste no mundo espiritual. Assim, têm-se as seguintes perguntas feitas por Kardec junto das respectivas respostas dadas pelos chamados espíritos superiores:

Questão Nº 200: Os espíritos têm sexo?

Resposta: “Não como entendeis, porque os sexos dependem da constituição orgânica. Há entre eles amor e simpatia, mas baseados na afinidade de sentimentos”.

Questão Nº 201: O espírito que animou o corpo de um homem pode animar o de uma mulher, numa nova existência, e vice-versa?

Resposta: “Sim, pois são os mesmos espíritos que animam os homens e as mulheres”.

Questão Nº 202: Quando somos espíritos, preferimos encarnar num corpo de homem ou de mulher?

Resposta: “Isso pouco importa ao espírito; depende das provas que ele tiver que sofrer”.

Com base nessas três afirmações a explicação espírita sobre a sexualidade foi desenvolvida. De maneira sucinta, afirma-se que:

- O sexo é uma condição atrelada ao corpo biológico, ou seja, se manifesta em espíritos encarnados, pois prescinde da relação estabelecida entre o espírito e o corpo que anima;
- Tendo por base a doutrina da reencarnação, os espíritos encarnam variadas vezes na Terra, sendo possível a reencarnação no corpo de homem e de mulher. No meio espírita, diz-se que é necessário que os espíritos tenham experiências reencarnatórias em ambos os tipos de corpos, para que possam completar seu processo evolutivo, constituído de aprendizado;
- A condição do corpo, seja homem ou mulher, poderia ser justificada pelas provações e experiências que o espírito tem de passar. De maneira que dependendo das pendências de vidas pretéritas ou dos objetivos daquela

experiência reencarnatória (missão individual específica) se pode justificar a forma do corpo físico no qual o espírito reside.

De fato, essas proposições compõem a explicação básica sobre o sexo no espiritismo, contudo, existe uma distinção estabelecida entre a doutrina espírita e as demais religiões cristãs⁴³ que deve ser considerada. Diferente de grande parte do catolicismo e do protestantismo, que tendem em boa medida a vincular o sexo a uma força negativa ou pecaminosa (RUBIN, 2003), exaltando a castidade e o celibato; no espiritismo, a energia sexual é considerada uma força positiva e criativa, fundamental à vida (FRANCO, 2010; BARCELOS, 2014). Na doutrina espírita, a energia sexual é parte constitutiva da matéria⁴⁴, sendo a maneira como esta é empregada indício do grau evolutivo dos espíritos. Sucintamente, pode-se dizer que existem três maneiras de se empregar esta energia: por instinto, por sensação e por sentimento. Na ordem citada, é estabelecido o processo evolutivo. Nos espíritos primitivos, o sexo é experimentado por instinto. Posteriormente, com o desenvolvimento espiritual, o sexo passa a ser realizado visando à satisfação do desejo e dos prazeres, ou a busca por sensações. Finalmente, no estágio mais avançado do processo evolutivo o sexo se vincula as emoções, sendo aquele realizado por amor o melhor emprego possível da energia sexual (XAVIER, 2015).

Interessante notar que no caso desse processo, o espírito Emmanuel (XAVIER, 2015) menciona ainda outras características que tipificam o grau de evolução humana de acordo com o emprego dessa energia. Ao comentar a pergunta 60 de o *Livro dos Espíritos*, Emmanuel diz que “a energia sexual envolve o impositivo de discernimento e responsabilidade em sua aplicação, e que, por isso mesmo, deve estar controlada por valores morais que lhe garantam o emprego digno” (XAVIER, 2015: 20). Tal processo de aprendizagem moral do emprego da energia sexual é assinalado por meio do aprendizado da monogamia, sendo este um valor espírita assumido. Segundo Emmanuel, através das experiências dolorosas que acompanham o processo reencarnatório dos espíritos durante o período em que praticam poligamia, estes “aprendem a necessária disciplina do seu mundo emotivo” (XAVIER, 2015:20).

⁴³Devido ao culto central de Jesus Cristo e à materialização do princípio cristão da caridade em suas obras assistenciais, o espiritismo é também considerado parte do cristianismo (AUBRÉE E LAPLANTINE, 2009; ARRIBAS, 2010; LEWGOY, 2008; SOUZA, 2012; TEIXEIRA, 2010).

⁴⁴Sobre energia sexual, questão 60 de o *Livro dos Espíritos*: “É a mesma força que une os elementos da matéria nos corpos orgânicos e inorgânicos?” Resposta: “Sim, a lei de atração é a mesma para todos”.

Tal consideração acerca do processo evolutivo dos espíritos por meio da monogamia está de acordo com a resposta à questão de número 695 de o *Livro dos Espíritos*:

Questão nº 695: Será contrário à lei da natureza o casamento, isto é, a união permanente de dois seres?

Resposta: É um progresso na marcha da humanidade.

Portanto, no que diz respeito à energia sexual, pode-se concluir que esta deve ser empregada com dignidade, conforme os parâmetros espíritas, orientada por meio de valores morais e dentro do modelo monogâmico, baseado em sentimento, mais precisamente, no amor entre os cônjuges. Concebe-se o casamento como marca evolutiva capaz de propiciar as condições possíveis para tal realidade.

Tal consideração acerca do sexo é claramente compreendida pelas elaborações de Gayle Rubin (2003) ao expor a hierarquia sexual estabelecida nas sociedades ocidentais a partir de várias formas de julgamento sexual, seja religioso, psicológico, feminista ou socialista. Em todas, existe uma classificação que estabelece hierarquia acerca do que seria o bom e o mau sexo, o aceitável e o patológico. Estes não coexistem de maneira autônoma, mas antes compõem um contínuo que vai do bom ao mau sexo, classificando as práticas e desejos sexuais em aceitáveis ou não.

Mesmo Rubin demonstra que em alguns círculos sociais alguns tipos de homossexualidade são aceitos, desde que esta seja experimentada a partir da maneira correta de se viver o sexo, uma vez que “supomos que a sexualidade deve se acomodar a um único padrão” (RUBIN, 2003:18). Assim, ao levarmos em conta as palavras específicas do espírito Emmanuel sobre a homossexualidade, é importante ter em mente essa tendência de se conceber maneiras corretas e dignas nas quais as práticas e desejos sexuais (homo ou hétero) são pensados e a partir do qual a hierarquia do sexo é constituída.

Emmanuel dedica um capítulo do livro ao tema da homossexualidade. Tal capítulo se inicia com a reprodução da pergunta 202 de o *Livro dos Espíritos* (aqui já reproduzida) sendo o primeiro parágrafo desse tópico voltado às limitações que a ciência encontra em explicar a homossexualidade e a possibilidade de sua compreensão a partir da consideração da reencarnação.

A homossexualidade, também hoje chamada de transexualidade, em alguns círculos de ciência, definindo-se, no conjunto de suas características, por tendência da criatura do mesmo sexo, não encontra explicação fundamental nos estudos psicológicos que tratam do assunto em bases materialistas, mas é perfeitamente compreensível à luz da reencarnação (XAVIER, 2015, p. 83).

Após ressaltar os limites que as explicações materialistas encontram, Emmanuel discute preconceito. Afirma a necessidade que as pessoas não heterossexuais têm de lutar pela solicitação de atenção e respeito, buscando condições de igualdade frente aos direitos dos heterossexuais. Ele critica essa realidade, apontando a necessidade que a humanidade tem de aprender que os conceitos de normalidade e anormalidade não podem ser identificados por aspectos morfológicos.

A coletividade humana aprenderá, **gradativamente**, a compreender que os conceitos de normalidade e de anormalidade deixam a desejar quando se trate simplesmente de sinais morfológicos, para se erguerem como agentes mais elevados de definição da dignidade humana, uma vez que a individualidade, em si, exalta a vida comunitária pelo próprio comportamento na sustentação do bem de todos ou a deprime pelo mal que causa com a parte que assume no jogo da delinquência (XAVIER, 2015:84 – grifo nosso).

Marcadas essas críticas em relação ao arranjo social que discrimina os homossexuais e a necessidade de se superar a classificação destes em normais e anormais com base em distinções morfológicas bem como a necessidade de se considerar a dignidade humana de todos, Emmanuel inicia a explicação acerca da homossexualidade. Antes de expor três causas dela, o espírito guia de Chico Xavier ressalta uma característica dos seres a ser levada em conta: a existência de uma bissexualidade⁴⁵, tida como inerente a todas as criaturas⁴⁶.

A bissexualidade seria resultado das experiências reencarnatórias distintas, enquanto homem e mulher. De modo que, ao longo de várias experiências reencarnatórias em ambas as condições de existência, o espírito estabelece afinidades

⁴⁵ Interessante notar o paralelo que pode ser traçado entre a explanação de Emmanuel e algumas considerações de Freud. Em sua teoria, Freud elabora o conceito de bissexualidade psíquica que grosso modo, implica no vazio – ou na falta – que caracteriza o objeto de desejo, em se tratando de um espaço vazio, não há predeterminação da dinâmica sexual. Qualquer coisa (pessoas ou objetos) poderia ser eleita como objeto do desejo. Assim, a falta primária estabelece a psique humana bissexual, podendo eleger como objeto de desejo pessoas e objetos de qualquer gênero, independente de sua morfologia ou identificação, não havendo fundamentação biológica ou morfológica para orientação do desejo. Maiores informações consultar: CECCARELLI, 2010; BARROCAS, 2011; JORGE, 2007, PEREIRA, MARQUES e SPERONI, 2012; FREUD, 1908, 1914, 1924 e 1933.

⁴⁶ Termo comumente utilizado na bibliografia espírita para se referir as existências encarnadas, ou seja, os espíritos que possuem corpo físico e estão vivendo em condições de materialidade orgânica.

essenciais com a masculinidade ou feminilidade, que acabam sendo carregadas por ele em suas existências carnis seguintes. Aqui não se deve pensar que os espíritos são sexuados, antes, porém, que eles carregam afinidades e tendências das maneiras de ser típicas das condições sexuadas da existência corporal. Em outras palavras, eles aprendem as características da masculinidade e da feminilidade, o que caracterizaria sua bissexualidade. Contudo, a imortalidade do espírito possibilita a estes estabelecerem afinidades com uma dessas duas características, sendo mais masculinos ou mais femininos independentemente do corpo que animem, em resultado da memória de suas existências anteriores.

Entretanto, para além dessa bissexualidade pronunciada, Emmanuel cita três justificativas para a existência da homossexualidade:

- Quando os espíritos possuem muitas reencarnações seguidas no mesmo tipo corporal, ou seja, reencarnam muitas vezes seguidas como homem ou como mulher e então, quando dá inversão do tipo físico no qual deve existir, o espírito pode apresentar os traços ou características típicos das sucessivas existências passadas. Em suma, a homossexualidade masculina, por exemplo, poderia ser resultado da experiência reencarnatória de um espírito que tenha existido muitas vezes como mulher e que se viu encarnado num corpo com o qual não estava acostumado. O mesmo, evidentemente, vale para explicar a homossexualidade feminina.
- Outra explicação possível está relacionada às obrigações regenerativas do espírito. Levando em conta a lei de causa e efeito⁴⁷, um espírito que tenha abusado de suas energias sexuais e destruído relações construtivas ou lares estabelecidos poderia ser induzido a uma existência em condição morfológica diferente da anterior com vistas a aprender a reajustar seus próprios sentimentos.
- A última explicação possível está relacionada à existência de espíritos evoluídos, cultos e sensíveis, que visando realizar tarefas específicas à elevação da humanidade e de si próprios, acabam revestindo corpos carnis distintos de

⁴⁷ Está relacionada à chamada justiça divina, segundo o qual temos de pagar ou arcar com as consequências de nossas ações. Em se tratando do espiritismo, algumas das consequências podem ser cobradas em outras existências, de modo que, enquanto encarnados, podemos responder pelas consequências de ações em vidas pretéritas. Não obstante, pode-se também ser necessária a reparação de nossos erros para com outros espíritos em vidas pretéritas na existência atual. Tal afirmação doutrinária encontra-se no capítulo 10 de o *Livro dos Espíritos*.

sua estrutura psicológica, a fim de se resguardarem de relações afetivas e sexuais, direcionando sua capacidade criativa (energia sexual) à conquista desses objetivos nobres.

Estas são as três maneiras pela qual Emmanuel explica a homossexualidade: a existência de uma “memória” que os espíritos carregam de reencarnações anteriores, a necessidade de expiação e reparação por erros em existências pretéritas ou o compromisso com a execução de obras nobres (em certa medida, essa homossexualidade seria entendida como resultado de um estado avançado de evolução espiritual, contudo, não parece estar ligada à realização de uma vida sexual efetiva, sendo antes, porém, não exercida). Por tanto, a terceira causa explicativa da homossexualidade parece relacionar esta a uma espécie de celibato, fruto de concepção ou compromisso individual para com atos maiores e nobres.

Tal consideração acerca do celibato e da abstinência sexual também é comentada por Emmanuel. Segundo ele existem duas formas de se viver essa abstinência sexual: de modo consciente, visando doar a sua vida a trabalhos caritativos em prol dos semelhantes; ou por força maior de inibições diversas, que podem estar relacionadas a características de nascimento que impõe à abstinência sexual, seja para sanar erros pretéritos ou por processos de inversão. Assim, mais uma vez parece estar relacionada certa forma de abstinência sexual com condições de homossexualidade – a inversão sexual.

Já *Sexo e Destino* (XAVIER, 2013), psicografado por Francisco Xavier e Waldo Vieira, ditado por André Luiz, é a única obra observada nesse capítulo que se constitui como narrativa. Através das vivências do espírito André Luiz, o livro apresenta “lições” sobre o sexo, o amor e o destino, por meio de relatos de casos envolvendo a experiência de encarnados e desencarnados. Mais especificamente, apenas no capítulo 9 da segunda parte da obra, trecho psicografado por Francisco Xavier, há breve citação da homossexualidade, aliás, tal vocábulo aparece apenas duas vezes ao longo de todo o livro.

Com relação à abordagem específica da homossexualidade, apreende-se do relato que embora muitos espíritos reencarnem em condições inversivas (inversão entre a polaridade física e a psicológica) estes sofrem ao serem tachados de anormais. O autor espiritual e parceiro de Chico Xavier ressalta que haverá mudança desse cenário, mas

que esta é lenta, pois se ocorresse de maneira abrupta levaria à desagregação da sociedade. Ele diz que os espíritos que reencarnam nessas condições o fazem para melhorar e aperfeiçoar, nunca para serem punidos ou sofrerem o mal, embora possam fazê-lo para expiação de erros passados. Por fim, o espírito André Luiz menciona que no futuro, todos viverão em condição de igualdade, sem mais sofrerem devido à alcunha de anormais.

Feita essa breve menção da homossexualidade, o livro se mostra útil ao exercício do sexo, que tal qual recomendou Emmanuel, deve ser pautado pelo amor e sentimentos elevados, sempre visando o uso consciente com objetivos que transcendem o mero prazer carnal. De tal modo que, André Luiz, ao relatar essas várias situações, se preocupa em fornecer exemplos de atitudes desenfreadas ou descontroladas do sexo, seu uso por instinto ou mero utilitarismo sensitivo. Em suma, o livro apresenta o modelo geral pelo qual o exercício do bom sexo deveria se pautar.

Ambos os livros mencionados de Divaldo Franco foram ditados pelo espírito Joanna de Ângelis, conhecida no movimento espírita como figura essencial ao entendimento da psicologia transpessoal. Embora suas obras não se relacionem especificamente com a questão da homossexualidade, nessas duas obras, ao abordar a questão do sexo, Ângelis tangencialmente comenta a questão da homossexualidade.

Em *Constelação Familiar* (FRANCO, 2015) Ângelis destaca a necessidade de conversação sadia no âmbito familiar sobre o sexo. Além de incentivar os pais que detectarem “preferências de natureza homossexual” em seus filhos a lhes ensinarem comportamentos saudáveis, para tratarem a si e aos outros com respeito (FRANCO, 2015:106). Ela continua a orientação aos pais para que

Não considerem a ocorrência como uma infelicidade ou punição divina, como era normal nos redutos onde predominava ou remanesce a desinformação. A problemática não é de natureza homo ou heterossexual, **mas sim moral**, colocando acima da opção a conduta de cada qual na maneira correta de conduzir a existência (FRANCO, 2015:106 – grifo nosso)

No que tange a *Encontro com a paz e a saúde* (FRANCO, 2014), o espírito Ângelis reafirma que a homossexualidade não tem natureza patológica e chega a citar o posicionamento da Organização Mundial de Saúde. Ela diz que amar alguém do mesmo sexo não é sinal de distúrbio ou desequilíbrio de personalidade, mas é antes “uma opção

que merece respeito, podendo também ser considerada como uma certa predisposição fisiológica” (FRANCO, 2014:155).

Uma vez que é a conduta moral do espírito que estabelece sua existência como harmônica ou conflitiva (aqui Joanna de Ângelis faz referência a conflitos internos, psicológicos), insatisfeita ou não. Não há razão para que o amor seja negado, já que este, em toda e qualquer situação que o ser humano se encontre, define rumos favoráveis à existência.

Apesar da coerência entre as explicações gerais propostas por Emmanuel e André Luiz com as de Joanna de Ângelis, é preciso ressaltar que esta última cita um funcionamento da homossexualidade que nega uma das explicações de Emmanuel. Segundo Ângelis, a afetividade homossexual é resultado de conflitos entre a polaridade física e a psicológica, cabendo aos indivíduos escolher viver de acordo com os princípios éticos-morais e se inspirarem no amor real. Contudo, ao demarcar a necessidade do progresso por meio das reencarnações em ambas as polaridades, masculina e feminina, não se devem conferir nenhum caráter cármico ou punitivo às experiências que vivem conflitos entre a polaridade física e a psicológica.

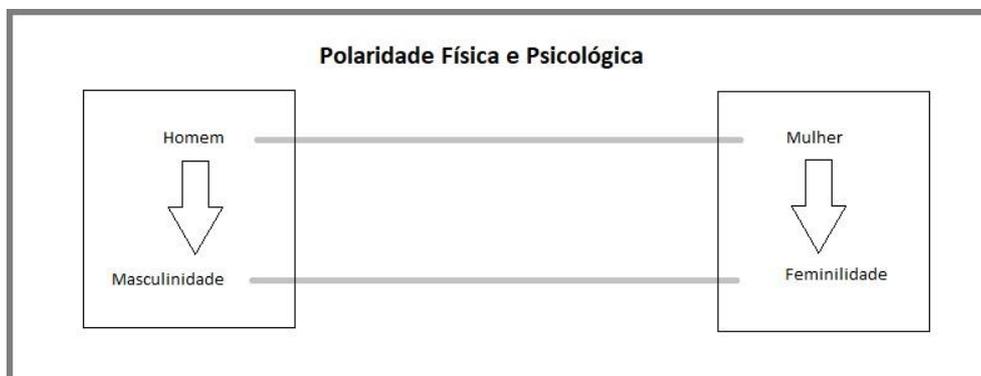
O espírito progride viajando através de ambas as polaridades, masculina e feminina, facultando que, na mudança de uma para a outra, por necessidade de progresso, as *marcas (arquétipos)* da existência anterior fixem-se na constituição atual, sem nenhum caráter de natureza cármica, punitiva, como pretendem alguns estudiosos, ou por efeito da necessidade de retificação de erros anteriormente praticados, vivendo novas experiências iluminativas (FRANCO, 2014:154).

Tal afirmação vai de encontro a uma das teses propostas por Emmanuel: de que a inversão da polaridade física (a inversão do corpo) seja justificada por pendências no uso abusivo das energias sexuais ou expiação pela destruição de relações construtivas em existências passadas. Dessa forma, para Emmanuel a mudança no corpo poderia ser justificada por ações de vidas pretéritas, entretanto, para Joanna de Ângelis essas mudanças seguem seu fluxo “natural” de progresso, não sendo influenciadas desse modo por ações pretéritas que devem ser cobradas.

Interessante notar que, segundo Ângelis, existem duas polaridades nas quais os espíritos transitam: polaridade física e a polaridade psicológica. A primeira, diz respeito às possibilidades de se encarnar em apenas dois tipos de corpos: homem ou mulher. Já a

segunda se relaciona a polaridade que se sobrepõem a primeira e representa a masculinidade e a feminilidade. Desse modo, existe uma correlação entre os quatro pólos: se aprende a masculinidade nos corpos de “homem” e a feminilidade nos corpos de “mulher”.

Figura 1. Tipos de polaridade.



Fonte: Autoria própria.

Nesse esquema, o espírito se desloca ou se encontra em ambas as polaridades, e embora exista a correlação entre o tipo de corpo e o comportamento, as linhas da polaridade não são coincidentes. De modo que a polaridade psicológica não é definida pela polaridade física, mas influenciada. Daí a questão do conflito homossexual: entre aquilo que se sente (masculinidade ou feminilidade) e aquilo que se é. Lembrando que as disposições psicológicas são construídas a partir da experiência reencarnatória dos espíritos imortais.

Em resumo, ao se tomar por base a abordagem que Alan Kardec, Emmanuel e André Luiz por Francisco Xavier e Joanna de Ângelis por Divaldo Franco fazem sobre gênero e sexualidade, conclui-se que tanto o gênero quanto o sexo seriam condições transitórias que se manifestam no corpo, já que o espírito em sua essência, não tem sexo. Sendo a inversão nas experiências dos espíritos em corpos de homem ou de mulher condição necessária ao seu processo evolutivo, e também variável explicativa da existência de sexualidades distintas da heterossexual. Contudo, salienta-se que esta é a explicação básica que se dá à existência da diversidade sexual, sendo necessária a consideração de produções mais atuais que se debruçam sobre elas, tidas como base da explicação espírita sobre a sexualidade. Assim, no próximo capítulo serão abordados os trabalhos de outros autores espíritas.

CAPÍTULO 4

A explicação moderna

No presente capítulo são consideradas obras que tratam do tema e se relacionam com as primeiras ao citá-las. A consideração a seguir se pauta nos seguintes livros: *Homossexualidade sob a ótica do espírito imortal*, de Andrei Moreira (2016), *Além do rosa e do azul: recortes terapêuticos sobre a homossexualidade*, de Gibson Bastos (2012), *Homossexualidade, reencarnação e vida mental*, de Walter Barcelos (2014); *Sexo e sexualidade: visão espírita*, de Regis de Moraes (2015), e finalmente, *Sexo e Consciência* de Divaldo Franco (2017).

Devido à impossibilidade de reduzir a representação da homossexualidade apenas às explicações fornecidas pelas obras de Kardec e Chico Xavier. Avançamos pela seara da explicação espírita sobre a diversidade sexual, mas antes, é importante frisar a observação de Javier Marmolejo (2007) de que a representação da sexualidade no espiritismo é dinâmica e se ampara em sua afinidade com a ciência e a filosofia. O autor afirma que a sexualidade é

construída a partir dos discursos da ciência médica, fortemente prestigiados no espiritismo, e resignificada com base nas regras e normas morais kardecistas. Esta construção sociocultural da sexualidade entre os espíritas não é estática, é negociada pelos seus protagonistas conforme os avanços em matéria de direitos humanos e, especificamente, em direitos sexuais e reprodutivos (MARMOLEJO, 2007:46).

De fato, Andrei Moreira (2015), em seu livro, agrega o discurso médico às crenças espíritas sobre reencarnação, memória de vidas passadas e disjunção corpo/espírito, para explicar a diversidade sexual humana. Mais que isso, o autor lança mão do discurso médico como justificativa da necessidade em se considerar esta sexualidade como normal.

Em seu discurso, os primeiros argumentos a favor da aceitação da homossexualidade como não patológica passam pela recapitulação histórica desta perante as considerações médicas. Pela condição de médico homeopata, Moreira dá bastante valor ao fato de a homossexualidade ter deixado de ser classificada como doença, destacando o papel de três instituições: Associação Americana de Psiquiatria, Associação Americana de Psicologia e o Conselho Federal de Psicologia (no caso brasileiro). O autor, antes de apresentar a explicação espírita sobre o tema, busca

legitimar seus argumentos ao definir as considerações do campo médico científico, qual seja, de que a homossexualidade não é doença psiquiátrica nem transtorno psicológico. Aliás, ao apresentar o livro ele ressalta que seu trabalho se constitui na exposição da visão científica aliada à reflexão doutrinária (MOREIRA, 2018).

Para além, o livro conta com o prefácio de Jaider Rodrigues de Paulo, médico psiquiatra fundador e dirigente (por 16 anos) da AME-MG, e ex-diretor clínico do Hospital Espírita André Luiz (HEAL) ⁴⁸. Rodrigues de Paulo sublinha a importância da obra, já que trata de reflexões – “lúcidas e cristãs”, em suas palavras – a respeito da sexualidade humana, resultado de “pesquisa séria de autores respeitados”. Outra observação do psiquiatra reside em salientar que o conteúdo do livro “não se trata de apologia à promiscuidade e ao vale-tudo para ser feliz” (MOREIRA, 2015:19), sendo, antes, abordagem respeitosa “da condição sexual que uma pessoa possa experimentar, em função do livre-arbítrio que lhe foi outorgado pelo Criador” (MOREIRA, 2015:19). Depreende-se da introdução de Rodrigues de Paulo que seu argumento converge com os ideais espíritas de regulamentação e bom uso da energia sexual, sendo, contudo necessário o respeito pelo livre-arbítrio, individualizando a responsabilidade de seu uso e marcando de antemão o conteúdo do livro, que preza pelo uso moral e sensato da sexualidade.

Além do prefácio de Jaider, o livro conta também com uma apresentação redigida por Laura Martins, conferencista e educadora da Universidade do Espírito de Minas Gerais (UniSpiritus) ⁴⁹. Outra expoente de destaque do movimento espírita mineiro, Martins ressalta em seu texto o papel do livro em “iluminar o caminho dos indivíduos” – homossexuais – e de suas famílias no desafio de autoaceitação e inclusão social. Ela destaca que o preconceito é o maior responsável pelas dificuldades de plena expressão da individualidade e da cidadania de homossexuais. Além disso, a autora sublinha o fato de não se poder atrelar o “caráter” individual à sexualidade, não sendo possível julgar o caráter de ninguém a partir de sua identidade e expressão sexual, já que

⁴⁸ Instituição beneficente de assistência à saúde mental e guiada pela orientação da doutrina espírita de acolhimento, fraternidade e humanização. Localizado na cidade de Belo Horizonte – MG, conta com 160 leitos para internação e 60 vagas para tratamento de homens com drogadição por meio do Centro de Terapia e Assistência Espiritual (CETAS), além de fornecer atendimento ambulatorial de psicólogos e psiquiatras e moradia assistida. Para maiores informações: <http://heal.org.br/>

⁴⁹ A Casa de Everilda Batista integra a UniSpiritus, fundada em novembro de 1992. O propósito da instituição é divulgar as ideias espíritas, apresentando-as como capazes de libertar a consciência individual. Conta ainda com o apoio da Editora Casa dos Espíritos, Colegiado de Guardiões e Instituto Robson Pinheiro.

estas não são capazes de definir caráter. E ressalta ainda, a necessidade de se considerar o homossexual, antes de tudo, como pessoa, recorrendo à universalidade do gênero humano.

A partir da figura de Rodrigues de Paulo e de Martins, pode-se ainda destacar o apoio institucional que Moreira recebe da AME e outras instituições espíritas de prestígio em Minas Gerais, bem como a tentativa destas de reforçar o caráter de seriedade e importância da obra. Tal apoio pode ser compreendido enquanto forma de se agregar reconhecimento à condição de subalternidade e invisibilidade do tema. Ou mais ainda, aumentar o prestígio do escritor ao agregar reconhecimento e apoio de pessoas influentes no movimento espírita.

Antes, porém, de considerar a explicação de Moreira, é preciso destacar sua preocupação, já no primeiro capítulo da obra, em salientar que a diferença biológica é apenas o ponto de partida para a construção social do gênero, que são associadas às concepções sociais sobre masculinidade e feminilidade. Contudo, o diferencial de sua obra em relação às outras consideradas nesse tópico, reside na preocupação do autor com as definições dos conceitos que envolvem a sexualidade. Em vista disso, Moreira apresenta as definições acerca dos termos: sexo biológico, identidade sexual, orientação sexual, papéis sexuais, heterossexualidade, homossexualidade, bissexualidade, assexualidade, travestis, transexuais e intersexos.

Entre as definições utilizadas pelo autor se confundem concepções médicas com as defendidas por movimentos LGBT. Por exemplo, pode-se mencionar a questão do sexo biológico que para o autor:

O sexo biológico é aquele com o qual o indivíduo nasce, composto pelos órgãos sexuais externos e internos ou definitivos. Pode ser masculino, feminino ou hermafrodita. Este último caracteriza-se pela presença dos dois sexos biológicos externos e um interno, o que pode ser corrigido pela medicina após realizar-se avaliação de quais órgãos sexuais internos o indivíduo possui (MOREIRA, 2015:33).

Nesse trecho é possível verificar que a ideia de sexo se defini pelos termos masculino e feminino, sendo o hermafrodita uma condição que necessita de correção médica. Em outras palavras, essa concepção se embasa no binômio masculino/feminino para designar duas possíveis existências possíveis: homem/mulher. A definição aqui traçada se ancora na concepção normativa onde o que não é enquadrado por esse binômio roga correção.

Já identidade sexual é definida do seguinte modo:

A identidade sexual representa aquilo que o indivíduo pensa e sente que é, ou seja, aquilo que ele “vê” quando se olha no espelho. Pode ser masculina ou feminina, independentemente do sexo biológico. Isso significa que um indivíduo que seja biologicamente masculino, que tenha nascido macho, pode se olhar no espelho e reconhecer-se como mulher, rejeitando sua biologia, bem como uma pessoa que seja biologicamente feminina, tendo nascido fêmea, pode-se olhar no espelho e reconhecer-se como homem (MOREIRA, 2015:34).

Aqui é possível perceber a polissemia dos termos masculino e feminino, antes estavam atrelados as condições e características biológicas e físicas dos corpos se tornam agora representações que os indivíduos fazem de si. Embora ainda, ainda se ressalte a determinação biológica dos termos já que “um indivíduo que seja biologicamente masculino, que tenha nascido macho, pode se olhar no espelho e reconhecer-se como mulher, rejeitando sua biologia” (MOREIRA, 2015:34). A possibilidade de não se ver como masculino ou feminino embora exista, implica na rejeição da condição biologicamente dada, já que ser biologicamente masculino é nascer macho e não mulher. De novo, o sexo, como característica biológica, determina a masculinidade ou feminilidade.

Com relação à orientação sexual, próximo item abordado pelo autor, este é definido como “o direcionamento do desejo sexual e do afeto para um determinado sexo, que pode ser o mesmo do indivíduo ou não. Pode ser heterossexual, homossexual ou bissexual” (MOREIRA, 2015:34). Interessante que aqui se pode entrever importante traço da explicação espírita sobre a sexualidade: sua consideração para além do desejo sexual, envolvendo afeto. Outra definição apresentada pelo autor é sobre papéis sexuais:

Os papéis sexuais representam um comportamento do indivíduo dentro de uma relação homossexual ou heterossexual. O papel pode ser passivo ou ativo, masculino ou feminino, independente do sexo do indivíduo. Por exemplo, um casal heterossexual pode ser composto por um indivíduo do sexo masculino que seja passivo, sensível e afetivo, características próprias do feminino e um indivíduo do sexo feminino que seja ativo, determinado, objetivo, características próprias do masculino complementando-se entre si. Esses papéis determinam funções que podem ser alternadas entre os indivíduos de forma harmônica ou não, complementar ou não. Para compreender melhor esse exemplo, observe que, hoje em dia, se vê muito a revisão dos conceitos de família e muitos homens permanecem no lar cuidando dos filhos e da casa, atividade que era exclusivamente atribuída ao feminino, enquanto suas esposas trabalham fora para o sustento do lar, atividade secularmente consagrada ao homem, ao masculino (MOREIRA, 2015:34,35).

A partir dessa definição é possível compreender a importância dada ao sexo como fator fundamental de construção dos conceitos de identidade sexual, orientação sexual e papéis sexuais. Mesmo que indivíduos possam ser ativos ou passivos, masculinos e femininos independentemente de seu sexo, ainda assim ser ativo, determinado e objetivo são características tipicamente masculinas, sendo as características tipicamente femininas passividade, sensibilidade e afetividade. Ou seja, mesmo as características dos indivíduos são determinadas em certo grau de acordo com seu sexo. Portanto, apesar de ressaltar que essas características não sejam definidas pelo sexo, tal qual afirma Andrei Moreira, ainda assim, ele não abdica do sexo como causa primeira dessas características. Tal conclusão fica ainda mais evidente em sua definição de heterossexualidade.

O heterossexual é um indivíduo que, na maioria das vezes, tem a conformação biológica do seu sexo original, ou seja, daquele com o qual nasceu, a identidade sexual do seu sexo biológico e a orientação do desejo voltado para o sexo oposto. Pode ter papéis sexuais variados e complementares (MOREIRA, 2015:35).

A heterossexualidade é definida pelo autor como a conformação biológica do seu sexo, ou seja, sua identidade sexual e orientação do desejo em conformidade com seu sexo original. Já no caso dos indivíduos homossexuais⁵⁰, para o autor estes tem conformação biológica com seu sexo original e sua “identidade é a mesma do sexo biológico, ou seja, o homem se olha no espelho e se vê e se sente como um homem, e a mulher se olha no espelho e se vê e se sente mulher” (MOREIRA, 2015:35). Aqui novamente se nota um paradoxo entre as afirmações do autor, que se por um lado ressalta que desejo e identidade não são determinadas pelo sexo, ainda defende a ideia de “conformação biológicas” ao trabalhar com a definição desses conceitos.

As definições do autor sobre bissexualidade, assexualidade e travestis são controversas. Segundo ele, o bissexual tem conformação biológica e orientação do desejo para ambos os sexos, contudo em se tratando da homossexualidade, esta não define caráter nem personalidade. Não obstante, ele cita uma pesquisa da psiquiatra e sexóloga Carmita Abdo (2004), *Descoberta sexual do Brasil para curiosos e estudiosos*,

⁵⁰ Nesse tópico o autor ressalta que não se pode utilizar o termo homossexualismo, pois este foi historicamente estabelecido diagnóstico médico, indicando doença. Afirma que hoje, a ciência considera a homossexualidade enquanto variante normal do comportamento sexual humano. Havendo ainda nesse tópico, a preocupação em sublinhar que o termo homossexual não define personalidade, comportamento nem papel sexual. Bem como que casais homossexuais possuem dinâmica própria de relacionamento, não havendo a reprodução da configuração tradicional homem/mulher, ativo/passivo.

onde estatísticas comprovaram comportamento mais promíscuo em bissexuais que em hétero ou homossexuais. Com base nessa afirmação, Andrei Moreira justifica que uma das causas de tal realidade poderia estar relacionada à existência de homossexuais reprimidos ou com baixa auto-aceitação, levando-os a se definirem como bissexuais. No caso das travestis, a autor trata essa identidade sempre no masculino: o travesti. Menciona ainda a classificação destes no código F65.1 do CID-10. A assexualidade é considerada pelo autor como condição patológica, ou melhor, transtorno de desejo sexual hipoativo, em consonância com o código F52.0 – 302.71 do CID 10 e também do Manual Diagnóstico e Estatístico de Desordens Mentais (DSM IV).

O autor ainda ressalta que é preciso saber diferenciar estes diferentes gêneros e que, em se tratando da homossexualidade, é preciso fazer uma distinção entre *orientação sexual* e *comportamento sexual*. Segundo ele, alguns indivíduos podem ter relações homossexuais sem que sejam necessariamente homossexuais, assim teriam comportamento e não orientação homossexual.

No curso do mesmo capítulo, Moreira ainda aborda outro tema: distúrbios da sexualidade. E apresenta uma lista com os códigos de classificação do CID-10 sobre o tema. Entre os transtornos de preferência sexual são citados: as parafilias⁵¹, o fetichismo⁵², o travestismo fetichista⁵³, exibicionismo⁵⁴, voyeurismo⁵⁵, pedofilia⁵⁶, sadomasoquismo⁵⁷ e transtornos múltiplos da preferência sexual⁵⁸.

Com base nessas proposições, as considerações de Moreira parecem transcender a linearidade criada entre sexo-gênero-desejo. O que estaria de acordo com as análises de Judith Butler (2003) de que gênero não é definido a partir do sexo biológico. Contudo, depreende-se o valor central que o sexo biológico possui na identificação do gênero dos indivíduos para Moreira, bem como a sua consideração do sexo enquanto dado natural e biológico, inclusive sua capacidade em definir o desejo, tal qual expõe em sua definição da heterossexualidade: “indivíduo que tem conformação

⁵¹ Desejos pervertidos ou anormais.

⁵² Uso de objetos inanimados ou de texturas como estímulo da excitação e satisfação sexual.

⁵³ O uso de roupas do sexo oposto visando excitação sexual.

⁵⁴ Tendência em expor seus órgãos genitais a pessoas desconhecidas ou pessoas em locais públicos.

⁵⁵ Excitação em se observar pessoas em atividades sexuais ou íntimas – como o tirar as roupas ou usando o banheiro.

⁵⁶ Preferência sexual por crianças.

⁵⁷ Masoquismo: preferência por atividade sexual que implica humilhação ou subserviência. Sadismo: excitação sexual em se humilhar ou controlar outrem.

⁵⁸ Associação de mais de uma anomalia de preferência sexual.

da identidade sexual com seu sexo biológico” (MOREIRA, 2015:35). Segundo Butler (2003) a consideração do sexo como dado natural ou característica imutável, é o fundamento do discurso binário que estabelece a existência de dois gêneros: o masculino e o feminino. O que levaria a uma continuidade estabelecida entre sexo e gênero, já que o homem corresponderia ao masculino e a mulher ao feminino. Assim, segundo a filósofa, a ruptura dessa linearidade é estabelecida por meio da contestação da naturalidade do sexo. O que implica na consideração do sexo como constructo social, tal qual o gênero. De fato para Butler

o gênero não deve ser meramente concebido como a inscrição cultural de significado num sexo previamente dado (uma concepção jurídica); tem de designar também o aparato mesmo de produção mediante o qual os próprios sexos são estabelecidos. Resulta daí que o gênero não está para a cultura como sexo está para a natureza; ele também é o meio discursivo/cultural pelo qual a “natureza sexuada” ou “um sexo natural” é produzido e estabelecido como “pré-discursivo” anterior à cultura, uma superfície politicamente neutra *sobre a qual* age a cultura (BUTLER, 2003:25 – grifo original).

Tem-se, desse modo, o limite lógico da distinção sexo/gênero, que implica na “descontinuidade radical entre corpos sexuados e gêneros culturalmente construídos” (BUTLER, 2003:24). Portanto, dentro da concepção apresentada por Moreira em suas definições sobre os conceitos concernentes ao entendimento da sexualidade, a consideração do sexo como dado biológico ou característica natural com a qual os indivíduos nascem, implica no pressuposto de um binarismo dos sexos e uma linearidade entre sexo/gênero. Pois, não desnaturaliza a condição cultural sexuada imposta sobre os corpos por meio do discurso.

Outras duas considerações que devem ser feitas com relação às definições apresentadas por Moreira consistem em: 1) ao se valer do trabalho de Carmita Abdo (2004), o autor relaciona a bissexualidade à promiscuidade, o que pode levar a compreensão de que esta sexualidade estivesse ligada ao caráter ou personalidade daqueles que se identificam com ela. Ainda com relação à bissexualidade, ao sugerir a razão dessa a existência de homossexuais reprimidos ou com baixa auto-aceitação, sua legitimidade enquanto identidade é diminuída, já que ela não existe *per se* sendo antes, resultado de um tipo de vivência homossexual. Daí reforça-se a existência da sexualidade por meio do binômio: hétero/homo.

2) Ao abordar a questão da assexualidade, o autor adverte que embora seja costumeira associação entre assexualidade e lideranças espíritas, com base na ausência de parceiros afetivos, tal associação deveria ser evitada. Uma vez que, assexualidade é caracterizada como patologia, não se poderia utilizar essa associação, pois consistiria na patologização destes indivíduos.

Outro importante ponto mencionado pelo autor reside na consideração do tema no meio espírito. Moreira aponta a maneira como muitas tradições religiosas, ou seus fiéis, são preconceituosas, chegando a agir com violência contra indivíduos homossexuais. Contudo, é destacado que mesmo sendo objetivo do espiritismo o compromisso com a evolução humana e a formação de homens de bem, ainda assim existem atitudes de discriminação contra homossexuais, o que implicaria na negação da “essência” do espiritismo.

[...] ainda observamos atitudes retrógradas de discriminação abertas e declaradas, que negam a própria essência do espiritismo. Piores, ainda, são as atitudes de discriminação velada, quando se evita falar sobre o tema ou se proíbe o debate do assunto em reuniões públicas ou grupos de estudos, impondo-se a opinião de um ou outro como a manifestação da verdade universal, inibindo-se o acesso à informação e a capacidade de raciocínio dos estudantes do Espiritismo, que apresenta farto material de análise e educação (MOREIRA, 2015:78)

O trecho acima consiste em denúncia das atitudes abertas e veladas de discriminação dentro dos centros e outras instituições espíritas. Mais que isso, se percebe o papel que dirigentes dessas instituições exercem ao cercear o debate do tema, escondendo a homossexualidade no armário ao qual ela pertence.

A exposição prossegue abordando a contribuição das ciências sobre o entendimento secular do tema, passando pelas formulações das ciências biológicas, psicológicas e psiquiátricas. Antes da consideração da explicação de Moreira, é preciso mencionar duas proposições: 1) uma crítica do autor ao uso do termo “invertido” por parte dos espíritas, pois tal formulação cria a falsa impressão de que homossexuais estariam insatisfeitos com seu sexo, desejando as características típicas do outro sexo. Além disso, Andrei ressalta que a noção de invertido estabelece a heterossexualidade como norma e a homossexualidade como comportamento contrário ao natural. 2) Sob o tópico: *Posicionamento de eminentes espíritas*, é mencionado o trabalho e a formulação

de dois espíritas brasileiros conhecidos: Jorge Andrea⁵⁹ e Herculano Pires⁶⁰. Para o primeiro a homossexualidade é sim patológica, recomendando aos que sofrem de tal patologia o remédio da “castidade absoluta e o direcionamento das energias para trabalhos construtivos” (MOREIRA, 2015:138). Em se tratando de Pires, este vincula homossexualidade a obsessão e vampirismo, considerando a homossexualidade patológica e recomendando o mesmo remédio de Jorge Andrea. Embora ambos tenham expressado tais opiniões no século passado e se pautado nas formulações científicas da sua época, Moreira nos vislumbra com o efeito de tais afirmações por parte dessas lideranças, qual seja

O grande problema é que essas opiniões pessoais, embasadas nos conceitos da psicanálise e da psiquiatria da época, viraram fortes referências e são amplamente repetidas no movimento espírita [...] (MOREIRA, 2015:140)

Tal afirmação de Moreira assimila parte da hipótese deste trabalho: de que no movimento espírita ainda há consideração da homossexualidade como patológica e, embora não “exista tratamento para sua cura”, é possível considerar a imposição da castidade como remédio a tal patologia⁶¹. Procedimento consonante com de outras vertentes religiosas como a católica, por exemplo, que concebe o trabalho clerical como maneira de se evitar esse pecado, já que este implicaria na obrigatoriedade da castidade. Não vista apenas como patologia biológica, a homossexualidade pode ser considerada efeito de espíritos obsessores. A despeito de tal consideração, houve realização de uma entrevista com estudante de medicina transgênera, filha⁶² de liderança espírita carioca, que relatou ter sido obrigada pelo pai a participar de atendimentos no centro espírita, onde por meio de oração e passe, houve suposta tentativa de se interromper a ação de espíritos obsessores. Embora não seja possível fazer generalizações sobre tais comportamentos, ainda assim, tal relato, junto da crítica de Moreira explicitam o preconceito e a associação entre homossexualidade e patologia ou ação de maus espíritos, havendo nesses casos tentativas de tratamento: castidade, oração e passe. Contudo, o trabalho de campo realizado indica a possibilidade de tais acontecimentos

⁵⁹ Psiquiatra e escritor brasileiro, conhecido por seu trabalho como pesquisados e conferencista espírita. Presidente de honra do Instituto de Cultura Espírita do Brasil – ICEB, considerado figura importante do movimento espírita brasileiro, nascido à 10 de agosto de 1916 veio a falecer em fevereiro de 2017.

⁶⁰ Escritor, filósofo, jornalista e acadêmico conhecido por seus livros e trabalho de divulgação do espiritismo. Nasceu em 25 de setembro de 1914 e faleceu em 9 de março de 1979.

⁶¹ Andrei Moreira crítica a “habitual” receita que se faz aos homossexuais: prescrição da abstinência (MOREIRA, 2015:196).

⁶² A fim de salvaguardar a identidade dessa interlocutora, optou-se por não usar pseudônimo nenhum em sua referência.

como casos isolados, que remontam a sobrevivência de práticas que estão paulatinamente sendo deixadas de ser praticadas nos centros espíritas.

Ressalvas feitas, a explicação de Moreira começa pela consideração da energia sexual, que para o autor é a segunda maior força no universo, perdendo apenas para a força do amor. Após destacar o papel da energia sexual, conclui que a sexualidade é fonte de bênçãos, sendo a relação entre dois seres, quando baseada no respeito e consideradas fonte de alegrias. De tal modo, é preciso aprender a valorizar “essa construção sagrada divina a fim de respeitarmos a grandeza da criação” (MOREIRA, 2015:149). O texto do homeopata prossegue abordando a questão da bissexualidade psíquica, ao citar o espírito Emmanuel em *Vida e Sexo*, e até mesmo o trabalho de Freud. Tal característica do espírito é resultado da alternância de encarnações em ambas as possibilidades de corpos. Apesar das críticas às opiniões de Jorge Andrea, o autor recorre ao trabalho desse intelectual espírita:

Narra-nos ele que todo ser humano traz dentro de si as energias sexuais masculinas e femininas. A presença quase exclusiva de qualquer uma das duas é característico do processo evolutivo em fase inicial, visto que o Espírito, vivenciando amos os sexos, vai **armazenando em si a memória da experiência** e a **qualidade energética que lhe formata o psiquismo**. (MOREIRA, 2015:153 – grifo nosso)

Depreende-se que a existência exclusiva das energias masculinas ou femininas em um espírito apenas ocorre no início de seu processo evolutivo. De modo que ao longo de sua jornada reencarnatória, ao acumular as memórias de outras vivências, passa a conter percentuais de ambas, e eventualmente, tendo o psiquismo formado por aquela que possui em maior quantidade. Portanto, em todos os relacionamentos afetivos, deve haver compensação dessas energias entre os parceiros, seja hétero ou homossexuais. A implicação dessa proposição é de que, em relacionamento monogâmico, um dos parceiros sempre terá mais energia feminina e ou outro masculina. Logo, independente da sexualidade dos parceiros, há a essencialização do masculino e do feminino como sendo os elementos constitutivos de um relacionamento afetivo-sexual. Em outras palavras, embora haja transcendência do corpo, como detentor dessa essência, ainda assim, há reprodução do par binário: masculino e feminino, só que interiorizado ao espírito e compensado no cônjuge da relação.

Com relação às causas da homossexualidade, Andrei cita 5 delas:

- Consequência natural do reflexo mental e emocional condicionado na vivência no mesmo sexo por muitas reencarnações;
- Condição facilitadora da execução espiritual;
- Situação provacional e expiatória decorrente do abuso das faculdades genésicas e do sentimento alheio;
- Reflexo mental condicionado decorrente de situações obsessivas;
- Condição reativa decorrente do processo educacional atual e/ou traumas infanto-adolescentes;

As três primeiras causas enumeradas pelo autor estão em consonância com as mencionadas por Emmanuel, havendo a mesma divergência entre a terceira com a exposição do espírito Joanna de Ângelis de que a homossexualidade não seria resultado de expiação ou prova. Já a quarta causa, indica aproximação com o mesmo discurso criticado em Herculano Pires, associando esta sexualidade como efeito de alguma relação com espíritos obsessores. E por fim, a última causa associa esta sexualidade ao sofrimento de traumas e abusos enquanto crianças. Interessante notar que, mesmo preocupado com a superação de discursos que possibilitem a patologização da homossexualidade, Andrei reconhece que esta pode ser tanto fruto da ação de espíritos obsessores quanto desencadeada por trauma. Em ambas as situações a homossexualidade seria revestida de um caráter patológico, expressando espécie de desvio. Contudo, o autor nesse momento não reconhece tal possibilidade, nem critica as implicações abertas por essas justificativas causais.

Andrei Moreira exorta que as razões para a homossexualidade são múltiplas e devem ser consideradas em cada caso individual. Afirma também que ela é uma expressão natural de sexualidade, sendo os comportamentos fora das regras (monogamia, lealdade, sexo pautado no amor...) que caracterizam a anormalidade de uma pessoa, independente de sua sexualidade. Em sua visão, o problema que tange a questão da homossexualidade se concentra na questão do sexo anal. Pouco debatido no meio espírita segundo ele, mas que independentemente das discussões morais sobre essa prática, deveria prevalecer o caráter pessoal de se escolher ou não tal prática.

O livro segue falando de casamento, e defende a monogamia entre casais homossexuais, o que implica na liberação do casamento, como meio efetivo de se vivenciar uma vida afetivo-sexual saudável. Aborda a questão da pornografia, vista

com maus olhos, algo indesejável que leva ao tratamento do humano como objeto. Menciona ainda a questão da adoção por casais homossexuais, dentre outros assuntos. Destaca-se o tópico: *A homossexualidade na Bíblia*, onde há reinterpretação de textos bíblicos, a saber, os já mencionados na introdução desse trabalho: Gênesis, Levítico, Romanos, Coríntios e Timóteo. Andrei argumenta que a destruição de Sodoma não estava ligada às práticas homossexuais, nem que as práticas sexuais no mundo moderno estejam ligadas a ritos religiosos, como ocorre no Levítico. Já com relação às epístolas de Paulo, o autor diz que se tratam de expressões pessoais do apóstolo, que como todo humano, também possuía falhas e estava apto a fazer julgamentos errados.

Por fim, o texto de Andrei aconselha a se tomar posição crítica frente aos movimentos LGBT, já que pregam falsa liberdade sexual. Segundo o médico, é preciso manter em mente a questão da fidelidade e do afeto nas relações homossexuais, duas características que o movimento gay⁶³ não defende. Além de mencionar que não deveria haver restrição alguma à participação de homossexuais nos trabalhos espíritas.

Além do azul e do rosa

O próximo livro a ser considerado é o de Gibson Bastos⁶⁴: *Além do azul e do rosa recortes terapêuticos sobre a homossexualidade à luz da doutrina espírita*. A obra é prefaciada por Cezar Braga Said, psicólogo e pedagogo, ressaltando que o livro aborda “um tema delicado, tratado como tabu no meio espírita” (BASTOS, 2012:9). Aqui se tem, novamente, reconhecimento da maneira como o tema da homossexualidade é abordado, de modo geral, pelos integrantes do movimento espírita: como tabu. De fato, o livro conta com dois capítulos voltados a revisão do posicionamento de espíritas frente ao tema. São eles: *Os espíritos e a homossexualidade* e *Os centros espíritas e os homossexuais*. O autor salienta a necessidade desses dois capítulos devido à existência de:

Autores e expositores espíritas que, ao abordarem a questão
Espiritismo e Homossexualidade o fazem de forma preconceituosa,

⁶³ Preciso notar que embora Moreira afirme ser necessária a desconsideração dos estereótipos sobre homossexuais, a distinção que ele faz nos usos dos termos homossexual e gay, não isentam a segunda identidade dos preconceitos que tenta desconstruir na primeira.

⁶⁴ Psicólogo por formação é conhecido por seu trabalho de evangelização infanto-juvenil e pelo atendimento fraterno as crianças e jovens que frequentam a Mocidade Espírita André Luiz do Centro Espírita Léon Denis – CELD.

usando para isso argumentos já ultrapassados pela Ciência e distantes dos ensinamentos deixados pelos espíritos superiores. (BASTOS, 2012:15, grifos do original).

Mais que isso, Bastos ressalta a necessidade de se “analisar as mensagens ditadas pelos espíritos à luz da razão, (...) pois a morte não nos livra dos preconceitos e os médiuns podem interferir na comunicação mediúnica” (BASTOS, 2012:15). Portanto, encontra-se aqui relativização dos conteúdos expressos por espíritos, além da necessidade de consideração das próprias ideias e convicções dos médiuns que participam da comunicação com os espíritos, já que ambos poderiam expressar preconceitos sobre o tema.

Outra observação do autor faz referência à realidade de alguns centros espíritas, onde dirigentes e membros discriminam homossexuais e bissexuais ao impedirem a participação destes nos trabalhos dos centros. Alegam que os trejeitos desses indivíduos ou o fato de não viverem em castidade absoluta os tornam inaptos a participar das atividades do centro e acabam “ferindo a lei de fraternidade ensinada por Jesus” (BASTOS, 2012:15).

De maneira geral, o autor parte da consideração de que a sexualidade humana é uma construção social e que a ciência não pode responder as questões concernentes ao por quê da diversidade sexual, cabendo à doutrina espírita preencher as lacunas deixadas pela ciência. O estudo da lei da reencarnação seria, segundo Bastos, capaz de proporcionar explicação racional para compreensão da diversidade sexual e as maneiras para se encontrar a felicidade dentro de cada uma delas (BASTOS, 2012:17).

Portanto, a postura do autor reside na consideração de que a doutrina espírita possibilita descobrir a verdade acerca da diversidade sexual, algo que a ciência não conseguiu. Não há negação da ciência, antes a consideração de que a doutrina espírita tem primazia no processo de compreensão do mundo e, portanto, da ciência. Tal postura não se assemelha a de Andrei Moreira, já que para Moreira, a ciência ao tratar do tema da homossexualidade, principalmente por deixar de considerá-la doença, torna necessária a mudança na compreensão do tema pelos espíritas. Desse modo, seguindo a ciência seria possível, sendo a intenção de Moreira demonstrar tal possibilidade, explicar a normalidade da homossexualidade por meio da doutrina espírita. Por outro

lado, Gibson Bastos ressalta os limites explicativos da ciência ao expor a necessidade de consideração da doutrina para o real entendimento do assunto⁶⁵.

Outra distinção entre Bastos e Moreira reside no fato de que, embora ambos recorram à análise de textos científicos e espíritas, o primeiro, lança mão de sua experiência como psicólogo, trazendo relatos de pacientes homossexuais e seus familiares como exemplos de sua argumentação.

Segundo Bastos (2012:20) os principais componentes da sexualidade humana são o sexo biológico, a identidade de gênero, o papel sexual e a orientação sexual. De maneira geral, esses componentes e suas definições se aproximam daquelas mencionadas por Moreira⁶⁶. A diferença existente entre a concepção dos dois autores é observada, principalmente, entre o conceito de papel sexual. Para Moreira (2014) o papel sexual se refere à posição que os sujeitos ocupam numa relação, seja heterossexual ou homossexual, enquanto ativos ou passivos. Já para Bastos, papel sexual representa “a adesão às normas culturais de comportamento masculino e feminino” (BASTOS, 2012:20).

Adentrando a seara da explicação espírita sobre a sexualidade, Bastos cita o espírito André Luiz⁶⁷ ao dizer que a energia sexual não é inerente ao corpo, mas antes, é característica do espírito. E que o sexo em sua essência corresponde à soma das qualidades passivas e ativas do campo mental do indivíduo⁶⁸. Tais forças buscam harmonia no mundo, assim a complementaridade delas garante sua atração. Mais que isso, a manifestação da sexualidade é um aprendizado do espírito ao longo de suas reencarnações de como fazer uso dessa energia. Sendo aos poucos renovados os

⁶⁵As nuances concernentes a essas diversas posturas dos intelectuais espíritas podem ser pensadas a partir da visão que estes têm da relação espiritismo-ciência. O trabalho de Luiz Signates (2014) delimita quatro posturas frente à questão, divididas entre as categorias conservadoras e não conservadoras. Dentre os conservadores existem os que defendem a relação espiritismo-ciência, pois o progresso científico iria aos poucos confirmar a doutrina espírita. Ainda entre os conservadores existem intelectuais que não veem necessidade de tal relação, já que a revelação dos espíritos seria por si só prova da veracidade da doutrina. Por outro lado, no grupo dos não-conservadores se defende a necessidade do espiritismo acompanhar os avanços da ciência, contudo aqui há aqueles que acreditam que essa levaria a reafirmação da doutrina e outros acreditam que levaria a uma reconsideração da doutrina. Tomar como tipos ideais essas posturas possibilita traçar um quadro referencial onde situar os argumentos dos intelectuais e médiuns espíritas aqui considerados. E assim, delimitar as nuances existentes em seus discursos ao conciliarem a doutrina espírita à visão da ciência sobre a sexualidade.

⁶⁶Listadas na página 51 deste trabalho.

⁶⁷Dois livros são citados: *Ação e Reação* e *Sexo e Destino*, ambos psicografados por Francisco Cândido Xavier.

⁶⁸Gibson Bastos reforça a sujeição dos seres a essa lei, onde “no nosso mundo, forças ativas e passivas se atraem, não importa o corpo que estejam” (BASTOS, 2012:32).

princípios, os conceitos e as legislações que regem o sexo. Daí Bastos grifa as palavras de André Luiz de que em matéria de sexo inexistem afirmações absolutas.

Em sua explanação, Bastos demonstra que segundo a doutrina espírita, a orientação sexual é resultado de todas as experiências sexuais experimentadas em existências anteriores. E que os espíritos possuem percentuais característicos de ambos os sexos, independente de encarnados homem ou mulher. Em outras palavras, independente do sexo biológico, todos os espíritos possuem percentuais de feminilidade e masculinidade, ou respectivamente, de forças passivas e ativas. Sendo apenas a experiência humana capaz de ressignificar a energia sexual por meio da razão, do sentimento e da moral. Logo, segundo o autor, controlar as influências da matéria por meio desses três componentes do espírito resulta em sublimação da energia sexual, e indica o processo de evolução que vai da animalidade (regida pelos impulsos instintivos) a angelitude (BASTOS, 2012:25). Na conquista da angelitude, os espíritos devem aprender que o sexo não é o único caminho pelo qual a energia sexual flui e que a conquista da felicidade e do prazer deve seguir o exemplo de Jesus, que conseguiu canalizar essa energia através do amor universal. Contudo, para tanto, o autor sublinha as palavras de André Luiz⁶⁹ de que o instinto sexual tem de “dobrar-se aos **imperativos da responsabilidade, às exigências da disciplina, aos ditames da renúncia**” (BASTOS, 2012:28, grifos do original).

A explicação de Bastos segue mencionando a consideração da ciência de que a orientação sexual define o objeto do desejo e não se trata de uma escolha, diferente do comportamento sexual, que define a maneira como lidamos com o desejo, que está sujeito às influências socioculturais e por isso apresenta enorme variedade. Tal consideração estaria, segundo o autor, de acordo com a doutrina espírita, de que a variedade do comportamento humano frente ao sexo é resultado das conquistas intelectuais e morais dos espíritos em todas as suas existências. Assim, Bastos afirma que não é a orientação sexual que define o grau evolutivo do espírito encarnado, mas é antes, seu comportamento sexual.

É preciso ter em mente que a responsabilidade, a disciplina e a renúncia são preceitos necessários ao uso da energia sexual. Dessa maneira, são necessárias à experiência sexual de todos os indivíduos, independentemente de seu sexo biológico,

⁶⁹ Livro: *No mundo maior*, psicografado por Francisco Candido Xavier.

identidade de gênero ou orientação sexual. Em outras palavras, são preceitos que devem ser observados em todas as relações sexuais, já que são necessárias ao progresso espiritual. O controle da energia sexual para sua sublimação é parte constituinte da doutrina espírita e aprendizado necessário ao processo de evolução do espírito. O comportamento sexual precisa ser controlado sempre, de modo que essa regra valha para qualquer indivíduo, seja heterossexual, homossexual ou bissexual.

Bastos também confirma a hipótese dessa pesquisa: de que não há tratamento espírita capaz de mudar a orientação sexual humana, embora ainda seja comum a prescrição da castidade. Além da prescrição da caridade, o autor diz que outros recursos terapêuticos espíritas também são inúteis e desnecessários para mudança desse comportamento, como: estudo, passe de cura, desobsessão e a água fluidificada. Segundo ele, a ciência afirma não existir tratamento capaz de tal mudança, “o que também está coerente com as informações fornecidas pelo conhecimento espírita” (BASTOS, 2012:32). Novamente se pode inferir a maneira como o autor encara a relação espiritismo-ciência: o espiritismo tem primazia frente à ciência, sendo esta que se mantém coerente com aquele, e não o contrário.

Gibson Bastos ressalta que as identidades de gênero e sexuais são construções sociais historicamente situadas, no entanto, a perpetuação estereotipada dessas identidades – e segundo ele, os pais têm papel fundamental nesse processo – acabam levando a sua naturalização. A consequência, para o psicólogo, é de que aqueles que não se adaptam a essas identidades são tidos por anormais e convivem com sofrimento psíquico e sexual. Contudo, ele afirma que essas identidades estão em constante construção, sendo incapazes de expressar as singularidades sexuais de cada indivíduo.

No tópico referente à consideração da heterossexualidade, ele ressalta que a ciência não explica porque a maioria dos humanos sente atração afetivo-sexual pelo sexo oposto. E que embora esse comportamento tenha sido considerado normal, a heterossexualidade foi significada a partir do comportamento sexual masculino: machista. Razão pela qual o estereótipo hegemônico de comportamento heterossexual masculino preza pela busca constante de satisfação sexual enquanto nas mulheres o desejo é reprimido ou subordinado ao desejo masculino. Bastos afirma que esses estereótipos são construídos socialmente, não tendo respaldo científico que atrele a diferença entre os comportamentos tidos como masculinos e femininos às características

biológicas. O autor ainda afirma que a adesão a essas identidades não promove felicidade, “confirmando a palavra dos benfeitores espirituais quando dizem que a felicidade real não nasce do instinto sexual satisfeito” (BASTOS, 2012:46). Afirma ainda que educação sexual não deva se limitar a ensinar o funcionamento dos órgãos sexuais nem como se prevenir de infecções sexualmente transmissíveis, mas antes, tem de incluir

A noção da responsabilidade que temos, perante a lei divina, de não lesar afetivamente o próximo, pois perante essa lei somos responsáveis pelas desarmonias que venhamos a provocar, em função da leviandade e/ou irresponsabilidade com que nos envolvemos em troca sexuais, obrigando-nos a reparar esse erro mais à frente; e sendo levados a entender que, embora o desejo e o prazer sexual sejam os atrativos através dos quais a lei divina procura induzir o homem e a mulher a se buscarem [...] será preciso que eles consigam ir além da necessidade física que os atraem, procurando subordinar esse imperativo físico à razão. (BASTOS, 2012:47)

Portanto, a explicação espírita de Bastos sobre o comportamento heterossexual destoa da concepção hegemônica ou do senso comum. Nesta os homens são movidos pela satisfação de seus desejos enquanto as mulheres devem reprimi-los; naquela, homens e mulheres são movidos pela satisfação de seus desejos, mas necessitam satisfazê-los segundo o imperativo da razão e da responsabilidade. De fato, o comportamento heterossexual não é tido como sempre correto, pois a entrega à satisfação desse desejo de maneira irresponsável (lesando afetivamente outros) é reprovável e traz consequências futuras.

Gibson Bastos afirma que a homossexualidade, antes pensada como modelo sexual entre um macho ativo e passivo, agora deixa de ser caracterizada por meio de identidades e modelos comportamentais estereotipadas, sendo antes atração afetivo-sexual, modelo de relacionamento entre duas pessoas do mesmo sexo que se buscam com objetivo de se amarem. O psicólogo aponta que a homossexualidade é culturalmente significada, e que, embora seja um desejo normal, as sociedades de maneira geral tenderam a tratá-la como anormalidade. Aliás, para ele, o limite explicativo da ciência para justificar a diversidade sexual humana, é dado em razão da busca por essa resposta na materialidade do corpo, seja na morfologia ou na genética. Entretanto,

o corpo é apenas instrumento de manifestação do espírito no plano físico, estando aquele ligado a este através do perispírito. Sendo a

energia sexual uma força inerente ao espírito, a causa da diferenciação [sexual] não poderá ser encontrada no corpo, mas no espírito (...) (BASTOS, 2012:78)

Novamente, as explicações da diversidade sexual por meio da doutrina espírita tiram a centralidade do corpo na determinação dos desejos, responsabilizando o espírito, detentor de sua sede. É o espírito que detém sua individualidade sexual intrínseca, de modo que o “sexo, na essência, é a soma das qualidades passivas ou positivas do campo mental do ser” (BASTOS, 2012:78).

Uma justificativa importante dada por Gibson Bastos faz a referência à questão do preconceito no do movimento espírita. Ao responder à pergunta: e porque existem espíritas que afirmam que Deus não ama a homossexualidade? Sua resposta é a seguinte:

Talvez, porque, ainda não se desprenderam totalmente do ranço das outras religiões, pois a Doutrina Espírita, através das palavras dos Benfeitores Espirituais, nos ensina que a reencarnação em condições inversivas é um dos recursos que a Providência Divina coloca a disposição do espírito humano, para que ele possa reajustar-se perante a lei ou queira avançar na senda espiritual através de missões específicas (BASTOS, 2012:97).

Aqui, a justificativa do autor quanto à presença de preconceitos no movimento espírita é justificada por resquícios de crenças de outras denominações religiosas, em outras palavras, pela presença de pessoas que se dizem espíritas sem o sê-lo de fato. Já que ser espírita, ou o verdadeiro espírita, não agiria de tal maneira, graças a seu conhecimento da doutrina.

Por fim, Gibson Bastos defende a necessidade de se garantir os mesmos direitos dos heterossexuais aos homossexuais, quais sejam: o casamento, a adoção de filhos e outros direitos que devem existir em pé de igualdade, possibilitando a todos os meios necessários para que continuem seu processo de evolução.

No que diz respeito ao livro de Walter Barcelos (2014): *Homossexualidade, reencarnação e vida mental*, este segue o modelo de perguntas e respostas, bem como apresenta os mesmos argumentos mencionados pelos autores já tratados. Contudo, convém ressaltar que mesmo em se tratando de produção recente, este conta com o uso dos termos: homossexualismo e lesbianismo, denotando uma despreocupação com os significados históricos de tais vocábulos, qual seja, diagnóstico de patologias. Entretanto, de modo símile aos autores anteriores, Barcelos apresenta a

homossexualidade como experiência normal que deve ser compreendida e respeitada. Diz ainda que esta, mesmo tendo suas causas justificadas nas memórias preteridas dos espíritos, é questão de ordem pessoal, relacionando-se com o livre arbítrio do qual somos dotados, e por isso, digna de respeito.

Barcelos defende ainda que não há inversão psíquica nos homossexuais, pois seu psiquismo é completo. Antes, há inversão do tipo de corpo, que se apresenta destoando da percepção do espírito sobre si. Argumento esse que é questionado por Andrei Moreira, no sentido de que, a implicação de tal proposição resultaria na consideração de que homossexuais buscassem ou quisessem ser detentores do corpo oposto ao seu, o que não é verdadeiro, pois grande parte dos homossexuais, segundo Moreira, está satisfeita com sua conformação biológica. Embora, grosso modo a explicação de Walter Barcelos se assemelha as já mencionadas, os pontos divergentes entre ele e Andrei Moreira, podem ser considerados como resultado da experiência pessoal de cada um. Já que no caso do primeiro tem-se senhor de meia idade heterossexual abordando o tema, e o segundo, um médico com ao menos uma geração de diferença com o primeiro⁷⁰.

A argumentação defendida por Regis de Moraes em seu livro: *Sexo e sexualidade: visão espírita*, não destoa da já mencionada dos outros autores. Moraes justifica a sexualidade como imanente ao espírito, que transita nas possibilidades das polaridades físicas e psicológicas. Ressalta ainda a importância da atitude moralmente afeita aos preceitos do amor e uso responsável do sexo. Embora aqui a homossexualidade seja considerada normal e natural, outras atitudes, como: exibicionismo, efeminamento proposital e travestismo são considerados juntos da pedofilia, e caracterizados como atitudes de pessoas em desequilíbrio. Mais que isso, são adjetivados como “chocantes” e “desagradáveis”. De maneira que, atitudes efeminadas e o “travestismo” incomodam outros já que se trata de atitudes desagradáveis.

Não surpreende que a explicação da diversidade sexual e homossexualidade serem, nessas últimas duas obras consideradas, próximas às ideias defendidas por Moreira e Bastos. Tal aproximação se deve ao fato de todos se basearem nas obras

⁷⁰ Com relação às orientações sexuais desses autores, é possível dizer, pela biografia contida em seus livros e vídeos disponíveis online que Walter Barcelos é casado com uma mulher, Gibson Bastos é casado, sendo Suzana Simões a única a se identificar publicamente como homossexual.

psicografadas de Chico Xavier, aqui já apresentadas, dos espíritos Emmanuel e André Luiz, bem como da doutrina codificada por Kardec em *o Livro dos Espíritos*. Sendo as nuances que as distinguem efeito das opiniões de cada autor e estando relacionadas à sua vivência.

Para finalizar este capítulo, é preciso citar as formulações de Divaldo Franco (2016) em seu livro *Sexo e Consciência*, que, embora não se dedique exclusivamente à questão da homossexualidade, ainda assim traz contribuições para seu entendimento, segundo a doutrina espírita. Na explicação proposta por Divaldo, as diferentes orientações sexuais (ou modalidades de conduta que um espírito possa executar) são consideradas a partir da relação entre as polaridades física e psíquica, desse modo têm-se:

1. Assexualidade – Nesta circunstância, o indivíduo possui a estrutura anatomofisiológica saudável, sem nenhuma disfunção, mas a sua estrutura psicológica faz com que ele não experimente a presença ostensiva da libido. Esse indivíduo normalmente atravessa toda a existência sem buscar nenhuma parceria afetivo-sexual, aplicando suas energias. *2. Heterossexualidade* – Nesta experiência, o indivíduo realiza um aprendizado sexual relacionado à perpetuação da vida biológica. É a orientação sexual que podemos denominar *convencional*, porque adotada pela maioria dos seres humanos. *3. Homossexualidade* – Neste contexto, o indivíduo elege um parceiro do mesmo sexo. No que diz respeito à escolha de parceiros afetivo-sexuais, ele apresenta estrutura anatomofisiológica que não corresponde ao seu perfil psicológico. *4. Bissexualidade* – Na bissexualidade encontraremos um indivíduo que apresenta interesse em se relacionar ora com o sexo oposto, ora com o mesmo sexo, o que não significa que ele possua os dois sexos biológicos (FRANCO, 2016:192).

Divaldo afirma que existem apenas dois gêneros possíveis de existência humana: o masculino e o feminino. Sendo a vida plenamente saudável, em suas palavras, aquela em que há conformação entre a polaridade física e a psíquica. Ele afirma que uma das causas da homossexualidade seria o abuso das experiências sexuais em encarnações passadas, fazendo necessária a mudança na polaridade física. O interessante é notar onde se encontram as causas da homossexualidade: “portanto, a homossexualidade tem suas causas profundas na **intimidade** do ser espiritual” (FRANCO, 2016:193 – grifo meu). Embora se afirme várias causas que justifiquem a homossexualidade, não existam consenso nem defesa de uma causa unida, pois em se tratando dela, e da sexualidade de forma geral, estas fazem parte da intimidade do espírito e só podem ser compreendidas a partir da análise da história vivida em

encarnações passadas. Além disso, Divaldo Franco chega a associar a homossexualidade à ação de processo obsessivo⁷¹ e conta a experiência vivida por um rapaz casado com dois filhos que buscou aconselhamento para superação de seus desejos por outros homens. A situação narrada mostra que o espírito obsessor se tratava de um amante que fora traído e nutria sentimentos mistos pelo indivíduo em questão, finalmente a narrativa se encerra com o espírito obsessor reencarnando como terceiro filho de seu obsediado.

Outras duas informações importantes mencionadas por Divaldo Franco que devem ser levadas em consideração fazem referência ao fato de que se relacionar com alguém do mesmo gênero é uma *opção* do indivíduo. Sendo que

Para que a vida seja plenamente saudável, a consciência deve elaborar um comportamento que proporcione uma perfeita sintonia entre o sexo no qual reencarnamos e a nossa manifestação psíquica (FRANCO, 2016:192).

A partir dessa afirmação, apesar de todas as ressalvas do autor sobre a necessidade de respeito e aceitação, tem-se a impressão de que a condição de vivência de saúde plena é conquistada pela conformação entre sexo/gênero, ou seja, homens masculinos e mulheres femininas. Nesse caso, a homossexualidade resultaria da “opção” em se negar esse padrão, resultando numa existência que não poderia ser plenamente saudável. Outro ponto importante nas afirmações de Divaldo Franco e que destoa das de Andrei Moreira reside na consideração da assexualidade. Segundo Franco, a assexualidade não seria fruto de distúrbio, consideração que vai de encontro com a mencionada por Moreira de que esta é um transtorno diagnosticado pelo Manual Diagnóstico e Estatístico de Desordens Mentais (DSM IV) e o Código Internacional de Doenças (CID-10).

De forma geral, Franco menciona o papel de sua mentora Joanna de Ângelis em elucidar questões envolvendo o tema e sua importância, principalmente na defesa do uso razoável do sexo, salientando a necessidade em se discutir e dialogar o tema para aprendizado. Principalmente nos dias atuais, pois há banalização dos comportamentos sexuais e abuso das “energias genésicas”.

Em suma, a consideração das obras de Kardec e Chico Xavier é essencial àqueles que refletiram sobre o tema do sexo e da sexualidade. Essa postura pode ser

⁷¹ O autor chega a usar a palavra vampirismo para se referir ao processo sofrido pelo indivíduo no relato.

justificada pelo caráter de veracidade atribuída a essas obras, que não expressam a opinião de quem às publicou, mas o conhecimento de espíritos superiores sobre o tema, revestindo-se de veracidade e compondo o acervo doutrinário sob o qual repousa o espiritismo. Importante destacar que em se tratando da polaridade física, os espíritos não possuem direitos de escolha, pois a vida biológica existe apenas na possibilidade de dois corpos: “masculino e feminino”. Muito embora o gênero seja definido pela polaridade física, a sexualidade é definida na psicológica que pode ou não estar em harmonia com a polaridade física.

Parte 3 – Do nível institucional à base religiosa

Esta última seção do trabalho apresenta os resultados obtidos no trabalho de campo, comparando as afirmações feitas no âmbito de pessoas e instituições de prestígio no seio do movimento espírita com as percepções dos dirigentes dos centros espíritas delimitados para realização da pesquisa. De tal modo que os próximos dois capítulos são seguidos das conclusões que o trabalho possibilitou.

CAPÍTULO 5

Das lideranças espíritas

Este capítulo visa apresentar os dados colhidos em trabalho de campo por meio de entrevistas semi-estruturadas com lideranças reconhecidas no movimento espírita, bem como discutir a possibilidade de tipologia sobre tais lideranças e os escritores apresentados no capítulo precedente.

Considerando o discurso espírita sobre sexualidade humana, que normaliza as não heterossexualidades, como sendo produto de alguns intelectuais e médiuns específicos, é preciso compreender a maneira como estes estão inseridos no contexto institucional do movimento espírita. As entrevistas realizadas visaram compreender duas dimensões sobre o tema: 1) de que maneira aqueles envolvidos na difusão dessa explicação se relacionam ou não com instituições espíritas. 2) Se existe incentivo institucional para divulgação da explicação espírita sobre a homossexualidade, visando ampliar os níveis de conhecimentos dos integrantes dos movimentos e contribuir para acolhimento da população LGBT.

Partindo da tipologia proposta por Célia Arribas (2017) ao se analisar a organização institucional do espiritismo, demarcando as maneiras pelas quais se constroem as legitimidades daqueles que estão aptos a falar em nome do movimento, define-se três tipos ideais: dirigentes espíritas, médiuns e o intelectual espírita. Esses três tipos ideias se baseiam nas autoridades: institucional, carismática e intelectual. Os dirigentes espíritas são aqueles que se legitimam partir da posição que ocupam dentre das instituições espíritas. Já os médiuns, responsáveis pela comunicação entre o mundo material e o espiritual, emanam sua legitimidade a partir de seu carisma e ações pessoais, que no caso espírita se dão pela abnegação ao trabalho caritativo e, por fim, os intelectuais são aqueles que constroem sua legitimidade dentre do movimento por meio do seu conhecimento da doutrina. Esses três casos são idealizações da realidade social, de modo que é comum um indivíduo ser classificado em mais de uma dessas categorias.

Dentro dessa tipologia, ao se considerar os autores aqui mencionados e os dados colhidos nas entrevistas de campo é possível elaborar a seguinte classificação:

Tabela 1. Tipologia das autoridades espíritas.

<i>Indivíduos</i>	<i>Dirigente espírita</i>	<i>Médium</i>	<i>Intelectual</i>
Allan Kardec			X
Francisco C. Xavier		X	
Divaldo Franco		X	
Andrei Moreira	X (AME-MG)		X
Gibson Bastos			X
Walter Barcelos			X
Regis de Moraes			X

Fonte: autoria própria.

A consideração desses autores segundo a tipologia proposta por Arribas (2017) permite compreender a maneira pela qual esses indivíduos rogam autoridade sobre o tema em pauta. Mormente, sua legitimidade advém de autoridade intelectual, já que eles analisam, interpretam e formulam um corpo teórico que, tendo a doutrina básica de Kardec aliada ao conhecimento fornecido por espíritos superiores (os trabalhos de Xavier e Franco), permite a compreensão da explicação espírita sobre a diversidade sexual, e em última instância, atualizam o espiritismo para que este seja consonante às ideias predominantes no campo científico.

Entre os autores considerados, Andrei Moreira pode ser classificado não apenas como intelectual que produz interpretações com base na doutrina do espiritismo, mas também dirigente espírita, por ocupar o cargo de presidente da AME-MG. Outra consideração sobre essa classificação reside no fato de que tanto Francisco Xavier quanto Divaldo Franco serem os únicos autores considerados que, por sua mediunidade, acabam tendo sua legitimidade conferida na autoridade das obras atribuída a seus espíritos guias. Contudo, seria possível classificar Divaldo enquanto médium e intelectual, isso pela distinção existente no seu trabalho assinado por Joanna Ângelis, considerado no capítulo 3 e o trabalho assinado por ele, que foi considerado no capítulo 4. Não obstante, optou-se apenas pela sua consideração como médium, por ser reconhecido nacional e internacionalmente por sua mediunidade e obras psicografadas.

Lideranças Reconhecidas pela difusão da explicação sobre a homossexualidade

Neste subtópico serão apresentadas as análises derivadas da realização de entrevistas semi-estruturadas com três lideranças do movimento: Marcelo Saad, Suzana Simões e Wagner Paixão. Contudo, é preciso destacar alguns fatos com relação ao papel de Francisco Xavier sobre a difusão da necessidade de mudança nas considerações espíritas sobre a homossexualidade, principalmente porque todos os entrevistados justificaram seus argumentos, em parte, nas afirmações desse líder espírita.

A primeira referência bibliográfica sobre o tema como já mencionado é o livro *Sexo e destino* com sua primeira edição em 1963, seguido da publicação de *Vida e sexo* em 1970, apesar da grande tiragem e consumo dos livros espíritas, principalmente os de Francisco Xavier, é importante mencionar sua entrevista concedida a Tv Tupi no programa Pinga Fogo em 1971⁷². Nessa entrevista Francisco Xavier ressalta a necessidade de mudança na consideração sobre a homossexualidade e a bissexualidade, destacando sua normalidade frente à heterossexualidade. Considerando a referência de sua obra e seu grau de influencia, ampliada devido a sua experiência de vida, que é tida no movimento espírita como exemplo a ser seguido, compreende-se a sua importância e a de sua obra como referência sobre o tema.

Ressalva feita, é preciso mencionar que inicialmente, considerou-se a entrevista com Andrei Moreira, já que este é tido como a referência atual no que tange ao assunto da homossexualidade. Não apenas pela natureza da sua obra, como também por indicação de outros dois interlocutores (Suzana Simões e Wagner Paixão), sendo Moreira autor de livro tido como básico para entendimento de tal questão. Moreira ocupa o cargo de presidente da Associação Médico Espírita de Minas Gerais, e embora tenha demonstrado interesse na pesquisa ao ser contatado, interrompeu o processo de comunicação ao saber da possibilidade de ser entrevistado. Por esse motivo, se recorreu à análise de seu vídeo, disponível no YouTube (MOREIRA, 2018), quando do lançamento de seu livro para ampliar a exposição, aqui já feita, de seu trabalho.

Visto que o contato direto com Andrei Moreira não foi suficiente para que se realizasse a entrevista, houve tentativa de contato direto com a AME-MG, buscando entrevistar algum representante da instituição. Mas tal qual ocorrera com Andrei, quando da menção do propósito da entrevista, o processo de comunicação foi encerrado.

⁷² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3TM1qPxxGm4> Acesso: 15 de março de 2018.

Diante da impossibilidade em se avaliar qual seria a relação e o apoio institucional que Moreira recebeu da AME-MG, recorreu-se a Associação Médico Espírita de São Paulo (AME-SP), presidida por Marcelo Saad, que se prontificou a participar da pesquisa dando entrevista.

Marcelo Saad, também médico, elucidou alguns pontos em relação ao tema. Segundo ele, as Associações-Médico Espíritas não levantam bandeiras nem defendem causas específicas, excetuando-se o aborto, já que a luta em defesa da vida impossibilita o apoio a tal causa. Sendo assim, ele que não conhecia o trabalho de Moreira, supôs que, muito provavelmente, seu livro teria sido resultado de trabalho e esforço pessoal, mais do que incentivo institucional da AME-MG. Tal conclusão é razoável, uma vez que tanto Suzana Simões quanto Wagner Paixão também atribuíram ao trabalho de Andrei Moreira (já que os três são conhecidos uns dos outros) esforço e iniciativa pessoal. Como dito, o livro conta com prefácio de outro membro da AME-MG, mas ao que tudo indica, este não foi escrito por incentivo da instituição, sendo antes iniciativa movida por interesse pessoal.

No que diz respeito à divulgação e difusão do trabalho de Moreira, Saad acredita que este não deve ocorrer por meio da AME-MG, pois segundo ele, o objetivo da Associação Médico Espírita é estabelecer uma rede de contatos que possa, mais do que apenas divulgar o espiritismo, difundir seus pressupostos para o campo científico. Possibilitando assim, a realização de pesquisas que encarem a possibilidade de existência dos espíritos e da reencarnação como hipóteses a serem testadas. Buscam aliar a ciência ao espiritismo, mudando o exercício da medicina e da ciência.

A partir de sua experiência enquanto presidente da AME-SP, Saad considera improvável que esta tenha se empenhado em difundir o trabalho de Andrei Moreira. Contudo, vale a pena ressaltar que, uma vez que Moreira já esteve à frente desta instituição, ele poderia ter se valido de seu ambiente institucional para impulsionar a discussão do tema. Não obstante, a impossibilidade de entrevistar tanto Moreira quanto Roberto Lucio V. de Souza, vice-presidente da associação, impossibilita conclusões concretas sobre o tema. Mas seja como for, é inegável que 1) o cargo de presidente da AME-MG confere maior legitimidade e respaldo a produção e as falas de Moreira e 2) de que este, no exercício dessa função, acaba sendo um palestrante divulgado pela AME-MG, mas sobre temas e assuntos mais gerais concernentes a doutrina espírita.

Outra pessoa entrevistada foi Suzana Simões, fisioterapeuta e acadêmica, fundadora do centro espírita denominado Conscious Living Spiritist Group em Miami e membro da diretoria da Federação Espírita da Flórida. Notadamente conhecida por suas palestras sobre homossexualidade. Embora ela more nos Estados Unidos há 21 anos e reconheça a existência de distinções entre o movimento espírita brasileiro e o americano, sua entrevista possibilitou algumas reflexões.

Começando pela distinção existente na sociedade brasileira quando comparada à americana, pois segundo ela, no Brasil temos a presença de um forte machismo, que mais que aumentar os episódios de preconceito e violência contra homossexuais, impede a discussão de outros temas, como o papel da mulher. De certo modo, em sua concepção o machismo dificulta ainda mais a discussão da homossexualidade aqui no Brasil.

Suzana Simões salienta também a necessidade de se aprender a ver as outras pessoas através de identidades que não se relacionem exclusivamente com a identidade sexual e de gênero. Ou seja, com base na doutrina do amor, deveria ser superada a necessidade em se considerar as pessoas apenas como corpos sexuadas. Tal afirmativa parece estar relacionada ao fato de corpo ser transitório, de modo que o espírito, não precisa ser identificado por meio de seus atributos corporais. Além, é claro, da supervalorização que se dá ao sexo quando este é tido como definidor da identidade das pessoas.

Simões ainda chamou atenção ao fato de existirem alguns centros onde pessoas assumidas homossexuais são proibidas de aplicarem passes ou participarem de outras atividades. Segundo ela, este seria o preconceito mais visível dentro do movimento. Mas tal qual salienta Andrei Moreira em seu livro, existe ainda o preconceito velado, o que na visão de Simões é compreendido pelo “desconforto” dos heterossexuais na presença de um casal homossexual. Ela ressalta a raridade que é ver um casal homossexual segurando mãos no centro, porque eles mesmos não se sentem confortáveis para tanto.

Essas constatações exemplificam a maneira como a sexualidade é tratada como assunto de âmbito privado, da intimidade do espírito, nas palavras de Divaldo Franco. Demonstrando que sua discussão ainda é chocante e evitada, empurrando a homossexualidade ao regime de invisibilidade que a heteronormatividade lhe confere.

A contribuição mais interessante na entrevista faz referência à confirmação da não existência de uma instituição espírita que se proponha a difundir a compreensão da sexualidade humana visando incluir a população LGBT. Segundo Simões não existe nem seria necessário, pois o trabalho a ser realizado pelas instituições é o da divulgação da doutrina espírita. Ela aponta que o amadurecimento das ciências e a consideração da doutrina levaram a mudança de entendimento sobre a homossexualidade, que não é vista como desvio ou degenerescência moral, mas sim como normal e natural. A única condenação que se faz é com relação aos comportamentos sexuais promíscuos, não à sexualidade.

Por fim, ela considera que a melhor bandeira para se levantar no movimento é a do exemplo, do comportamento exemplar, em que nossa vida traduz os preceitos espíritas que exaltam e respeitam a dignidade humana. E que ao se buscar pôr em prática os ideais espíritas, aos poucos esses esforços isolados trarão resultados a toda à sociedade. Entretanto, Suzana Simões sublinha a necessidade de se respeitar o tempo necessário para que os indivíduos possam compreender essas mudanças. Pois essas posturas foram incutidas por muitas gerações na consciência coletiva, e por isso, não podem ser mudadas de uma hora pra outra. Inclusive num de seus vídeos disponíveis no YouTube, ela relata um episódio ocorrido em sua família.

“Na nossa sociedade a gente definiu o quê que menino faz e o quê que menina faz, então são questões que nós estabelecemos como normais, então na minha casa nós somos três mulheres e um homem, de dois anos e meio, mas já é um homenzinho. E aí a minha filha resolveu pintar as unhas e o Jake quis pintar as unhas também. E a minha primeira reação foi: Meu filho, isso é coisa de menina! Sherry vira pra mim e fala assim: Por que você ta falando isso pro menino? Aí eu falo: Não sei! Aí você pensa: Não é? É coisa de menino! Então nós estabelecemos que menina pinta a unha e menino não pinta. Não é? E aí eu falei assim pra ele e aquilo me fez repensar minha própria... porque ta dentro da gente, não é? Fez repensar minha própria postura, eu falei assim pra ele: Meu filho pinta a unha, pode pintar a unha! Que cor você quer pintar? Porque a questão é: se ele pintar a unha ele vai ser mais ou menos menino? Não! E se ele for gay? Isso vai ser um problema? Bom espero que não. Não é? Mas é interessante porque a gente se sente ameaçado por essa questão, pensa que se você tem uma família tradicional e o menino quer botar uma saia ou alguma coisa, a mãe as vezes quase tem um ataque, por quê hein? Porque é como se a gente se sentisse ameaçado, é como se a criança querendo mostrar, brincar, sua fantasia ou expressar que seja uma feminilidade, aquilo se torna uma ameaça. Ameaça a quê exatamente? Ameaça a quê exatamente? Não é? Então são coisas que a gente coloca pra gente pensar porque a gente também pensa, a gente também continua trabalhando dentro da nossa própria vivência mas a pesquisa mostra

que essas crianças que crescem nessas famílias, crescem com essas noções de gênero mais flexíveis (SIMÕES, 2018).

A partir do relato de Suzana Simões fica evidente a dificuldade existente mesmo entre àqueles que têm o conhecimento sobre as questões referentes ao entendimento espírita sobre a sexualidade, e que mesmo sendo homossexuais, ainda assim é possível reproduzir o modelo dominante de concepção de gênero, o modelo heteronormativo. Em todo caso, as afirmações de Simões estão em sintonia com as de Wagner Paixão – médium da cidade mineira de Mário Campos – palestrante com reconhecimento internacional, que também disse haver preconceito nos centros, com dificuldade de se trabalhar o tema da homossexualidade em palestras e cursos mediúnicos.

O pensamento de Paixão vai de encontro com o de Suzana Simões: de que não é preciso levantar a bandeira no movimento espírita e que por meio da difusão do espiritismo a compreensão “verdadeira” da homossexualidade seria ampliada entre todos. Assim conseguiríamos a superação da realidade atual. Informação interessante confirmada por Wagner Paixão reside na inexistência da consideração da sexualidade nos cursos mediúnicos centrados na FEB nas federativas estaduais e oferecidos nos centros espíritas.

Outro dado interessante mencionado por Paixão é do papel da fofoca, a maledicência, nos centros espíritas. Segundo ele, determinadas maneiras de comportamento que são tidas como “usuais” de homossexuais, suscita o surgimento de fofocas entre os membros do centro espírita ao redor da possibilidade de que alguém seja homossexual. Por isso, é preciso ressaltar o papel que a maledicência tem na construção da legitimidade das autoridades espíritas. Se pensarmos no caso estudado por Norbert Elias (2000), a fofoca era fundamental à distinção social dos moradores de Winston Parva⁷³. E pelas palavras de Wagner Paixão, esta parece ser também parte constitutiva do processo de construção da legitimidade de autoridades espíritas frente aos indivíduos que compõem a base dessa vertente religiosa.

Em suma, a vivência dessas lideranças espíritas bem como a indicação do material bibliográfica sobre o tema⁷⁴, foram essenciais a construção da análise aqui

⁷³ Nome fictício utilizado na obra.

⁷⁴ É importante frisar que editoras espíritas são muito comuns ao movimento, sendo mantidas e sustentadas por centros ou associações específicas, como é o caso da Editora AMEMG. Dessa forma, a

apresentada, pois possibilitou a ampliação da visão sobre funcionamento do movimento espírita, transcendendo os limites do trabalho de campo.

produção bibliográfica espírita conta com milhares de títulos que abrangem desde reflexões doutrinárias a trabalhos psicografados e romances. Logo, devido à impossibilidade em se abranger toda a bibliografia que, tangencialmente, aborde a questão do sexo e da sexualidade, a opção aqui apresentada foi fruto das indicações desses interlocutores, e se pautou na consideração dos textos doutrinários tidos como base dessa explicação.

Capítulo 6

A base do movimento espírita em foco

O objetivo desse capítulo consiste em analisar a realidade de dois centros espíritas estabelecidos em duas cidades do interior paulista, visando compreender a maneira pela qual o discurso institucional inclusivo é absorvido na base dessa vertente religiosa.

Para tanto, foram selecionados os centros espíritas: Amor e Caridade (CEAC), de Bauru e Casa do Caminho (CECC), de São Carlos. Como dito, ambas as cidades apresentam um percentual de habitantes que se autodeclaram espíritas próximo ao da média de espíritas no Estado de São Paulo. Além disso, foi levada em conta a possibilidade de se frequentar algumas atividades em ambos os centros, sendo esse o outro motivo dessas escolhas: a realização de trabalho de campo por meio de imersão etnográfica⁷⁵. Junto desta, buscou-se entrevistar alguns dirigentes dos centros, bem como averiguar a possibilidade de aplicação de um questionário aos frequentadores dos mesmos. Portanto, nesta seção serão apresentados os relatos e resultados obtidos nessa etapa da pesquisa.

Centro Espírita Amor e Caridade

O Centro Espírita Amor e Caridade (CEAC) de Bauru foi fundado em 1919, sendo o mais antigo e também o maior da cidade. Possui muitas atividades assistenciais voltadas à população carente⁷⁶. Dentre os trabalhos assistenciais na cidade⁷⁷, que

⁷⁵ Embora os pesquisadores da religião tenham direito de exercer sua religiosidade sem que esta interfira em seu trabalho enquanto sociólogo (SOUZA, 2015), gostaria de mencionar que não tenho religião nenhuma. Portanto, a frequência às atividades desenvolvidas em ambos os centros espíritas não apenas possibilitaram o conhecimento da doutrina espírita de modo geral, transcendendo os conceitos utilizados na explicação da sexualidade, como também, o conhecimento da rotina e práticas de socialização desenvolvidas no cotidiano desses dois centros.

⁷⁶ Segundo dados da União das Sociedades Espíritas (USE) da Intermunicipal de Bauru, existem no município 20 centros espíritas. Sendo que ao todo, na região de Bauru existem 31. Disponível em: <http://useintermunicipalbauru.blogspot.com.br/p/relacao-das-casas-espíritas-unidas-use.html> Acesso: 01 de março.

⁷⁷ No caso do CEAC, este conta com captação de recursos das três instâncias de poder: municipal, estadual e federal. Além disso, também é prática comum na cidade a existência de caixas onde os consumidores doam suas notas fiscais à entidade, que utiliza dessas doações como outra forma de captação de recursos. Segundo o Jornal de Cidade, em matéria de 17 de junho de 2017, apenas nos primeiros quatro meses deste mesmo ano, essas doações computaram valor de mais de 150 mil reais ao CEAC. Disponível em: <https://www.jcnet.com.br/Economia/2017/07/nota-fiscal-rende-1-mi-por-ano-a-entidades-assistenciais-de-bauru.html> Acesso: 02 de março de 2018.

atingem mais de 25 mil pessoas por ano, são várias as atividades desenvolvidas, abrangendo desde núcleos de assistência às crianças até o albergue noturno da cidade. Devido a tais características, este centro foi selecionado como base do movimento espírita em Bauru.

Atualmente, sua diretoria⁷⁸ é composta por José Silvio Turini, presidente; Mauro Sebastião Pompílio⁷⁹, primeiro vice-presidente; e Richard Simonetti, segundo vice-presidente. Tal grupo, embora realocando seus integrantes em funções diversas, foi responsável pela direção do CEAC durante alguns anos, principalmente em se tratando de Simonetti.

Por isso, um olhar mais detalhado sobre seus componentes se faz preciso. No caso de José Silvio Turini, este se graduou na Academia de Polícia Militar do Barro Branco, no ano de 1970. Possui ainda formação em psicologia com especialização nas áreas de psicodrama e sociodrama, bem como aperfeiçoamento na área militar. Sobre o posicionamento do Cel. Turini sobre o tema da homossexualidade nada foi encontrado.

Já ao que tange ao seu primeiro vice-presidente, Mauro Pompílio nasceu e iniciou sua carreira na cidade de Tupi Paulista na área de contabilidade, mas passou em concurso do Banco do Brasil e, posteriormente, por meio de outro concurso, começou a trabalhar no Departamento de Imposto de Renda, atualmente Receita Federal, onde desempenhou a função de delegado da Receita Federal de Araçatuba e depois de Bauru. Em Bauru foi destituído de seu cargo para assumir a Procuradoria da Fazenda Nacional, onde se manteve até 2003. Pompílio também trabalhou como docente lecionando direito na Instituição Toledo de Ensino (ITE)⁸⁰.

⁷⁸ Dados disponíveis no site mantido pela instituição. Disponível em: <http://ceac.org.br/quem-somos/> Acesso: 20 de fevereiro de 2018.

⁷⁹ Mauro Pompílio já esteve na direção do CEAC ocupando o cargo de presidente durante os anos de 2014 a 2016. Vale mencionar que durante esse período, a direção do CEAC contava com a presença de Simonetti e Turini como vice-presidentes, respectivamente na ordem apresentada, além de Carlos Eduardo Noronha Luz como secretário. Em se tratando especificamente da eleição realizada em 19 de dezembro de 2013, que elegeu essa chapa à gestão de 2014 a 2016, não houve inscrições de chapas concorrentes. Os votos apurados, segundo o CEAC, foram todos confirmados em favor da chapa, sem a presença de votos nulos ou brancos. Dados obtidos na página do *Facebook* mantido pela instituição. Disponível em:

https://www.facebook.com/permalink.php?id=545788012130650&story_fbid=653828384659945

Acesso: 01 de março de 2018.

⁸⁰ Informações podem ser encontradas em entrevista concedida ao Jornal da Cidade, disponível em: <https://www.jcnet.com.br/Geral/2011/06/entrevista-da-semana-mauro-sebastiao-pompilio.html> Acesso: 01 de março de 2018.

Em se tratando de Carlos Luz, este foi o mediador do contato mantido com a diretoria do CEAC. Carlos Luz demonstrou interesse na bibliografia selecionada como base da explicação espírita sobre a homossexualidade, haja vista seu desconhecimento da existência dos livros de Andrei Moreira, Walter Barcelos e Gibson Bastos. Assim, não surpreende a ausência desses títulos na biblioteca espírita mantida no CEAC e acessível a seus frequentadores. Como esses livros não constam na biblioteca do centro e nem é de conhecimento de seus dirigentes, à primeira hipótese que se surge é de que poucos seriam os frequentadores do CEAC que considerariam tais referências em seu discurso de explicação da homossexualidade.

Entretanto, Carlos Luz deixou claro que, em se tratando do CEAC, não há restrições impostas pelas lideranças do centro a frequentadores homossexuais, além de demonstrar indignação a respeito de tal possibilidade. Em sua explicação, este diz que a homossexualidade não é patológica, e que pode ser explicada, como o foi, de fato, a partir das doutrinas espíritas. O diretor auxiliar da CEAC citou o trabalho do Dr. Hernani Guimarães Andrade. Segundo Hernani, a homossexualidade é explicada pelo conceito de *intermissão*⁸¹ (ou *erraticidade*, segundo outros intelectuais espíritas). O conceito de intermissão define o tempo existente entre duas encarnações de um espírito. Ou seja, existe um tempo entre a desencarnação de um espírito e sua próxima reencarnação, tal período, de intermissão, pode ser de alguns segundos a muitos anos. Com base nesse conceito, Hernani Guimarães afirma que quanto mais curto o período de intermissão, maiores as possibilidades do espírito trazer consigo lembranças de sua existência anterior, de modo que, a homossexualidade pode ser resultado de um curto período de tempo entre reencarnações⁸².

⁸¹ Em uma entrevista de Guimarães a Richard Simonetti e Carlos Luz (representante da CEAC que concedeu entrevista a essa pesquisa), a memória de vidas pretéritas é resultado do tempo de intermissão. Segundo ele, a média de tempo de intermissão mundial é de 250 anos, assim espíritos que cumprem tal tempo não possuem, ou possuem poucas memórias de suas existências passadas. Contudo, a média mundial de intermissão de pessoas (ele cita crianças que participaram de pesquisas realizadas por ele e outros pesquisadores, sobretudo na Índia) com memórias da existência pretérita é cinco anos, no Brasil, oito anos. Espíritos que encarnam com tais tempos, até um limite de aproximadamente trinta e cinco anos, trariam recordações psíquicas e mesmo fisiológicas dessa existência passada. Tal explicação, científica segundo Hernani, é resultado de pesquisas – suas e de outros cientistas, e são utilizadas como fator explicativo da homossexualidade. Maiores informações disponíveis em: <https://www.youtube.com/watch?v=Vgc13-KR0Fs> Acesso em: 01 de março de 2018.

⁸² Cabe mencionar que Hernani Guimarães associa a homossexualidade a dois fatores: tempo – representado pelo período de intermissão e causa traumática. Contudo, na entrevista mencionada e em outras, foi apenas explorada a questão da intermissão como fator explicativo. Há também a menção do trabalho do professor Ian Pretyman Stevenson, médico psiquiatra considerado um dos pesquisadores mais importantes na temática de experiências espirituais. O professor Stevenson incluía a reencarnação como

Para a compreensão de tal menção convém considerar a biografia de Hernani Guimarães. Hernani Andrade Guimarães, nascido em 1913 na cidade paulista de Araguari, foi engenheiro e parapsicólogo espírita. Sua família se mudou pra capital paulista na década de 1929, onde se formou em engenharia civil pela Escola Politécnica da Universidade de São Paulo alguns anos depois. Em sua biografia constam trabalhos realizados na Companhia Siderúrgica Nacional, em Volta Redonda e no Departamento de Águas e Energia Elétrica do Estado de São Paulo, onde se aposentou. Depois de sua aposentadoria mudou-se para a cidade de Bauru onde veio a falecer no ano de 2003.

Evento significativo da biografia de Hernani foi seu papel como fundador do Instituto Brasileiro de Pesquisas Psicobiofísicas (IBPP) em 1963 na cidade de São Paulo. Tal instituição funcionou até o ano de 1992, quando teve sua sede transferida à Bauru devido ao traslado de Hernani da capital ao interior.

Vários foram os experimentos desenvolvidos por ele, sendo vasta a sua produção bibliográfica. Entretanto, é interessante ressaltar que ele produziu o Tensionador Espacial Eletromagnético (T.E.E.M) em 1966, sendo feita outra versão do aparelho na década de 1990, por seu filho, o Tensionador Espacial Magnético (T.E.M.). Ambos os aparelhos tinham por finalidade detectar o Campo Biomagnético (CBM), o que em sua teoria, explicaria a ligação entre o espírito (substância) e a matéria. Dentre seus feitos, foi o primeiro a construir uma câmara de Kirlian⁸³ visando elaborar estudos sobre a aura humana. Além disso, foi responsável por vários estudos sobre *poltergeist*⁸⁴ no Brasil e incentivou os estudos sobre Transcomunicação Instrumental⁸⁵.

A partir da biografia e produção bibliográfica de Hernani Guimarães, fica clara a concepção de conciliação entre a doutrina espírita e a ciência, sendo a ciência

pressuposto de suas pesquisas ao abordar o relacionamento entre mente e cérebro, bem como a continuidade da personalidade após a morte. Guimarães afirmou que resultados do trabalho de Stevenson seriam responsáveis por maiores entendimentos da explicação sobre a homossexualidade.

⁸³ Este é um método de fotografia desenvolvido, acidentalmente, por Semyon Davidovich Kirlian em 1939. O método consiste em se submeter uma chapa fotográfica a altas voltagens e altas frequências em baixas correntes elétricas ao fotografar um objeto. Em tal situação, a imagem fotografada aparece com a uma “aura” ou um halo luminoso ao redor do objeto, seja ele orgânico ou inorgânico.

⁸⁴ Traduzido do alemão *poltern* (barulhento) e *geist* (espírito ou fantasma), designa fenômenos paranormais, ou seja, sem explicações científicas em que há movimento de objetos, luz ou fogo gerados espontaneamente, dentre outros eventos.

⁸⁵ Este seria um estudo da comunicação entre pessoas vivas e espíritos de pessoas falecidas por meio de aparelhos eletrônicos. Sonia Rinaldi, precursora de tais pesquisas no país, contou com o incentivo de Hernani, por meio de participação da IBPP, para gravar as comunicações realizadas com os espíritos. Maiores informações podem ser obtidas no site do Instituto de Pesquisas Projeciológicas e Bioenergéticas – IPPB. Disponível em: <http://www.ippb.org.br/textos/especiais/editora-vivencia/transcomunicacao-instrumental-novos-contatos-registrados> Acesso em: 01 de março de 2018.

instrumentalizada de modo a comprovar a crença espírita, e não testá-la. Assim, o pressuposto do trabalho “científico” de Hernani se pautava na veracidade do espiritismo, que apenas precisava ser demonstrado ao invés de comprovado. Carlos Luz menciona que Hernani na década de 1970 chegou a frequentar a boate Medieval⁸⁶, em São Paulo, como parte de suas pesquisas sobre homossexualidade. Tal fato confirma a preocupação dos intelectuais espíritas de levarem em conta a cientificidade ou as considerações das ciências (médicas e biológicas, principalmente) sobre a homossexualidade em suas explicações sobre o funcionamento da sexualidade.

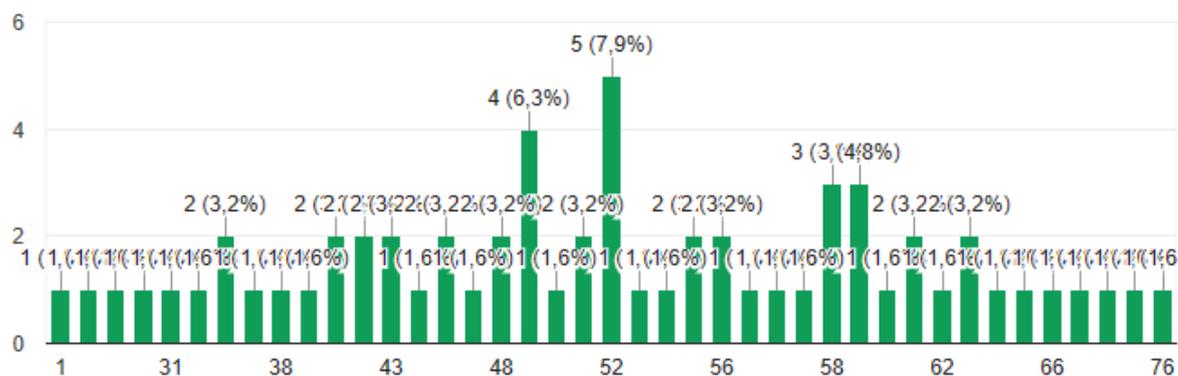
Ainda sobre a entrevista com Carlos Luz, o ápice da conversa, após alguns minutos, consistiu em sua parábola entre gastronomia e glotonaria. Segundo Luz, comer é uma necessidade biológica para manutenção da vida, contudo, uma refeição pode ser feita visando satisfazer essa necessidade e ao mesmo tempo proporcionar prazer: tem-se aqui o objetivo da gastronomia, tornar ainda mais prazeroso o ato de comer. Contudo, a glotonaria consiste no prazer pelo excesso do comer, ato desenfreado e descontrolado associado ao consumo excessivo de alimentos para além da satisfação. Nesta, o prazer consiste na quantidade, naquela, na qualidade do prato degustado. Assim, seria o mesmo com o ato sexual, independente de hétero ou homossexual, pois buscar o prazer no sexo não é condenável em si, mas antes, o uso excessivo deste como fonte de prazer. Tal argumentação está em consonância com a ideia de obsessão, descontrole e poderia estar relacionada à influência de espíritos, segundo Luz.

Em suma, a partir da conversa com o Carlos Luz pode-se concluir que 1) embora não houvesse conhecimento por parte da diretoria do CEAC sobre a bibliografia aqui demarcada como referência espírita da explicação da homossexualidade, as considerações dos diretores do CEAC frente à homossexualidade tende a tratar esta com normalidade, recorrendo a fatores explicativos que estão em acordo com os mencionados pela literatura espírita analisada. 2) Embora reconhecidas as lideranças intelectuais e mediúnicas nacionais no movimento espírita, os centros espíritas e seus presidentes tendem a dar valor às lideranças locais, ou seja, aquelas que participam do centro ou do movimento regional, como a menção de Hernani Guimarães deixa evidente.

⁸⁶ Situada na Rua Augusta quase na esquina com a Avenida Paulista, a boate Medieval faz parte das primeiras boates gays da capital paulistana. Funcionou de agosto de 1971 a meados de 1984. Maiores informações conferir: <https://vejasp.abril.com.br/cultura-lazer/boate-medieval-gay-memoria/> Acesso: 01 de março de 2018.

Diferente do acontecido com o Centro da cidade de São Carlos, em Bauru, após alguns acordos com a liderança do centro selecionada para fazer a intermediação entre o CEAC e o presente pesquisador, foi possível a aplicação do questionário (Anexo II) aos frequentadores dos grupos mediúnicos do centro. Devido à cautela em se vincular o nome do CEAC a um possível interesse na sexualidade de seus frequentadores, optou-se pela participação anônima dos integrantes do grupo mediúnico por meio de formulário do Google. Importante ressaltar que a aplicação de tal questionário online foi possível devido ao fato do espiritismo estar difundido entre pessoas com alto índice de escolarização, mormente entre as classes médias do estrato social brasileiro. Em outras palavras, os indivíduos que participariam da pesquisa tinham acesso fácil à internet, bem como conhecimento para usá-la. De tal modo que houve 63 respostas ao questionário. Dentre os participantes as idades foram variadas, desde os 23 aos 76 anos, com a maioria deles entre 45 e 60 anos de idade, mais precisamente 53,13% deles (ou 34). Tal qual a figura 2 indica.

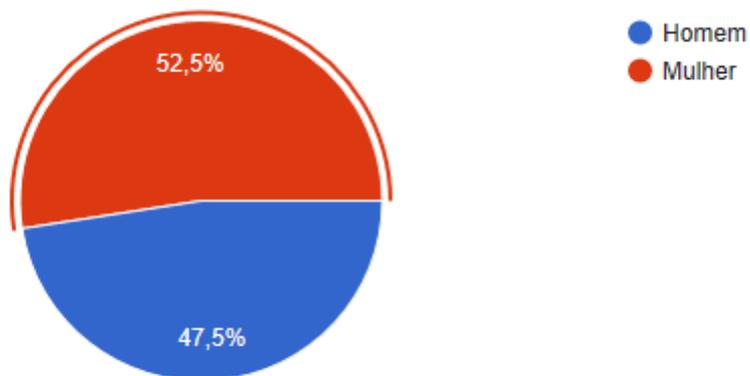
Figura 2. Idade.



Fonte: Questionário Corpo e Espírito – CEAC.

Dentre os respondentes as identificações como homem ou mulher foram quase que idênticas, com quase metade dos respondentes homens e a outra metade mulher.

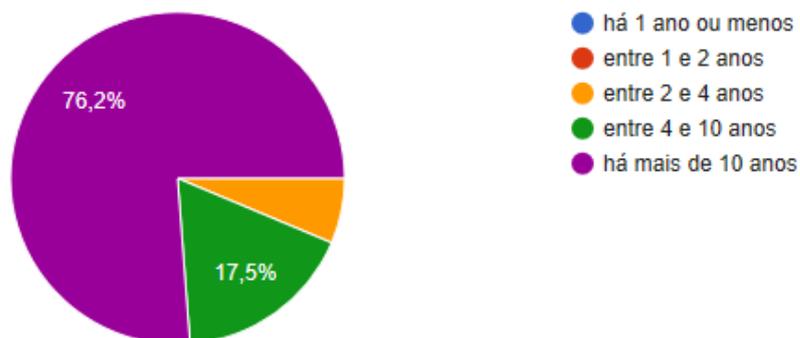
Figura 3. Como se identifica.



Fonte: Questionário Corpo e Espírito – CEAC.

Visto que os participantes da pesquisa eram membros de estudos mediúnicos, a maioria deles frequentavam o CEAC a mais de 2 anos, mais especificamente 6,3% frequentavam entre 2 e 4 anos, 17,5% frequentavam entre 4 e 10 anos; e 76,2% deles frequentavam o CEAC a mais de 10 anos.

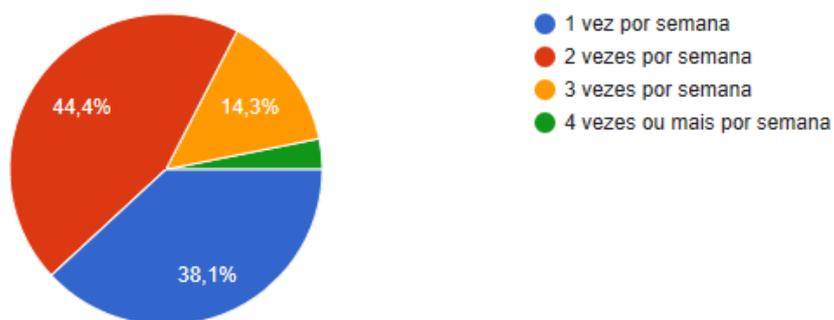
Figura 4. Tempo de frequência no CEAC.



Fonte: Questionário Corpo e Espírito – CEAC.

Além de pertencerem ao CEAC há muitos anos, a maioria dos participantes frequentavam as atividades do centro de 1 a 2 vezes por semana.

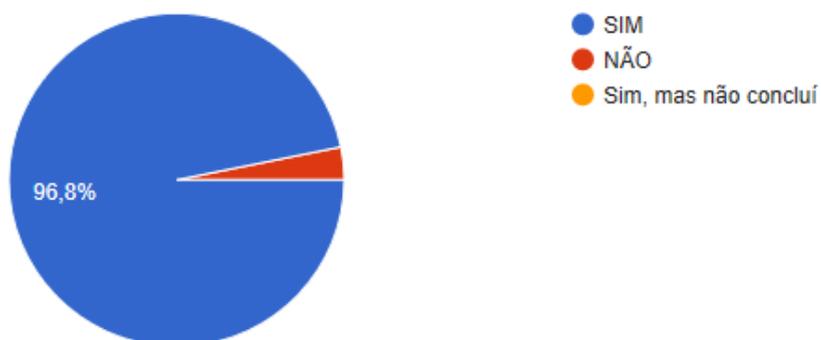
Figura 5. Frequência as atividades do CEAC.



Fonte: Questionário Corpo e Espírito – CEAC.

A maioria dos respondentes não apenas mantinham frequência regular às atividades do CEAC como também aos cursos oferecidos pela instituição.

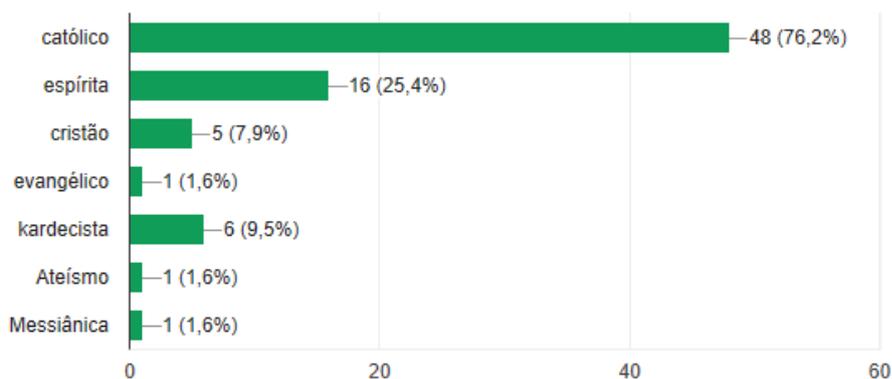
Figura 5. Frequentou cursos.



Fonte: Questionário Corpo e Espírito – CEAC.

Com relação à religião de origem, como poderia ser esperada, a maioria dos respondentes marcou o catolicismo.

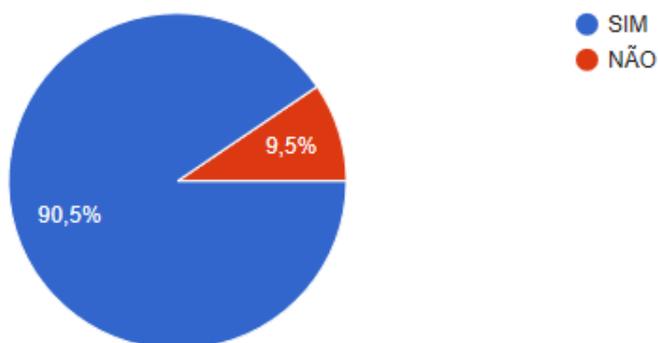
Figura 6. Religião de origem.



Fonte: Questionário Corpo e Espírito – CEAC.

A maioria das pessoas acredita que se possa nascer homossexual, o que indica credibilidade na crença de que os espíritos trazem de suas reencarnações passadas as inclinações e tendências que definem sua sexualidade. Ou mesmo em na essencialização da homossexualidade.

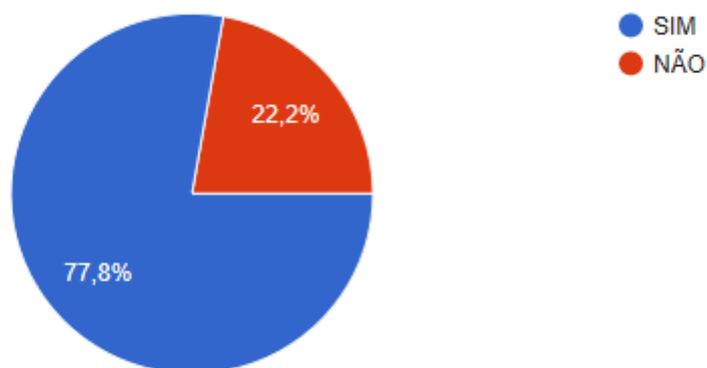
Figura 7. Acredita que as pessoas possam nascer homossexuais.



Fonte: Questionário Corpo e Espírito – CEAC.

Com relação ao tratamento dado àqueles que se assumem homossexuais, mais da metade dos respondentes acredita não haver diferenças de tratamento dentro dos centros. Em outras palavras, não haveria, na opinião dessas pessoas, preconceito explícito ou velado dentro das instituições espíritas. Percepção distinta das apontadas por Suzana Simões, Wagner Paixão, Andrei Moreira e Gibson Bastos.

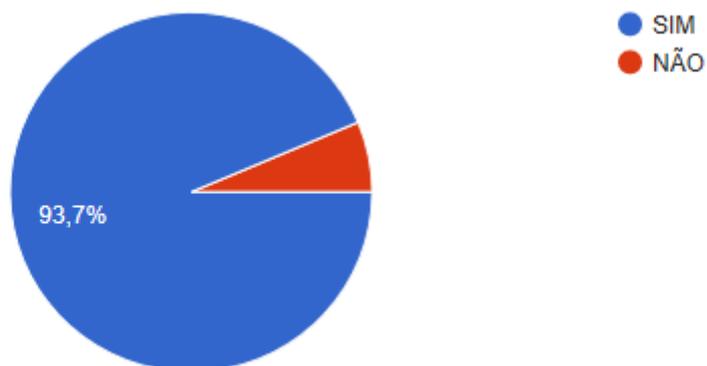
Figura 8. Homossexuais recebem tratamento igualitário?



Fonte: Questionário Corpo e Espírito – CEAC.

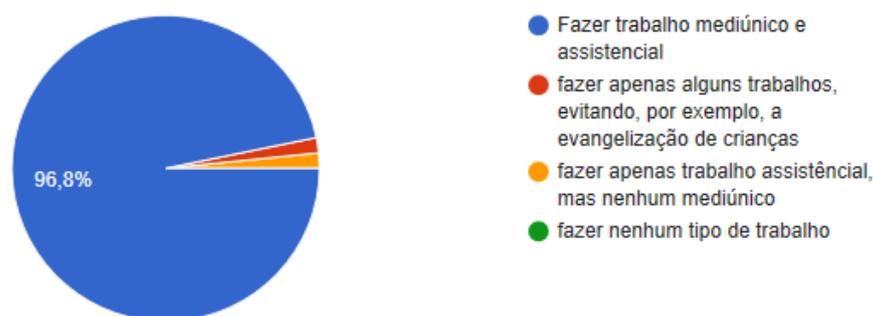
Sobre a atuação de homossexuais assumidos dentro dos centros, a maioria das pessoas não só acreditam que eles possam exercer cargos de liderança como ainda podem realizar trabalho mediúnico e assistencial, tal qual as figuras 9 e 10 detalham.

Figura 9. Homossexuais podem exercer cargos de liderança?



Fonte: Questionário Corpo e Espírito – CEAC.

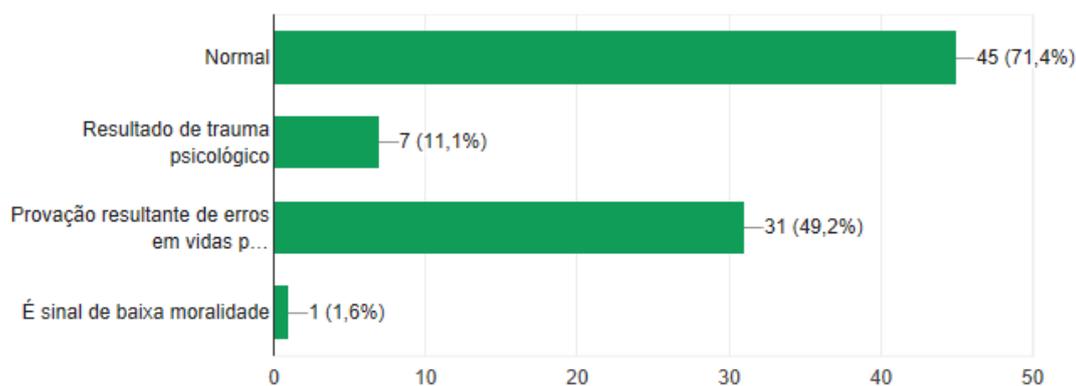
Figura 10. Quais atividades poderiam ser exercidas por homossexuais nos centros?



Fonte: Questionário Corpo e Espírito – CEAC.

Sobre a homossexualidade, a maioria das pessoas acredita que esta é normal, seguido da crença de que esta é resultado de provação de vidas passadas.

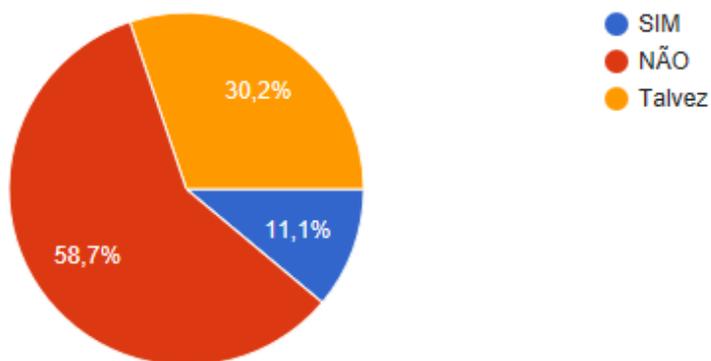
Figura 11. Como considera a homossexualidade



Fonte: Questionário Corpo e Espírito – CEAC.

Contudo, metade dos respondentes concorda que desejos homossexuais poderiam ter como causa a ação de espíritos obsessores. Ou seja, embora muito frisado pelos intelectuais aqui considerados, a homossexualidade poderia ser resultado de causa externa a intimidade dos indivíduos e história dos espíritos.

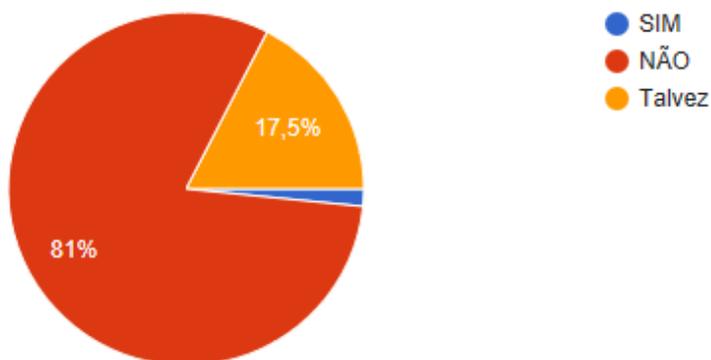
Figura 12. Espíritos obsessores podem causar desejos homossexuais?



Fonte: Questionário Corpo e Espírito – CEAC.

Sobre as possibilidades de se fazer tratamento de homossexuais, mais de 80% dos entrevistados é contra essa possibilidade. Tal postura atesta confluência com as posturas médicas recentes de despatologização dessa sexualidade.

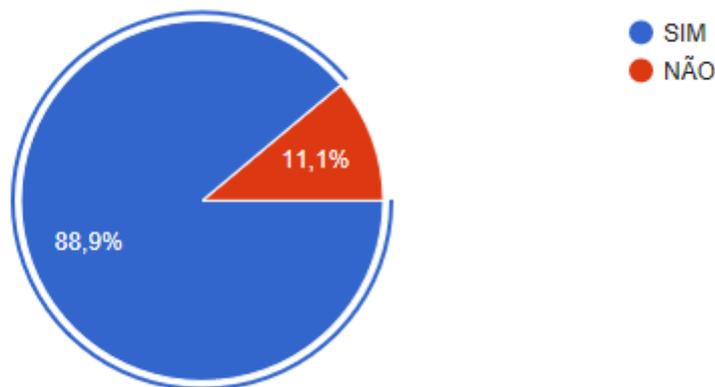
Figura 13. É favorável à tratamentos para homossexualidade?



Fonte: Questionário Corpo e Espírito – CEAC.

Já no que diz respeito à aceitação de homossexuais no centro, a maioria dos entrevistados disseram aceitar que casal entre de mãos dadas.

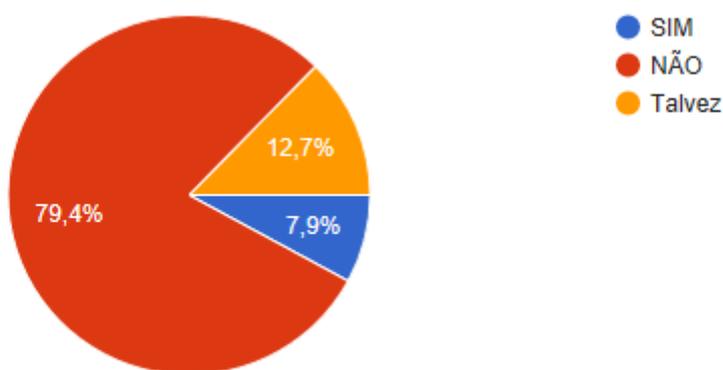
Figura 14. É considerável aceitável que um casal homossexual entre de mãos dadas no centro?



Fonte: Questionário Corpo e Espírito – CEAC.

Embora as informações fornecidas indiquem grande avanço com relação à consideração da homossexualidade pelos espíritas, é preciso lembrar que para a maioria deles a homossexualidade não é algo que precisa ser dito ou defendido em público. Dessa forma, à maioria deles, a homossexualidade ainda é empurrada pra um regime de invisibilidade, onde esta mesmo sendo considerada normal não precisa ser dita. Embora aceitem ver casais de homossexuais com as mãos dadas, ainda assim, não há necessidade destes ficarem enunciando sua orientação sexual.

Figura 15. É necessário que as pessoas se identifiquem como homossexuais?



Fonte: Questionário Corpo e Espírito – CEAC.

De modo geral, é possível concluir pelos dados colhidos pelo questionário que embora alguns posicionamentos típicos de pessoas preconceituosas ou de episódios de

preconceito, ainda assim, os espíritas do CEAC possuem posicionamentos progressistas frente às considerações religiosas hegemônicas sobre a homossexualidade.

Centro Espírita Casa do Caminho

Em se tratando do centro espírita Casa do Caminho, pode-se frequentar as aulas de um curso intitulado: Introdução aos Fundamentos do Espiritismo. A frequência às aulas do curso foi resultado de um convite do próprio presidente da instituição, Edson Gesualdo⁸⁷, que também era responsável por ministrá-lo. As reuniões ocorreram semanalmente e tinham duração de uma hora e meia, sendo o objetivo do curso a formação dos frequentadores para que se habilitassem a participar dos trabalhos do centro⁸⁸. Tal curso abordou temas relevantes à pesquisa, como: sexo, sexualidade, família e energia sexual.

A observação dos participantes ao comentarem os aspectos de suas experiências de vida e fatos do dia a dia, possibilitou compreender algumas associações e explicações que podem ser produzidas a partir da doutrina espírita, como por exemplo, a explicação de que a homossexualidade, algumas práticas e alguns desejos sexuais podem ser resultado da ação de espíritos obsessores. O interessante dessa experiência consistiu, principalmente, na postura do presidente do centro, que sempre respondia a essas proposições indicando que nada poderia ser reduzido a uma única variável causal. Em outras palavras, quando os alunos do curso insistiam em associar um fenômeno ou evento como resultado de uma causa, ouviam de seu tutor um discurso relativista que dizia que essa poderia ser apenas uma das causas possíveis, não sendo possível determinar com certeza qual a razão ou motivo.

Outro fato que sobressaltou aos olhos consistiu em observar a maneira como os temas que envolviam o sexo eram abordados nas aulas. Sempre que se faziam comentários a respeito de tais assuntos, um clima de desconforto pairava no ar. Discutir homossexualidade parecia invocar a presença de uma entidade que não podia ser negada

⁸⁷ Embora professor de engenharia na Universidade de São Paulo Campus São Carlos, Edson não possui a mesma visibilidade que acompanha os dirigentes do CEAC Bauru. Já que foi possível encontrar entrevistas de todos os dirigentes do CEAC ao Jornal da Cidade, jornal que circula em Bauru, diferente da realidade são-carlense.

⁸⁸ Nos centros espíritas é comum existir um dia da semana dedica ao trabalho mediúnico visando auxiliar os espíritos chamados de sofredores.

nem desrespeitada. Todos ao fazerem comentários, mesmo que admitissem que esta forma de sexualidade fosse normal, complementavam tal justificativa com proposições tais como: mesmo assim é difícil encarar pessoas do mesmo sexo se beijando; ou que a televisão não deveria mostrar esse tipo de relação, pois poderia influenciar as crianças. A justificativa do: “Eu respeito, mas...” sempre antecedia a crítica. O medo em expressar comentários que pudessem ser interpretados como preconceituosos ou homofóbicos parecia estar presente em todos que tinham alguma contribuição a fazer sobre o tema.

Em suma, observar essa reação faz atual a reflexão de Eve Sedgwick (2007) sobre o “armário”. Segundo a autora, o armário é uma parte constitutiva não apenas da vida daqueles que se identificam como homossexuais, mas é parte integrante do regime heterossexista. Uma vez que é por meio desse dispositivo que os valores e privilégios heterossexuais se tornam hegemônicos. Embora as pessoas afirmem considerar a homossexualidade normal, ao dizerem que esta deve ser vivida de maneira oculta ou que não deveria ser demonstrada publicamente, não percebem que estão empurrando essa experiência à invisibilidade que sempre lhe coube. Assim, o armário que “é a estrutura definidora da opressão gay no século XX” (SEDGWICK, 2007, p. 26) acaba sendo usado na atualidade pelos que se dizem sem preconceitos.

Outro fato interessante a ser mencionado é maneira como as aulas eram ministradas. Em todas elas, antes de se iniciar e ao encerrá-la, um dos presentes era convidado a efetuar uma oração ou prece, que sempre evoca a ajuda de Deus e de Jesus. Tal ato singelo é interessante por demonstrar não apenas o traço religioso espírita (ARRIBAS, 2010), mas o traço cristão do espiritismo.

Não obstante, nesses momentos se percebia a maneira como as divisões de gênero são encaradas no espiritismo. Em se tratando dos alunos que frequentavam o curso, pode-se dizer que estes compunham um grupo bastante heterogêneo, pois era formado por jovens, adultos e idosos, homens e mulheres. Todos podiam participar, sendo inclusive bastante comum a realização das preces iniciais e finais por alguma das mulheres presentes. Inclusive uma delas era muito requisitada à realização das preces, a ponto de alguns dos alunos chegarem a comentar sua ausência como triste, pois “a melhor oradora havia faltado”. Muito embora o curso fosse ministrado pelo presidente do centro, este tinha o apoio e suporte de uma mulher, que o acompanhava como seu

braço direito. Sua presença era essencial ao andamento da aula, já que ela era responsável por distribuir os resumos das aulas e cuidar da frequência dos alunos.

Com relação ao centro Casa do Caminho, ainda foi possível participar de algumas palestras e acompanhar o fluxo de pessoas que vão semanalmente aos eventos da instituição. Já em relação ao núcleo Amor e Caridade, houve participação em atividades como palestras públicas. Embora os dois centros sejam antigos, o CEAC Bauru possui uma estrutura maior que o CECC em São Carlos, bem como maior número de iniciativas caritativas e de frequentadores.

Desafios do trabalho de campo

Durante a realização do trabalho de campo houve necessidade de negociações com os dirigentes espíritas de ambos os centros. No caso do CEAC Bauru, quando considerada a hipótese de aplicação de questionário, houve debate sobre como isso se procederia, pois vincular um questionário abordando temas delicados e de âmbito privado às publicações do centro poderia de alguma forma criar uma “má impressão” ou “má imagem” na reputação do centro, ao menos entre aqueles que o frequentam esporadicamente. Além disso, foi negociada as perguntas que seriam feitas, aliás, em um primeiro momento, por que posteriormente o pedido foi encaminhado à diretoria do centro que, após longa espera, acabou aprovando a aplicação, apenas entre aqueles que participavam dos estudos mediúnicos, desde que aplicado online, pois evitaria a vinculação de tais temas ao CEAC.

Contudo, é importante dizer que a delonga nesse processo não envolve apenas a questão que ronda o tema, mas também o respeito à burocracia sob a qual os centros estão amparados. O fato é que, entre o primeiro contato e a divulgação do questionário, houve a passagem de vários meses, porque a diretoria precisava avaliar as possibilidades e impactos envolvidos na realização da presente pesquisa.

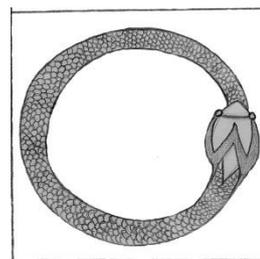
Já com relação ao Centro Espírita Casa do Caminho, seu presidente preferiu não conceder entrevista individual, embora tenha me deixado à vontade para questioná-lo durante o curso de introdução aos fundamentos do espiritismo. O mais interessante em relação a essa permissão se deu pela sua justificativa, no fato de que um trabalho envolvendo tal temática no âmbito do espiritismo ter sido aprovado em instituição de ensino superior laica e ainda ter recebido financiamento, ser considerado como

indicativos de “apoio” do plano espiritual. Aliás, justificativa parecida com a utilizada por Saad e Carlos Luz, de que independente da consideração feita através desse trabalho, este seria um canal por onde a doutrina espírita se faria conhecida no campo científico.

Mesmo com a postura do presidente do CECC, ainda assim houve o envio do questionário junto de pedido formal para permissão de aplicação do mesmo. Entretanto, não houve respostas nem de negação nem de permissão para aplicação do questionário.

De maneira geral, foi em nome do caráter científico do espiritismo que os interlocutores que participaram na elaboração desse trabalho justificaram seu apoio. Embora reconhecido no Brasil como religião, o contato estabelecido com os espíritas aqui mencionados deixou claro a consciência destes de que o espiritismo é mais que uma religião.

Conclusão



Antes da consideração das conclusões que esta pesquisa possibilitou sobre entendimento da diversidade sexual a partir das explicações espíritas, optou-se pelo uso da figura do Ouroboros como epígrafe.

Ouroboros é um símbolo representado por uma serpente engolindo, ou devorando a própria cauda (do grego, *oura*: cauda e *boros*: devora). Este símbolo foi utilizado na alquimia para representar a unidade da matéria e, particularmente, o trabalho que não possui início nem fim. Não obstante, recorre-se a essa representação como analogia na qual se pretende simbolizar as reflexões propostas nas próximas páginas.

De modo geral, os vários usos do Ouroboros consistiram na ênfase cíclica da natureza, simbolizada na ideia de crescimento ou regeneração, que culmina em reversão do estado primário. Em outras palavras, segundo J. H. Sheppard (1962), nas ilustrações produzidas pela alquimia helenística o Ouroboros foi “qualificado por inscrições confirmando e ressaltando o surgimento da multiplicidade do indiferenciado, seguido do retorno das diversas formas para o Uno⁸⁹” (SHEPPARD, 1962:94). Tal concepção acerca do Ouroboros está referida na fórmula “*The One is the All*⁹⁰” (SHEPPARD, 1962:93).

Embora a consideração do Ouroboros pareça fora de contexto, esta representa um paralelo com a reflexão aqui proposta, que remete ao início das considerações desse trabalho. Conforme a doutrina espírita, todos os espíritos, embora em níveis distintos de evolução, são considerados como constituídos da mesma substância. Contudo, existe uma variedade de existências humanas distintas, que são resultado da relação que o espírito (dotado de memória e história) estabelece com o corpo que anima. Ou seja, a

⁸⁹ Tradução livre. No original: “[...] was qualified by the inscriptions confirming and stressing the rise of multiplicity from the undifferentiated, followed by the return of the diverse forms into the One”.

⁹⁰ Em tradução livre: A unidade é o todo.

partir de uma mesma substância – o espírito – é possível gerar diversas existências singulares. Além disso, a morte marca o fim da multiplicidade das existências, e o retorno ao mundo espiritual. Tal crença é explicada pela reencarnação, base desse mecanismo de existência espiritual que parte do espírito (Uno) para a multiplicidade da experiência encarnada (todo), cabendo à morte o movimento inverso. Dessa maneira, o mecanismo de funcionamento da reencarnação se assemelha a noção transmitida na fórmula do Ouroboros: *The one is the all*.

Ainda segundo o espiritismo, não apenas a reencarnação, mas também a memória de vidas passadas são as chaves pela qual a sexualidade humana é explicada. Contudo, é preciso ressaltar que para aqueles que vivenciam sua religiosidade no espiritismo, esses conceitos não são apenas doutrinas, sendo antes, *fatos* da natureza, princípios do universo e, portanto, realidade concreta.

De tal modo que ao se considerar a atitude mental proposta por Georg Simmel (2010; 2011) sobre os crentes: 1) de que a religiosidade é uma atitude que visa unificar o mundo, unindo aparências às essenciais, por meio da procura de Deus e, 2) de que estes interpretam a realidade através de suas crenças; é razoável concluir que algumas disposições e ações dos espíritas são motivadas por crenças religiosas. Acrescenta-se a formulação de Simmel ao teorema de William Isaac Thomas: “Sempre que uma situação for definida pelo indivíduo como real, ela será, em sua consequência, real” (ROSENTHAL, 2014), e é possível compreender a razão da inexistência de um movimento LGBT no seio do movimento espírita.

Segundo a consideração de Kardec, ampliada nos dois livros de Francisco Cândido Xavier já considerados, a reencarnação é parte constitutiva do mundo, sendo necessário tanto à evolução individual quanto à evolução social. Na visão teleológica da doutrina espírita, os espíritos evoluem, necessariamente, e junto destes, a humanidade de forma geral, sendo preciso várias reencarnações para que tal processo individual produza resultados coletivos. Essa consideração da reencarnação como real, implica na inutilidade de um movimento LGBT espírita, por dois motivos: 1) porque algumas pessoas não conseguirão compreender a questão concernente à sexualidade na vida presente, sendo esta um aprendizado a ser conquistado em uma encarnação futura. 2) Devido à impossibilidade de se apressar o ritmo da evolução, que é apenas conquistado por meio da reencarnação. Nessa concepção, a evolução da humanidade é parte

constitutiva da vida, é *natural*, pois as reencarnações sucessivas dos espíritos asseguram e garantem tal marcha, o progresso não pode ser interrompido. Desse modo, para que haja mudanças significativas no entendimento e comportamento da sociedade como um todo é preciso o decorrer de longos períodos de tempo.

Tal perspectiva por parte dos integrantes do movimento espírita com os quais tive contato, explica a afirmação mencionada por alguns deles em dados momentos, a saber, a de que: “Só morrendo esse pessoal para haver mudança de verdade” ao se referirem a alguns dirigentes ou médiuns específicos. Essa declaração não é chocante, antes é a confirmação da crença na reencarnação, pois expressa que para alguns, aprender sobre as questões da sexualidade de acordo com as doutrinas da imortalidade do espírito e da reencarnação, poderia se assemelhar a uma concepção *moderninha* sobre o tema e, justamente por isso, seja algo que para aquele indivíduo, acontecerá apenas no futuro. Algo a ser conquistado por meio de certas vivências em existências por vir.

Contudo, para esses casos, é bastante comum a receita geral e amplamente aceita no espiritismo: amor (ao próximo) e caridade. Ou seja, mesmo com as impossibilidades de que alguém não consiga compreender, ou mesmo não concorde, com as implicações que a explicação espírita fornece da sexualidade, ainda assim, o respeito é cobrado como prática do amor ao próximo, e a ajuda a esses indivíduos não poderia ser negada ou recusada, devido à importância da caridade. Em outras palavras, é acionado o caráter religioso do espiritismo.

Outra implicação direta na ação dos espíritas, e incluo aqui os declaradamente homossexuais, está não na preocupação em se difundir as explicações espíritas sobre a sexualidade, mas antes em se difundir o próprio espiritismo. A questão de fundo que justifica tal postura é de que quanto mais pessoas conhecerem o espiritismo, mais rápidas seriam as mudanças conquistadas na sociedade como um todo, ou melhor, mais rápida seria a evolução da sociedade. E assim, as questões acerca da sexualidade seriam bem entendidas, culminando no fim das lutas LGBT devido à conquista de uma sociedade fraterna pautada nos ideais do amor e da caridade.

Nesse sentido, o argumento: “de que apenas morrendo alguns para haver mudança”, expressa um recorte geracional entre as maneiras de se pensar determinados assuntos e a inutilidade de luta coletiva em prol dessas mudanças. Indivíduos mais

idosos, talvez fossem menos propensos à discussão de assuntos como sexualidade e comportamento sexual. O que é entendido pelos próprios espíritas como resultado da experiência (história) vivida pelo indivíduo em sua encarnação. Ligada às questões de ano de nascimento, costumes locais referentes ao espaço em que foi criado, nível de escolaridade, dentre outras questões historicamente situadas. Assim, para que haja superação dessas posturas e opiniões, para muitos, a única saída é outra reencarnação.

Ainda outra característica evidenciada nessa fala reside na inexistência de consensos em relação ao assunto tratado. Por exemplo, sobre o aborto, tal qual Marcelo Saad deixou claro em sua entrevista, a única bandeira que a AME-SP e as AME(s) de modo geral levantam é de proteção à vida. Sobre esse assunto, nenhum dos participantes justifica a necessidade de mudança a partir do intercâmbio de alguns membros antigos do movimento, “não adiantaria que esses membros atuais morressem” uma vez que essa postura, a favor da vida, é tida como consenso, e por isso, continuaria sendo defendida. Caso distinto no que diz respeito à homossexualidade, devido à falta de consenso sobre o tema e a existência de diversas maneiras de explicá-la e considerá-la, apenas a morte de alguns poderia abrir espaço para que novas interpretações e explicações adentrassem determinados ambientes institucionais como centros e outras associações.

Em termos de conclusão, ainda é preciso destacar outras duas dimensões consideradas ao longo da análise: 1) a normalização da homossexualidade a partir de sua explicação pela doutrina espírita e, 2) o papel das instituições na difusão dessa explicação. Na visão espírita, embora a sexualidade seja definida pelo espírito (de suas memórias e disposições envolvidas em sua existência imortal) é a relação estabelecida entre o espírito com o corpo que anima (a matéria) que define a sexualidade e o gênero. Contudo, levando em conta a possibilidade de existência em apenas dois tipos de corpos: o masculino e o feminino, as inclinações do espírito se dão de maneira a contemplar dois pólos opostos e complementares que precisam se harmonizar: o pólo ativo (masculinidade) e o pólo passivo (feminilidade). Assim, gênero seria o resultado da relação entre o corpo e o espírito dotado de suas características passivas e ativas; e a sexualidade seria definida por meio da relação do corpo com o espírito, mais especificamente com suas memórias de vidas pretéritas.

Embora o espiritismo considere a multiplicidade de gêneros e sexualidades como normais, explicando-as pela história do espírito e suas relações com o corpo. Esta

crença, a fé raciocinada, ainda não rompe o binarismo heteronormativo que concebe gênero e sexualidade a partir das diferenças anatômicas entre homem e mulher. Aqui ainda se tem associado ao corpo masculino uma disposição de ação e ao feminino de passividade, estando o segundo sujeito ao primeiro. Não obstante, outros estereótipos de gênero são acrescidos à explicação espírita acerca desses dois pólos: o fato da masculinidade estar ligada à produção, ao trabalho e a feminina ao mundo sentimental, familiar e ao cuidado. Mais que isso, a necessidade de complementação e harmonia entre esses pólos pode ser considerada como marca de uma concepção heteronormativa, já que os opostos se atraem, o natural resultaria na união de um homem com uma mulher.

De fato, a normalização da homossexualidade se dá dentro desse paradigma de pensamento, o que tenderia à conclusão de que homens homossexuais másculos necessitariam se relacionar com homens efeminados, uma vez que o primeiro equivaleria à força ativa (masculina) e o segundo, a passiva (feminina), sendo o equilíbrio entre essas forças resultante dessa relação. Novamente se verifica a presença do pensamento heterocentrado que concebe a sexualidade a partir da divisão binária entre dois corpos e dois modos de ser, onde as relações sexuais e amorosas se pautam em papéis sexuais análogos ao de homem e mulher. Contudo, a principal diferença apreendida pelo espiritismo reside em se considerar os pólos ativo e passivo como componente de um continuum, no qual as diferentes identidades de gênero se situam. Tal formulação distancia-se da lógica heterocentrada de: ou um, ou outro; ou ativo, ou passivo; resultante de uma oposição binária entre eles.

A normalização das não heterossexualidades é acompanhada pela sua normatização, onde o mesmo modelo de comportamento heterossexual (relação monogâmica pautada no respeito e no amor) é prescrito a todas as formas de relacionamento erótico-sexuais. Tal postura se assemelha à mesma defendida por outras vertentes religiosas de tradição judaico-cristã. Contudo, o espiritismo se diferencia destas ao defender o casamento entre pessoas do mesmo sexo. Segundo os autores considerados, o casamento é uma marca do progresso espiritual da humanidade, não devendo, por isso, ser negado a nenhum tipo de relação afetiva entre dois indivíduos. Bem como na discussão que envolve a constituição de famílias com pais LGBT se tem outra postura que destoa das denominações cristãs, qual seja, de que qualquer casal não

apenas tenha o direito de se casar como também de constituir família. Nesse caso, a adoção de crianças por parte de casais LGBT se torna algo normal⁹¹.

Já com relação ao papel das instituições espíritas estas são importantes por proverem cursos e difundirem conhecimento acerca da base da doutrina. Embora não exista uma instância que assegure o consenso acerca das explicações possibilitadas pela doutrina, os dirigentes dos centros e outras instituições espíritas acabam desempenhando esse papel. Eles são responsáveis por estimular ou não a discussão desse tópico, divulgando tal concepção, nas instituições que dirigem. Traçando um paralelo com a própria doutrina espírita sobre a sexualidade: não é a instituição, o corpo, que define a relevância da discussão sobre a sexualidade, mas são antes, os dirigentes (o espírito das instituições) que o fazem.

Convém destacar que embora essa explicação sobre a sexualidade seja recente dentro do movimento espírita, tendo, como já dito, Chico Xavier como principal pivô de seu início, não se pode definir se esta é resultado das mudanças na concepção médico-científico sobre a homossexualidade ou mesmo como impulsionado pelos movimentos LGBT. O que é válido para se afirmar é que nas últimas décadas esse tem se tornado um assunto que merece discussão, possibilitando a revisão de antigas concepções sobre o tema.

Em suma, para retomar a epígrafe deste trecho final da dissertação e encerrar, devido às suas características peculiares, novas explicações sobre a sexualidade humana podem emergir no seio do movimento espírita com base na consideração apenas na doutrina deixada por Kardec, por influência de novos posicionamentos da comunidade médica, novas descobertas da ciência ou novas *revelações* de espíritos. Seja como for, tal qual o Ouroboros, este trabalho ao se findar, não visa por fim à análise e consideração deste tema, mas antes propiciar novas perspectivas e possibilidades de pesquisa sobre a intersecção de espiritismo e sexualidade.

⁹¹ Inclusive porque na doutrina espírita existe a consideração de família espiritual e afinidades estabelecidas entre espíritos, seja por terem se conhecido em encarnações passadas ou por vivências no mundo espiritual. Dessa maneira, para espíritos com tais afinidades ou história conjunta, mesmo que estes não tenham parentesco consanguíneo, não deveriam ser privados de conviverem e cumprirem os objetivos da encarnação na qual se encontram. Portanto, a adoção de filhos por famílias LGBT deveria ser considerada normal, pois possibilita que os espíritos em questão possam aprender o que precisam conjuntamente.

Referências Bibliográficas.

ADELMAN, Miriam. **A voz e a escuta:encontros e desencontros entre a teoria feminista e a sociologia contemporânea.** São Paulo: Blucher acadêmico, 2009.

ARRIBAS, Célia da Graça. **Afinal o espiritismo é religião?** São Paulo: Alameda, 2010.

_____. **Espiritismo: entre crime e religião.** In: MNEME – Revista de Humanidades, v. 11, n. 29, 2011.

_____. **O caráter religioso do espiritismo.** In: Fragmentos de cultura, v. 23, n. 1, Goiânia, 2013, p. 3-16.

AUBRÉE, Marion. **Entre história e mito: a dinâmica da literatura espírita no Brasil.** Caminhos, V. 10, N. 02, p. 145-156, Goiânia, 2012.

AUBRÉE, Marion; LAPLANTINE, François. **A mesa, o livro e os espíritos: gênese, evolução e atualidade do movimento social espírita entre França e Brasil.** Maceió: EDUFAL, 2009.

AVILA, Maria Betânia; PORTELLA, Ana Paula & FERREIRA, Verônica (orgs). **Novas legalidades e democratização da vida social: família, sexualidade e aborto.** Rio de Janeiro, Garamond, 2005.

BARROCAS, Ricardo L. L. **Investigação epistemológica da homossexualidade feminina na obra de Freud: uma perspectiva lewino-bruniana.** In: Bagoas – Estudos gays: gêneros e sexualidades, v. 5, n. 6, 2011, p. 91-115.

BARROS, Sullivan Charles. **As entidades brasileiras da umbanda e as faces inconfessas do Brasil.** XXVII Simpósio Nacional de História – ANPUH Brasil – Conhecimento histórico e dialogo social, Natal, Rio Grande do Norte, junho de 2013.

BASTIDE, Roger. **O candomblé da Bahia: rito nagô.** São Paulo, Cia Editora Nacional, 1961.

BAUMERT, Norbert. **Mulher e homem em Paulo.** Superação de um mal-entendido. São Paulo: Loyola, 1999.

BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual**. Rio de Janeiro, Garamond, 2006, 256 p.

BENTO, Berenice e PELÚCIO, Larissa. **Despatologização do gênero: a politização das identidades abjetas**. In. Estudos Feministas, Florianópolis, V. 20, N. 2, 2012.

BIRMAN, Patrícia. **Fazer estilos criando gêneros: possessão e diferenças de gênero em terreiros de umbanda e candomblé no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, EdUERJ/Relume Dumará, 1995.

_____. **Transas e trances: sexo e gênero nos cultos afro –brasileiros, um sobrevoo**. Estudos feministas, v. 13, n. 2, Florianópolis, maio-agosto, 2005.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.

BUSIN, Vália Melki. **Religião, sexualidade e gênero**. In: Rever, ano 11, n. 01, 2011.

BUTLER, Judith. **Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo**. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). O corpo educado: pedagogias da sexualidade. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, p. 151-172, 1999.

_____. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003.

CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira de. **Kardecismo e umbanda: uma interpretação sociológica**. São Paulo, Pioneira, 1961.

CAMURÇA, M A. **Espiritismo: um “neocristianismo”?** IHU On-line. São Leopoldo, 1 de novembro, 2010.

_____. **O conceito de reencarnação no espiritualismo moderno: entre o círculo de Sãmsara e o Evolucionismo Positivista**. In: Numen: revista de estudos e pesquisa da religião, v. 3, n. 1, Juiz de Fora, 2000 p. 95-109.

CARRARA, Sérgio. SIMÕES, Júlio Assis. **Sexualidade, cultura e política: a trajetória da identidade homossexual masculina na antropologia brasileira**. In: Cadernos Pagu, n. 28, 2007, p. 65-99.

CECCARELLI, Paulo Roberto. **A invenção da homossexualidade**. In: Bagoas – estudos gays: gêneros e sexualidades, v. 2, n. 03, 2008, p. 71-93.

_____. **Psicanálise, sexo e gênero: algumas reflexões**. In: RITAL, Carmen; PEDRO, Joana Maria; AREND, Silvia M. F. (orgs.). *Diversidade: dimensões de gênero e sexualidade*. Ilha de Santa Catarina: Mulheres, 2010, p.269-186.

COELHO JUNIOR, Carlos Lacerda. **A emergência de uma teologia queer – uma breve análise sobre as influências dos movimentos feminista e homossexual no processo de reconfiguração do sagrado**. 17º Encontro Nacional da Rede Feminista e Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisa sobre a Mulher e Relações de Gênero, 2012.

COHN, Gabriel. **Weber**. Coleção grandes cientistas sociais. Editora: àtica, São Paulo, 2008.

DANIEL, Herbert; PARKER, Richard. **AIDS a terceira epidemia: ensaios e tentativas**. São Paulo, Iglu, 1991.

DUARTE, Luiz Fernando D.; GOMES, Edlaine C.; MENEZES, Rachel A. & NATIVIDADE, Marcelo (orgs.). **Valores religiosos e legislação no Brasil**. Rio de Janeiro, Garamond, 2009.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

ENDJSO, Dag Oistein. **Sexo e religião: do baile de virgens ao sexo sagrado homossexual**. São Paulo, Geração Editorial, 2014.

FACCHINI, Regina. **Sopa de letrinhas? Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90: um estudo a partir da cidade de São Paulo**. Rio de Janeiro, Garamond, 2005.

_____. **Movimento homossexual no Brasil: recompondo um histórico**. In: Cadernos AEL, v. 10, n. 18/19, Campinas, Arquivo Edgar Leuenroth, Unicamp, 2003, p. 81-124.

_____. **“Entre compassos e descompassos: um olhar para o ‘campo’ e para a ‘arena’ do movimento LGBT brasileiro”**. In: Bagoas: Revista de Estudos Gays, v. 3, n. 4, p. 131-158, jan./jun. 2009.

FACCHINI, Regina; LINS FRANÇA, Isadora. **De cores e matizes: sujeitos, conexões e desafios no Movimento LGBT brasileiro**. In Sexualidad, Salud y Sociedad – Revista Latinoamericana, n. 3, 2009, p. 54-81, Centro Latino-Americano em Sexualidade e Direitos Humanos, Rio de Janeiro.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. São Paulo, Ed. Paz e Terra, 2014a.

_____. **História da sexualidade II: o uso dos prazeres**. São Paulo, Ed. Paz e Terra, 2014b.

_____. **História da sexualidade III: o cuidado de si**. São Paulo, Ed. Paz e Terra, 2014c.

_____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

_____. **Ditos e Escritos**: vol. 5 – Ética, Sexualidade, Política. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

FREUD, Sigmund. **Conferência XXXIII – Feminilidade**. In: Novas conferências introdutórias sobre psicanálise e outros trabalhos (1932-1936) – Coleção Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud Vol. XXII. Editora: Imago, 1974.

_____. (1908) **Fantasias histéricas e sua relação com a bissexualidade**. In: FREUD, S. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira (v. 9). Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 145-154.

_____. (1914) **Sobre o narcisismo: uma introdução**. In: Freud, S. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira (v. 14). Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 75-108.

_____. (1924) **A dissolução do complexo de Édipo**. In: Freud, S. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira (v. 14). Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 189-199.

_____. (1933 [1932]) **Novas conferências introdutórias sobre psicanálise**. In: Freud, S. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira (v. 22). Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 11-177.

FRY, Peter. **Male homosexuality and spirit possession in Brazil**. Journal of homosexuality, n. 3/4, 1986.

_____. **Para inglês ver: identidade e política na cultura brasileira**. Rio de Janeiro, Zahar, 1982.

FRY, Peter; MACRAE, Edward. **O que é homossexualidade**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

GIUMBELLI, Emerson. **Heresia, doença, crime e religião: o espiritismo no discurso de médicos e cientistas sociais**. In: Revista de Antropologia, São Paulo, USP, v. 40, n. 2, 1997a.

_____. **O cuidado dos mortos: uma história da condenação e legitimação do espiritismo**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1997b.

_____. **Religião e sexualidade: convicções e responsabilidades**. Rio de Janeiro, Garamond, 2005, 176 p.

GREEN, James N. **Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX**. São Paulo, Editora Unesp, 2000, 541 p.

HOBBSAWM, Eric J. **A era dos extremos: o breve século XX**. São Paulo, Companhia das letras, 1995.

JORGE, Marco Antonio C. **A teoria freudiana da sexualidade 100 anos depois (1905-2005)**. In: Psychê, v. XI, n. 20, São Paulo, jan.-jun./2007, p. 29-46.

LANDES, Ruth. **Matriarcado cultural e a homossexualidade masculina**. In: A cidade das mulheres. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1967.

LAQUEUR, Thomas. **Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud**. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 2001.

LEWGOY, Bernardo. **A contagem do rebanho e a magia dos números: nota sobre o espiritismo no censo 2010**. In: TEIXEIRA, Faustino & MENEZES, Renata (orgs.). Religiões em movimento: o censo de 2010. Petrópolis, Vozes, 2013.

_____. **A transnacionalização do espiritismo kardecista brasileiro: uma discussão inicial**. In: Religião e Sociedade, Rio de Janeiro, n. 28, pp. 84-104, 2008.

_____. **Representações de ciência e religião no espiritismo kardecista.** In: Civitas, v. 6, n. 2, Porto Alegre, jul.-dez. 2006, p. 151-167.

LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade.** Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 1999, p. 151-172.

LOURO, Guacira Lopes. **Teoria queer – uma política pós-identitária para a educação.** In: Revista de Estudos Feministas, v. 9, n. 2, 2001, p. 541-553.

_____. **Os estudos *Queer* e a educação no Brasil: articulações, tensões, resistências.** In: Contemporânea, v. 2, n. 2, jul./dez. 2012, p. 363-369

MACHADO, Maria das Dores Campos. **Aborto e ativismo religioso nas eleições de 2010.** Revista Brasileira de Ciências Políticas, N. 7: 25-37, 2012a.

_____. **Religião, cultura e política.** Religião & Sociedade, V. 32, p. 29-56, 2012b.

_____. **Discursos pentecostais em torno do aborto e da homossexualidade na sociedade brasileira.** Cultura y Religión, V. 17, p. 48-68, 2013.

MACHADO, Maria das Dores Campos; LINS DE BARROS, Myriam; PICCOLO, Fernanda Delvalhas. **Judaísmo e homossexualidade no Rio de Janeiro: notas de uma pesquisa.** In: Religião e Sociedade, vol. 30, n. 1, Rio de Janeiro, 2010.

MARMOLEJO, Javier Gutiérrez. **A construção sociocultural da sexualidade e do HIV-AIDS no espiritismo kardecista brasileiro.** Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Florianópolis, 2007.

MARTINS, Eduardo S. T.; LEITE, Rodrigo L.; PORTO, Tiago S.; NETTO, Oswaldo F. L. **Psicanálise e homossexualidade – da apropriação à desapropriação médico-moral.** In: IDE, v. 36, n. 57, São Paulo, jun. 2014.

MATORY, J. Lorand. **Homens montados: homossexualidade e simbolismo da possessão nas religiões afro-brasileiras.** In: REIS, João José (org.). Escravidão e invenção da liberdade. Editora Brasiliense, São Paulo, p. 215-231, 1988.

MISKOLCI, Richard. **A teoria queer e a sociologia: o desafio de uma analítica da normalização.** In: Sociologias, Porto Alegre, ano 1, n. 21, p. 150-182, jan./jun. 2009.

_____. **Pânicos morais e controle social – reflexões sobre o casamento gay.** Cadernos Pagu, v. 28, jan.-jun. de 2007.

_____. **Um saber insurgente ao sul do equador.** In: Revista Periódicus, v. 1, n. 1, p. 43-67, Bahia, 2014.

_____. **Desejos digitais: uma análise sociológica da busca por parceiros on-line.** Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2017, 303 p.

MUSSKOPF, André Sidnei. **A teologia que sai do armário: um depoimento teológico.** Impulso, ano 14, n. 34, p. 129-146, Piracicaba, 2003.

NATIVIDADE, Marcelo Tavares. **Uma homossexualidade santificada?** Religião e Sociedade, v. 30, n. 2, p. 90-121, Rio de Janeiro, 2010.

NATIVIDADE, Marcelo Tavares e OLIVEIRA, Leandro de. **“Nós acolhemos os homossexuais”:** homofobia pastoral e regulação da sexualidade. Revista TOMO, n. 14, São Cristovão, Sergipe, 2009.

OLIVEIRA, Leandro de. **O gênero dos invertidos: representações das práticas homossexuais de homens e mulheres no nascimento da sexologia brasileira.** In: Imagem & Diversidade Sexual: estudos da homocultura. São Paulo, Nojosa edições, 2004.

PARKER, Richard G. **Corpos, prazeres e paixões: a cultura sexual no Brasil.** São Paulo, Editora Best Seller, 1991, 295 p.

PAULA, P. S. R.; LAGO, M. C. S. **Da peste gay ao barebackingsex: AIDS, biopolítica e risco em saúde.** In: Ciencias sociales y educación, v.2, n. 4, p. 276-283, 2013.

PELÚCIO, Larissa. **Breve história afetiva de uma teoria deslocada.** In: Revista Florestan Fernandes – Dossiê Queer, v. 02, p. 26-45, 2014.

PEREIRA, Fabiana; MARQUES, Luciana; SPERONI, Thomas. **Um estudo sobre a noção de bissexualidade em Freud.** In: RESCAC – Revista Saúde, Corpo, Ambiente & Cuidado, v. 1, n. 1, 2, Maringá, out./dez. 2012.

PRANDI, Reginaldo. **As religiões afro-brasileiras no Censo 2010**. In: TEIXEIRA, Faustino & MENEZES, Renata (Orgs.). *Religiões em movimento: o censo de 2010*. Petrópolis: Vozes, 2013.

_____. **Os mortos e os vivos: uma introdução ao espiritismo**. São Paulo, Três estrelas, 2012.

PRESTES, Érika Aparecida; VIANNA, Túlio. **“História da criminalização da homossexualidade no Brasil: da sodomia ao homossexualismo**. In: LOBATO, Wolney; SABINO, Cláudia; ABREU, João Francisco (org.). *Iniciação científica: destaques 2007*, v. 1, Belo Horizonte: Ed. PUC Minas, 2008, p. 313-392.

RIBEIRO, Deco. **Stonewall: 40 anos de luta pelo reconhecimento LGBT**. In: COLLING, Leandro. *Stonewall 40 + o que no Brasil?* Salvador: EDUFBA, 2011.

ROSENTHAL, Gabriele. **Pesquisa social interpretativa: Uma introdução**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014.

RUBIN, Gayle. **Pensando sobre sexo: notas para uma teoria radical da política da sexualidade**. *Cadernos Pagu*, Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero Pagu, n. 21, p. 1-88, 2003.

SALIH, Sara. **Judith Butler e a teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2013.

SANTOS, Milton Silva. **Mito, possessão e sexualidade no candomblé**. *Revista Nures*, n. 8, janeiro/abril de 2008.

SCOTT, Joan W. **A invisibilidade da experiência**. In: *Projeto História*, n. 1, São Paulo: PUC, p. 297-325, 1998.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. **A epistemologia do armário**. In: *Cadernos Pagu*, n. 28, pp. 19-54, 2007.

SELL, Carlos Eduardo. **Racionalidade e racionalização em Max Weber**. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 27, n. 79, 2012.

SIGNATES, Luiz. **Espiritismo e racionalidade: o intelectual espírita e o lugar da ciência no espiritismo brasileiro**. In: *Fragments de Cultura*, v. 24, n. 4, Goiânia, 2014, p. 435-450.

SHEPPARD, J. H. **The Ouroboros and the unity of matter in alchemy: a study in origins.** In.: Journal Ambix, v. 10, n. 02, 1962. pp. 83-96.

SIMMEL, Georg. **Religião: ensaios – volume 1.** São Paulo: Olho d'Água, 2010.

_____. **Religião: ensaios – volume 2.** São Paulo: Olho d'Água, 2011.

SIMÕES, P.; ZUCCO, L. P.; MACHADO, Maria das Dores Campos, PICOLLO, F. D. **As representações da diversidade sexual no campo religioso.** Serviço social & realidade, V. 18, p. 259-296, Franca, 2009.

SOARES, Rogers. **As associações médico-espíritas e a difusão de seu paradigma de ciência e espiritualidade.** In: Debates do NER, v. 10, n. 15, Porto Alegre, 2009, p. 129-150.

SOUZA, André Ricardo. **A livre religiosidade e a compulsória ciência do sociólogo da religião.** In: Revista Contemporânea, v. 5, n. 2, 2015.

_____. **Dimensions of Christianity and the amplification of ecumenism in Brazil.** In: International Journal of Latin American Religions, v. 1, 2017, p. 1-14.

_____. **Pluralismo Cristão Brasileiro.** Goiânia: Revista Caminhos, v. 10, n. 1, pp. 129-141, 2012.

SPARGO, Tamsin. **Foucault e a teoria queer: seguido de Ágape e êxtase orientações pós-seculares.** Belo Horizonte, Autêntica editora, 2017.

TEIXEIRA, Faustino. **A presença dos espíritos no imaginário da sociedade brasileira.** Notícias do dia – IHU On-line. São Leopoldo, 9 de setembro, de 2010.

TEIXEIRA, Faustino e MENEZES, Renata (org.). **Religiões em movimento: o censo de 2010.** Petrópolis, Vozes, 2013.

TORRES, Marco Antônio. **Os significados da homossexualidade no discurso Moral-religioso da Igreja Católica em condições históricas e contextuais específicas.** In: Revista de Estudos da Religião, nº1, 2006, pp. 142-152.

TREVISAN, João S. **Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade.** Rio de Janeiro, Record, 2007, 586 p.

WEBER, Max. **Sociologia da Religião: tipos de relações comunitárias religiosas**. In: Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva. V. 1. Brasília, Editora da UnB, 1991.

_____. **Religião**. In: Ensaios de Sociologia. 5ª Ed. Rio de Janeiro, Guanabara, p. 309-410, 1982.

Referências espíritas

BARCELOS, Walter. **Homossexualidade, reencarnação e vida mental**. Votuporanga, São Paulo, Casa editora espírita Pierre-Paul Didier, 2014, 238 p.

BASTOS, Gibson. **Além do rosa e do azul: recortes terapêuticos sobre a homossexualidade à luz da doutrina espírita**. Rio de Janeiro, CELD, 2012, 178 p.

FRANCO, Divaldo Pereira. **Sexo e Consciência**. Salvador: LEAL, 2016, 584 p.

_____. **Encontro com a paz e a saúde**. Salvador: LEAL, 2014, 232 p.

_____. **Constelação familiar**. Salvador: LEAL, 2015, 197 p.

KARDEC, Allan. **O livro dos espíritos**. Brasília: FEB, 1999.

MORAIS, Regis. **Sexo e sexualidade: visão espírita**. Campinas, São Paulo, Editora Allan Kardec, 2015.

MOREIRA, Andrei. **Homossexualidade sob a ótica do espiritismo**. Belo Horizonte, AME editora, 2016, 410 p.

SOBRINHO, Paulo S. N. **Chico Xavier, verdadeiramente uma alma feminina**. Londrina: EVOC – Editora Virtual O Consolador, 2018.

XAVIER, Francisco Cândido. **Ação e reação**. Brasília: FEB, 2013, 303 p.

_____. **No mundo maior**. Brasília: FEB, 2014, 270 p.

_____. **Vida e sexo**. Brasília, FEB, 2015, 105 p.

XAVIER, Francisco Cândido; VIEIRA, Waldo. **Sexo e Destino**. Editora FEB, 2013.

Vídeos Assistidos

XAVIER, Francisco C. **Pinga Fogo com Chico Xavier 1971 – homossexualismo**. 2010. (04m02s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oU4pXinRYwM>
Acesso: 12 jan. 2018.

SIMÕES, Suzana. **CLGSvideos – Homossexualidade e a família – Suzana Simões**. Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=mQQr1aunEPc> Acesso: 12 jan. 2018.

ANDRADE, Hernani G. **Dr. Hernani Guimarães Andrade – Entrevistado por Richard Simonetti e Carlos Noronha Luz**. Disponível:

<https://www.youtube.com/watch?v=Vgc13-KR0Fs> Acesso: 13 jan. 2018

MOREIRA, Andrei. **Andrei Moreira – Homossexualidade Sob a Ótica do Espírito Imortal**. Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=2-6Y9fYJRJc> Acesso: 13 jan. 2018.

ANEXO I

Roteiro de entrevista semiestruturada.

1. Poderia começar se apresentando?
2. Quando começou seus estudos sobre o espiritismo?
3. Quais cargos e funções já exerceu em instituições espíritas?
4. Já enfrentou dificuldades para desempenhar seu papel no centro?
5. Por qual razão se interessou em estudar a homossexualidade no espiritismo?
6. Parece comum o argumento de que pessoas homossexuais devam se abster de relações sexuais e focarem sua energia sexual em prol de trabalhos criativos, acredita ser plausível tal argumento?
7. Com relação a cargos de liderança dentro dos centros espíritas, deveria haver alguma restrição às pessoas assumidamente declaradas homossexuais?
8. Em sua opinião, a realidade dos centros espíritas ainda é desfavorável a indivíduos homossexuais?
9. Consegue se lembrar de algum evento, que tenha visto ou presenciado, onde houve tratamento distinto para com homossexuais no centro?
10. Acha possível que essa realidade afaste esses indivíduos dos centros?
11. Do seu ponto de vista, quais instituições espíritas seriam fundamentais para mudança dessa realidade?
12. Acredita que os espíritas homossexuais possam cooperar com a mudança dessa realidade por defenderem sua identidade?
13. Consegue relatar mudanças que sejam perceptíveis com relação à inclusão de indivíduos homossexuais?
14. Gostaria de acrescentar algum comentário ou observação que julgue importante?

ANEXO II

Questionário CORPO e ESPÍRITO

O questionário a seguir faz parte da pesquisa de mestrado intitulada "Corpo e espírito: representações da homossexualidade no espiritismo de duas cidades paulistas". Esta pesquisa é desenvolvida por Fernando Augusto de Souza Guimarães sob a orientação do Prof. Dr. André Ricardo de Souza. Tal pesquisa está vinculada ao programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos - UFSCar e conta com o financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo - FAPESP. Salientam-se o sigilo dos dados levantados, por meio da participação anônima (não havendo coleta de nomes nem de e-mails), bem como a liberdade em se responder ou não as perguntas que se seguem. Assim, não é necessário se identificar em nenhum momento ao longo do questionário. Além disso, os participantes e outros interessados poderão acessar os dados levantados a partir do questionário, bem como o texto final resultante da pesquisa através do contato por meio do email: fasgui@gmail.com.

Desde já agradecemos a cooperação por meio da participação.

Atenciosamente,

Fernando A. S. Guimarães

1. Qual a sua idade?

2. Como se identifica:

homem

mulher

outros

3. Frequenta o centro há quanto tempo?

há 1 ano ou menos

entre 1 e 2 anos

entre 2 e 4 anos

entre 4 e 10 anos

há mais de 10 anos

4. Qual sua frequência nas atividades e palestras do centro?

- 1 vez por semana
- 2 vezes por semana
- 3 vezes por semana
- 4 vezes ou mais por semana

5. Já frequentou algum curso oferecido pelo centro?

- sim
- não
- sim, mas não concluí

6. Qual sua religião de origem? (pode-se assinalar mais de uma opção)

- católico
- espírita
- cristão
- evangélico
- kardecista
- outro _____

7. Acredita que as pessoas possam nascer homossexuais?

- sim
- não

8. Do seu ponto de vista, pessoas que se identificam como homossexuais recebem tratamento igualitário por parte dos médiuns, dirigentes e frequentadores do centro?

- sim
- não

9. Acredita que pessoas que se identificam como homossexuais possam atuar em cargos de liderança dentro do centro?

- sim
- não

10. Caso concorde que homossexuais possam exercer atividades no centro, selecione quais dessas atividades seriam possíveis:

- fazer trabalho mediúnico e assistencial

fazer apenas alguns trabalhos, evitando por exemplo a evangelização de crianças

fazer só trabalho assistencial, mas nenhum mediúnico

11. Em sua opinião, a homossexualidade é: (Pode-se assinalar mais de uma opção)

normal

resultado de trauma psicológico

provação resultante de erros em vidas pretéritas

é sinal de baixa moralidade

12. Acredita que espíritos obsessores poderiam ser responsáveis por desejos homossexuais?

sim

não

talvez

13. Acredita ser possível e salutar tratar pessoas homossexuais para reverter sua condição?

não

sim

14. Caso acredite na possibilidade de tratamento para homossexuais, qual o tipo de tratamento considera adequado? (Pode-se assinalar mais de uma opção)

psicológico

psiquiátrico

espiritual

outro

15. Em sua opinião, é necessário que as pessoas se identifiquem como homossexuais?

sim

não

talvez

16. Consideraria aceitável que um casal homossexual entrasse no centro de mãos dadas?

sim não

17. Conhece alguma das obras espíritas mencionadas abaixo: (Pode-se assinalar mais de uma opção)

A homossexualidade sob a ótica do espírito imortal; de Andrei Moreira

Sexo e Destino; do Espírito André Luiz, psicografado por Francisco Cândido Xavier e Waldo Olliveira

Além do azul e do rosa; de Gibson Bastos

Sexo e sexualidade, visão espírita; de Regis Morais

Vida e Sexo; de Emmanuel, psicografado por Francisco Cândido Xavier

Homossexualidade, reencarnação e vida mental; de Walter Barcelos

Sexo e Consciência; de Divaldo Franco